

# MANUAL DE LITERATURA

## Guia Prático da Língua Portuguesa

**Patrícia Martins**

*Origem e Conceito de Literatura*

*Escolas Literárias e Autores:  
da Idade Média ao Modernismo*

*Trechos e Análises de Obras  
pedidas nos Vestibulares*

*Questões de Vestibulares*

**Teresinha de Oliveira Ledo**

*Formação da Literatura Brasileira:  
das Origens à Época Contemporânea*

*Trechos e Análises de Obras  
pedidas nos Vestibulares*

*Questões de Vestibulares*



DIFUSÃO  
CULTURAL  
DO LIVRO

**Editor**

Raul Maia

**Produção Editorial**

Departamento Editorial DCL

**Produção Gráfica**

Nelson Pastor

**Capa**

Antonio Briano

**Diagramação**

Thiago Nieri

**Revisão**

Caio Alexandre Bezarias

Sumaya de Souza Lima



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ledo, Teresinha de Oliveira

Manual de literatura : literatura portuguesa,  
literatura brasileira / Teresinha de Oliveira

Ledo, Patrícia Martins. -- São Paulo : DCL,  
2001. -- (Guia prático da língua portuguesa)

Bibliografia.

ISBN 85-7338-428-X

1. Literatura brasileira 2. Literatura  
portuguesa I. Martins, Patrícia. II. Título.  
III. Série

CDD-869.9

-869.87

01-0290

**Índices para catálogo sistemático:**

- |                          |        |
|--------------------------|--------|
| 1. Literatura brasileira | 869.9  |
| 2. Literatura portuguesa | 869.87 |



**DIFUSÃO  
CULTURAL  
DO LIVRO**

Proibida reprodução total ou parcial  
Direitos exclusivos desta publicação:  
© Difusão Cultural do Livro Ltda.  
Rua Manoel Pinto de Carvalho, 80  
CEP: 02712-120 – São Paulo – Brasil  
dcl@editoradcl.com.br

## Introdução

---

No mundo atual, escrever é sempre importante, necessário e freqüente. Mostrar que você sabe comunicar-se (bem), usando a escrita, é um dos fundamentos da capacidade de ser e realizar, da cidadania e da competência. A tão propalada era do computador que, muitos afirmavam, iria diminuir drasticamente a necessidade de papel e de escrever, fez o inverso: nunca tanta informação e conhecimento circularam entre tantas pessoas e de modo tão rápido, nunca as pessoas se comunicaram tanto (via e-mails, chats, impressos etc), fazendo com que todos escrevamos mais e mais.

Apesar de tantas inovações trazidas pela era da modernidade, algo certamente permanece incólume nos dias atuais: a relevância da tradição literária em língua portuguesa. A partir de dois países, Portugal e Brasil, unificados pela expansão marítima e econômica iniciada no século XV, edificou-se uma gama forte e admirável de obras que revelaram, literariamente, os costumes, as angústias, as conquistas e derrotas de conjuntos sociais que igualmente ascenderam e decaíram ao longo da história.

É certo que não apenas esse descompromissado caráter documental torna relevante o

estudo das obras literárias, mas também compreender e avaliar a evolução da nossa própria língua e as diferentes estéticas que dela se apossaram para, ou permitir a manutenção das normas sociais vigentes, ou sutilmente relatar suas agruras ou, mais freqüentemente rebater e revolucionar essas normas a partir da escrita. Houve e há diferentes “estratégias” de expressão da língua, que enriqueceram e inseriram essa cultura literária no contexto mundial, desde os primórdios da literatura portuguesa até finalmente chegarmos a uma literatura de caráter efetivamente brasileiro.

Foi pensando em levar ao seu conhecimento toda a trajetória de nossos principais autores e obras de língua portuguesa que elaboramos esse prático e indispensável *Manual de Literatura*, para auxiliá-lo na análise e compreensão do contexto em que se manifestaram os principais movimentos e escolas literárias, no Brasil e em Portugal, e quais suas contribuições e influências na literatura do século XX. Através de uma visão concisa, mas sólida e bem fundamentada, este guia vai ajudá-lo a enfrentar as questões de vestibulares das principais faculdades e universidades do país.

Aproveite o estudo e boa sorte!



# Índice

---

## LITERATURA PORTUGUESA

Introdução .....	1	Arcadismo .....	43
Panorama da Literatura Portuguesa .....	2	Resumo do Arcadismo .....	50
O que é Literatura? .....	3	Romantismo .....	51
Onde se iniciou a Literatura? .....	6	Primeira Geração .....	52
Antigüidade Clássica .....	6	Segunda Geração .....	60
<i>A Ilíada e a Odisséia</i> .....	6	Terceira Geração .....	63
Principais autores .....	8	Resumo do Romantismo .....	65
Idade Média .....	10	Realismo .....	66
As cantigas .....	10	Resumo do Realismo-	
Novelas de cavalaria .....	14	Naturalismo .....	84
Resumo do Trovadorismo .....	18	Simbolismo .....	85
Humanismo .....	19	Resumo do Simbolismo .....	94
A poesia palaciana .....	21	Modernismo .....	95
O teatro popular .....	21	Primeira Geração	
Resumo do Humanismo .....	26	(1915-1927) .....	96
Renascimento .....	27	Segunda Geração	
Resumo do Renascimento .....	34	(1927-1940) .....	109
Barroco .....	35	Terceira Geração	
A estética barroca .....	35	(1940 até os dias atuais) .....	111
Resumo do Barroco .....	42	Resumo do Modernismo .....	115
		A Narrativa do Pós-Guerra .....	116
		A Poesia do Pós-Guerra .....	122
		Questões de vestibulares .....	123
		Respostas .....	158

**LITERATURA BRASILEIRA**

Introdução .....	160	Resumo do Realismo- Naturalismo .....	239
Quinhentismo .....	161	Parnasianismo .....	241
Literatura Informativa .....	161	Resumo do Parnasianismo ..	248
A literatura jesuítica .....	165	Simbolismo .....	249
Influências posteriores da literatura informativa .....	167	Resumo do Simbolismo .....	253
Resumo do Quinhentismo ...	168	Pré-Modernismo .....	254
Barroco .....	169	Resumo do Pré- Modernismo .....	253
Poesia .....	170	Modernismo .....	259
Prosa .....	174	Antecedentes e a Semana de Arte Moderna .....	259
As Academias .....	177	Conseqüências da Semana de Arte Moderna .....	260
Resumo do Barroco .....	178	Primeira Geração do Modernismo (1922-1930) .....	261
Arcadismo .....	179	Segunda Geração do Modernismo (1930-1945) .....	267
Resumo do Arcadismo .....	192	Terceira Geração do Modernismo (1945 até a atualidade) .....	279
Romantismo .....	193	Resumo do Modernismo .....	291
Poesia .....	194	Tendências Contemporâneas (1960 até a atualidade) .....	292
Primeira Fase: Nacionalista ou Indianista .....	195	Poesia .....	292
Segunda Fase: O Mal-do-Século ou Geração Byroniana .....	199	Prosa .....	294
Terceira Fase: Condoreira .....	211	Leituras Obrigatórias (Literatura Brasileira) da UNICAMP 2001-2002-2003 .....	295
Prosa .....	214	Questões de Vestibulares .....	314
Teatro .....	225	Respostas .....	344
Resumo do Romantismo .....	225	Bibliografia .....	345
Realismo-Naturalismo .....	226		

# LITERATURA PORTUGUESA

---

---

## Introdução

---

---

A pesquisa realizada sobre **Literatura Portuguesa** tem como primordial objetivo retratar as estéticas que existiram durante um longo período de grandes transformações por todo o mundo e, em especial, em Portugal.

Por todo o livro, poderão ser constatados os principais fatos históricos sofridos pelos estilos literários e suas determinadas conseqüências para a elaboração das mais belas obras portuguesas.

Esta viagem por todo o universo literário português poderá ser abarcada por alunos do ensino médio, vestibulandos e por estudantes de nível superior.

Preocupe-me, em primeiro plano, em explicitar o que é Literatura, e citar os primeiros registros encontrados no mundo a respeito do que viria posteriormente a se tornar essencial à vida de estudantes e literatos.

Segundo Van Loon, a Literatura “*é universal, mas não está ligada em particular a este ou àquele país ou período histórico. É de fato tão antiga quanto a raça humana e é inerente ao homem, como são parte dele os olhos ou os ouvidos, a fome e a sede*”.

Como marco inicial à Literatura Portuguesa, tomei como ponto de partida

as obras épicas de Homero – a *Iliada* e a *Odisséia*, de origem grega, que serviram de incentivo a autores portugueses importantíssimos como é o caso de Camões, com sua obra *Os Lusíadas*, e Fernando Pessoa, com *Mensagem*. Ambas as obras possuem traços idênticos às duas obras citadas de Homero.

Outros autores sofreram influências de obras francesas e americanas; nossos saudosos artistas portugueses, no entanto, enriqueceram obras que vieram a surgir depois destes – refiro-me à Literatura Brasileira.

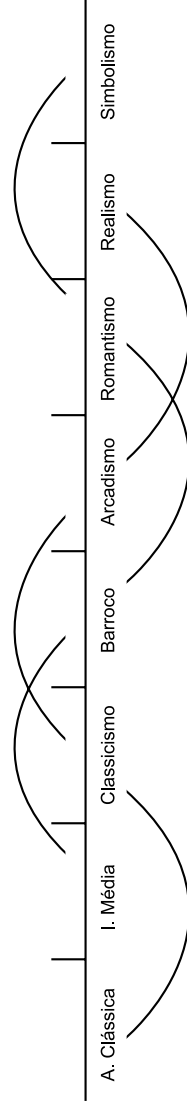
É claro que muitos estudiosos e professores acreditarão que trabalhar somente com esta obra será incompleto devido à complexidade do tema, mas poderá servir de base a estudos mais aprofundados.

Para moldar este livro, dispus-me a pesquisar literatos importantes de nossa história: baseei-me em Salvatore D’Onofrio, Massaud Moisés e José Antônio Saraiva.

Por fim, agrupei certas questões apresentadas por faculdades e universidades em seus vestibulares e processos seletivos para fixar os estudos e preparar estudantes para uma nova etapa de suas vidas – o ensino superior.

# Panorama da Literatura Portuguesa

Trovadorismo	Humanismo	Classicismo	Barroco	Arcadismo	Romantismo	Realismo	Simbolismo	Modernismo
Século XI	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XIX	XIX	XX
Era Medieval		Era Clássica			Era Romântica			Era Contemporânea
Teocentrismo				Rev. Francesa				
Feudalismo	Antropocentrismo		Contra-Reforma	Iluminismo		Positivismo	Psicologia	Neo-Realismo



## O que é Literatura?

---

A Literatura teve sua origem mais ou menos paralela ao surgimento da escrita, há milhares de anos atrás, criada pelo homem com o objetivo de conservar a sua história através de epopéias e lendas, e controlar a natureza, criando-se os mitos e religiões.

Em recentes pesquisas de estudiosos e historiadores, descobriu-se que a Literatura é anterior à escrita. Certas lendas e canções eram feitas oralmente e, neste caso, não existia um autor específico – a literatura era oral, anônima e coletiva. Somente com o surgimento da escrita é que a Literatura tomou forma e ganhou a figura do autor.

Literatura nada mais é do que uma combinação de palavras com uma intenção estética, cujos gêneros podem ser classificados em epopéia, poema e teatro.

Ao combinarem-se as palavras, alcança-se novos significados (metáforas), sobre os quais o escritor acaba criando sua própria realidade através da imaginação. Portanto, dizemos que a Literatura é invenção, e o autor cultiva essa realidade imaginária através de situações básicas da vida, sua visão do mundo, seu talento e sua sensibilidade.

É pelo contentamento (ou não) com realidade que o autor procura descrever a vida através de uma linguagem pessoal, porém se preocupando com a compreensão do leitor.

Então, o autor cria ficção, ao fugir da realidade, mas não da contextualidade. Em sua obra literária, são encontrados os elementos essenciais – conteúdo, que é a mensagem da obra, as idéias que o autor quer transmitir; e forma que é como o autor empregou a palavra para elaborar seu texto.

Diante destas colocações, é necessário ressaltar que a Literatura se constitui de três gêneros literários, neste capítulo brevemente definidos, mas sempre retomados ao longo deste trabalho.

- **Gênero lírico** – trata-se de uma revelação subjetiva de uma exposição dos sentimentos humanos, como a alegria, a tristeza, o amor, a inquietação, a fatalidade etc. Este gênero apresenta-se em versos.

Exemplo de um texto lírico:

### **Motivo**

Eu canto porque o instante existe  
E a minha vida está completa  
Não sou alegre nem sou triste:  
Sou poeta.

Irmão das coisas fugidias.  
Não sinto gozo nem tormento.  
Atraveso noites e dias  
No vento.

Se desmorono ou se edifico,  
Se permaneço ou me desfaço,

– *não sei, não sei. Não sei se fico*  
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno e asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:

– *mais nada.*

MEIRELES, Cecília. *Antologia Poética*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Do Autor, 1963, p. 7.

- **Gênero épico** – trata do mundo exterior e das relações do homem com este mundo. Este gênero é mais objetivo e há a predominância de um narrador que conta um fato, num ambiente dotado de elementos como: tempo, espaço, personagem e ação. O personagem, na sua totalidade, é um herói que exemplifica todo o heroísmo e qualidades de um povo.

Exemplo de um texto épico:

### ***Grande sertão: veredas***

(fragmento)

Esbandalhados nós estávamos, escatimados naquela esfrega. Esmo-recidos é que não. Nenhum se lastimava, filhos do dia, acho mesmo que ninguém se dizia dar por assim. Jagunço é isso. Jagunço não se escabreia como perda nem derrota – quase que tudo para ele é o igual. Nunca vi. Para ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final. E todo mundo não presume assim? Fazendeiro, também? Querem é trovão em outubro e a tulha cheia de arroz. Tudo que eu mesmo, do que mal houve, me esquecia. Tornava a ter fé na clareza de Medeiro Vaz, não desfazia mais nele,

digo. Confiança – o senhor sabe – não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa. E despaireci meu espírito de ir procurar Otalícia, pedir em casamento, mandado de virtude. Fui logo, depois de ser cinza. Ah, a algum, isto é que é, a gente tem de vassalar. Olhe: Deus como escondido, e o diabo sai por toda parte lambendo o prato... Mas eu gostava de Diadorim para poder saber que estes gerais são formosos.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 8ª ed. Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1972, p. 45.

- **Gênero dramático** – trata-se do gênero em que os personagens falam diretamente, expondo seus dramas e conflitos. O texto dramático é feito para a encenação teatral, ou seja, é representado por atores, que encarnam os personagens.

Exemplo de um texto dramático:

### ***A Ceia dos Cardeais***

(fragmento)

*Cardeal Rufo, acercando-se também*  
*do Cardeal Gonzaga*

Em que pensa, cardeal?

*Cardeal Gonzaga, como quem*  
*acorda, os olhos cheios de brilho, a*  
*expressão transfigurada*

Em como é diferente o amor de Portugal!

Nem a frase sutil, nem o duelo sangrento...

É o amor coração, é o amor sentimento.

Uma lágrima... Um beijo... Uns sinos  
a tocar...

Um parzinho que ajoelha e que se  
vai casar.

Tão simples tudo! Amor, que de ro-  
sas se inflora:

Em sendo triste canta, em sendo  
alegre chora!

O amor simplicidade, o amor delica-  
deza...

Ai, como sabe amar, a gente portu-  
guêsa!

Tecer de Sol um beijo, e, desde ten-  
ra idade,

Ir nesse beijo unindo o amor com a  
amizade,

Numa ternura casta e numa esti-  
ma sã,

Sem saber distinguir entre a noiva  
e a irmã...

Fazer vibrar o amor em cordas mis-  
teriosas

Como se em comunhão se enten-  
dessem as rosas,

Como se todo o amor fôsse um amor  
samente...

Ai, como é diferente! Ai, como é di-  
ferente!

*Cardeal Rufo*

Também Vossa Eminência amou?

*Cardeal Gonzaga*

Também! Também!

Pode-se lá viver sem ter amado  
alguém!

Sem sentir dentro d'alma — ah, po-  
dê-la sentir! —

Uma saudade em flor, a chorar e  
a rir!

Se ame! Se ame! — Eu tinha uns  
quinze anos, apenas.

Ela, treze. Um amor de crianças pe-  
quenas,

Pombas brancas revoando ao abrir  
da manhã...

Era minha priminha. Era quase uma  
irmã.

Bonita não seria... Ah, não... Tal-  
vez não fôsse.

Mas que profundo olhar e que ex-  
pressão tão doce!

Chamava-lhe eu, a rir, a minha mu-  
lherzinha...

Nós brincávamos tanto! Eu senti-a  
tão minha!

Tôda a gente dizia em pleno po-  
voador:

“Não há noiva melhor para o se-  
nhor morgado,

Nem em capela antiga há santa  
mais santinha...”

E eu rezava, baixinho: “É minha! É  
minha! É minha!”

Quanta vez, quanta vez, cansados  
de brincar,

Ficávamos a olhar um para o outro,  
a olhar,

Todos cheios de Sol, ofegantes  
ainda...

*Numa grande expressão de dor:*

Era feia, talvez, mas Deus achou-a  
linda...

E, uma noite, a minha alma, a minha  
luz, morreu!

## Onde se iniciou a Literatura?

---

A Literatura Portuguesa teve seu início durante a Idade Média, porém, é primordial salientar a importância das literaturas grega e latina, pois foi através delas que muitos autores portugueses se engajaram no caminho literário e se fixaram na história das artes.

Em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, observamos a grandiosidade dos feitos e a exaltação do herói, que desbrava aventuras mágicas e percorre caminhos de vida ou de morte. Tal como o astucioso Ulisses e o bravo Aquiles enaltecidos por Homero, ou do nobre Enéas de Virgílio, Vasco da Gama ora enfrentará a fúria de deuses e outros seres fantásticos, ora por outros será protegido e mantido alerta sobre os perigos que estão por vir. Todos são, por fim, figuras imaginárias que servem de modelo ao homem, seja ele antigo ou medieval.

Interessante conhecermos algumas manifestações literárias da Grécia Antiga e, em seguida, entraremos no percurso da Literatura Portuguesa.

### Antigüidade Clássica

---

Teve seu início no século IX a.C., com o surgimento, na Grécia, das primeiras manifestações da arte literária, através das obras *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero, e estendeu-se até o final do século V d.C.

No princípio, a literatura narrava os feitos de personagens heróicos – suas derrotas e vitórias. Este gênero ficou conhecido como gênero épico. Posteriormente, deu-se lugar aos deuses para protagonizarem histórias de amor e ciúme; ganharam aspecto humano e passaram a sentir e agir como mortais; e configurou-se o gênero lírico. E, por fim, surgiu o teatro com o objetivo fundamental de emocionar o público através dos aspectos cômicos e trágicos – o gênero dramático.

### A *Ilíada* e a *Odisséia*

---

Estas duas obras representam os dois maiores modelos de epopéia e têm como principais características a narrativa em grandes dimensões, que retrata o tema de modo heróico, na maioria das vezes, sobrecarregando-o de elementos fantásticos e sobrenaturais.

A presença do mito tem papel fundamental, pois, este irá mostrar outra forma de ver o mundo e estreitar a distância entre o humano e o divino.

Suas narrativas focalizam episódios ocorridos durante a guerra de gregos e troianos e têm, como personagens principais, os heróis lendários Aquiles e Ulisses, cruéis e sanguinários, porém justos e generosos.

### ***Ilíada e Odisséia***

Os acontecimentos da *Ilíada* e da *Odisséia* se passam durante e depois da Guerra de Tróia, guerra esta ocorrida entre a Grécia e a cidade de Tróia, aproximadamente no século XII a.C. Muitos acreditam que os poemas foram escritos entre 800 e 700 a.C. Baseia-se a data em referências, encontradas nos poemas, às condições sociais da época.

#### ***A Ilíada***

É o mais antigo poema grego, entre os que sobreviveram. Foi escrito por Homero por volta do séc. VIII a.c. e descreve acontecimentos do último ano da guerra de Tróia, que durou cerca de dez anos.

Inicia-se a guerra devido ao rapto de Helena, de Esparta, por Páris, herdeiro do trono troiano. Em busca da filha de seu irmão Menelau, Agamênon chefia o exército de heróis gregos, dentre eles, o orgulhoso guerreiro Aquile.

A história cobre 54 dias, e a ação ocorre, em sua maior parte, em campo grego, mas também dentro dos muros de Tróia e nas áreas próximas.

Uma disputa ocorre entre Agamênon e Aquiles, o mais forte dos jovens heróis gregos: Aquiles reclama por maior recompensa devido aos seus serviços aos gregos; Agamênon, por sua vez, acha que Aquiles não demonstra respeito bastante a sua posição como comandante do exército. O conflito faz Aquiles abandonar a guerra e, sem seu auxílio, os gregos são expulsos pelas forças troianas lideradas por Heitor, ir-

mão de Páris e filho do rei Príamo. Pátroclo, o mais próximo amigo de Aquiles, vai lutar no exército para ajudar os gregos, mas é morto por Heitor, Aquiles retorna à guerra em busca de vingança, e concretiza seu intento fora de Tróia: Heitor é morto, e seu funeral finaliza o poema.

#### ***A Odisséia***

A *Odisséia* é formada por 24 capítulos e tem lugar em um período de dez anos, no séc. XII a.c.. O poema começa quando grande parte de sua ação já havia ocorrido.

É a obra mais influente e popular da antiga literatura grega. Figura entre as maiores histórias de aventuras da literatura de todos os tempos, servindo de modelo para obras posteriores do mesmo gênero.

A *Odisséia* foi composta pelo poeta grego Homero e tem como personagem principal Ulisses, rei de Ítaca. A obra descreve as aventuras de Ulisses ao tentar regressar a sua terra natal, depois da vitória da Grécia na guerra de Tróia.

A história começa na ilha de Igígia, onde Ulisses cai prisioneiro da ninfa Calipso durante sete anos. Durante um conselho de deuses no Olimpo, Zeus decide que é chegada a hora de Ulisses voltar para sua esposa Penélope, em Ítaca, onde seu palácio encontrava-se ocupado por um grupo de jovens nobres e desregrados. Os nobres pressionam Penélope a admitir a morte de seu marido e a casar-se com um deles, escolhendo assim um novo rei para Ítaca.

O filho de Ulisses, Telêmaco, alertado pela deusa Atena, viaja em busca de notícias de seu pai, e suas viagens tornam-se parte da história.

Enquanto isso, o deus Hermes faz Calipso libertar Ulisses, que mais tarde naufraga em alto mar devido à ira de Poseidon. Ao fim da tempestade causada pelo deus dos mares, o herói é encontrado por Nausícaa, filha do rei dos Feacos.

Ulisses descreve aos Feacos suas aventuras desde a guerra de Tróia, conta sua visita à terra dos comedores de lótus, flor cujos poderes mágicos fazem as pessoas esquecerem a sua terra natal. Vencendo a resistência de seus homens, que não desejavam continuar a viagem, Ulisses e sua frota acabam capturados em uma ilha por Polifemo, um dos Ciclopes, gigantes de um olho só. Conseguem escapar, mas o barco em que estavam é desviado de seu curso pelo vento. Chegam à ilha da feiticeira Circe, que transforma em porcos os homens de Ulisses e o torna seu amante.

Advertido de que, para regressar a seu país, precisava descer aos infernos para consultar o profeta Tirésias, ele faz o que lhe é aconselhado, e nos infernos, Ulisses vê a alma de sua mãe e dos heróis da guerra de Tróia, além de testemunhar a punição dos pecadores. Tirésias indica-lhe o caminho de volta e Circe lhe ensina a evitar os monstros marinhos Cila e Carible. Adverte-o, ainda, com relação às sereias, ninfas do mar que utilizam seu belo canto para atrair os viajantes para a morte numa ilha mágica.

O barco de Ulisses passa por muitos perigos e parece pronto para atingir Ítaca sem mais problemas. Porém, alguns de seus homens haviam roubado e comido o gado sagrado do sol na ilha de Trinácia, e, como punição, um raio destrói a embarcação e se afogam. Ulisses consegue se salvar, mas é preso na ilha de Calipso, onde a história começou.

Quando Ulisses termina de narrar sua história, os Feacos o conduzem a uma praia deserta de Ítaca. Lá, Atena conta-lhe sobre os nobres em seu palácio e o aconselha a retornar disfarçado, para sua própria segurança. Vestido como mendigo, Ulisses chega a seu palácio, onde os nobres participam de um concurso: desposaria Penélope quem conseguisse usar o arco do rei desaparecido. Ulisses ganha o concurso, mata os nobres e é reconhecido por Penélope.

## Principais Autores

Encontramos, na Antigüidade Clássica, diversos autores que fizeram história na arte literária, tais como:

- **Homero** – viveu entre os séculos IX e VIII a C, na cidade de Esmirna e recolheu a poesia que, até então, era oral. Escreveu as duas maiores poesias épicas: *Ilíada* e *Odisséia*.
- **Hesíodo** – descreveu a origem do mundo e dos deuses, reunindo-os em sua obra *Teogonia*. Preocupava-se com as emoções do homem e

- desprezava a guerra. Foi ele o responsável pelo surgimento da poesia lírica.
- **Píndaro** – poeta dos Jogos Olímpicos, foi o símbolo do amor dos gregos pelo esporte e pela beleza do corpo masculino.
  - **Esopo** – autor quase lendário, viveu em Atenas no século V; escreveu fábulas que ensinavam sobre o bem e o mal, através de figuras de animais que assumiam as virtudes e os defeitos do ser humano.
  - **Ésquilo** – precursor da dramaturgia. Escreveu mais de 80 obras e foi o primeiro grande autor trágico.
  - **Sófocles** – deu continuidade à obra de Ésquilo e escreveu *Édipo Rei*, considerado o “drama de todos nós” (segundo Sigmund Freud, pai da psicanálise).
  - **Eurípedes** – revolucionou a técnica teatral. Preocupava-se com a reflexão sobre controvérsias intelectuais, políticas e éticas. Escreveu *Medéia*.

## Idade Média

---

Inicia-se no final do século V, com o avanço do Cristianismo, estendendo-se até o século XV. Neste período há uma preocupação com os ideais gregos e judaicos em relação ao Novo Testamento. Surgem a literatura cortesã e as novelas de cavalaria. Este período da literatura fica conhecido como **Trovadorismo** (1198 – 1434).

O Trovadorismo foi o primeiro movimento literário no mundo ocidental e apresentou a realidade da época. Suas poesias eram acompanhadas por instrumentos musicais como a lira, a harpa, a rabeça, o alaúde, a flauta, o tamborete, o címbalo e outros.

O primeiro documento literário de que se tem notícia em Portugal é a *Cantiga da Ribeirinha*, escrita por Paio Soares de Taveirós em 1198. Tal obra é dotada de lirismo e sátira, porém, é classificada como cantiga de amor. Esta cantiga é oferecida a Maria Pais Ribeiro (Ribeirinha), amante de D. Sancho I, então rei de Portugal.

A literatura cortesã se desenvolveu no sul da França, na Provença, enquanto que as novelas de cavalaria se desenvolveram no norte da França. Surgiu com Guilherme de Aquitânia, que criou o **amor idealizado, ou seja, seu objetivo era centrado no amor impossível entre a mulher amada e o poeta (trovador)**. Entre os autores de cantigas destacam-se D. Dinis, Paio Soares de Taveirós, Martim Codax, D. Afonso Men-

des de Besteiros, Fernando Esguio, João Garcia de Guilhade, João Zorro, Airas Nunes de Santiago e Nunes Fernandes Torneol.

A novela de cavalaria teve como precursor o francês Chrétien de Troyes, autor de *Lancelot*. Em oposição à primeira, as novelas de cavalaria desenvolveram-se sob a forma de narrativas e retratavam o amor concreto e mais realista. As relações amorosas se davam entre nobres. De caráter pagão, os poetas exaltavam a valentia, a aventura e a capacidade de conquista. Surgiram, então, as narrativas centradas no rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda.

### As cantigas

---

Criadas por trovadores, poetas das cortes feudais, retratavam sentimentos amorosos entre cavaleiros e damas da nobreza (cantigas de amor) ou entre uma jovem compesiva e seu amante distante (cantigas de amigo).

- **Cantigas de amigo** – de origem galaico-portuguesa, são marcadas por um eu-lírico feminino, uma donzela que fala sobre seu problema amoroso, seja através de um monólogo íntimo, seja através de um confidente, simbolizada pela figura da mãe, irmã, amiga ou até mesmo algum elemento da natureza (flores, árvores...).

A cantiga de amigo possui um aspecto folclórico, pois retrata um determinado ambiente ou costume repleto de sentimento amoroso burguês. Desse modo, pode ser uma bailada, romaria, barca-rola, pastorela ou alba. De caráter narrativo e descritivo, retrata as relações afetivas entre pessoas de níveis sociais inferiores. O amor é singelo e espontâneo.

Normalmente, estas cantigas narram a partida do namorado para combater os mouros, surgindo, assim, aspectos como a solidão, a tristeza e a saudade. Os versos apresentam musicalidade e ritmo, com repetição total ou parcial do refrão.

### ***Cantiga de amigo***

Ondas do mar de Vigo,  
se vistes meu amigo!  
e ai Deus, se verá cedo!

Ondas do mar levado,  
se vistes meu amado!  
e ai Deus, se verá cedo!

Se vistes meu amigo,  
o por que eu suspiro!  
e ai Deus, se verá cedo!

Se vistes meu amado  
por que hei gran cuidado!  
e ai Deus, se verá cedo!

(adaptação)

Ondas do mar de Vigo,  
se vistes meu amigo!  
e ai Deus, voltará cedo?

Ondas do mar levantado,  
se vistes meu amado!  
e ai Deus, voltará cedo?

Se vistes meu amigo,  
aquele por quem suspiro,  
e ai Deus, voltará cedo?

Se vistes meu amado  
que me pôs neste cuidado,  
e ai Deus, voltará cedo?

CODAX, Martim. *Cantares dos trovadores galego-portugueses*. Seleção, introdução, notas e adaptação de Natália Correia. Lisboa: Editorial Estampa, 1970, p. 76.

No poema acima, o poeta assume a fala da mulher enamorada.

### ***Cantiga de amigo***

(Aires Nunes)

Bailemos nós já tôdas três, ai  
[amigas,  
so aquestas avelaneiras frolidas,  
e quen for velida, como nós, velidas,  
[se amig'amar,  
so aquestas avelaneiras frolidas  
[verrá bailar.

Bailemos nós já tôdas três, ai  
[irmanas,  
so aqueste ramo destas avelanas,  
e quen bem parecer, como nós  
[parecemos, se amig'amar,  
so aqueste ramos destas avelanas  
[verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, ment'al non  
[fazemos,

so aqeste ramo frovido bailemos  
 e quen ben parecer, como nós  
     [parecemos, se amig'amar,  
 so aqeste ramo so lo que nós  
     [verrá bailar.

- **Cantigas de amor** – originária de Provença, sul da França, a cantiga de amor chegou a Portugal através de casamentos, peregrinações, cruzadas entre os reinos, dando início às primeiras manifestações do lirismo subjetivo, reunidas na coletânea *Cancioneiro da Ajuda*.

Sua característica principal revela sempre a fala de um homem a uma senhora da nobreza – é o chamado amor cortês. Os ambientes desta poesia são os arredores do palácio, campo ou vilas em construção. Mostra uma diferença de classe social, e neste caso, o homem está sempre abaixo da camada social da amada. O amor baseia-se na relação vassalo/senhor, refletindo o sistema feudal e a divisão de classe social: nobreza – clero – povo.

A cantiga de amor é marcada pelo eu-lírico masculino e sofredor, sua amada é chamada por ele de “mia senhor”, de novo um reflexo da relação vassalo/senhor feudal.

Não se revela o nome da dama, cultivando seu amor em segredo. Dessa forma, a mulher é idealizada, inatingível e sempre colocada num plano elevado. Essa relação é conhecida por “coita d’amor”(amor-sofredor).

### **Cantiga de amor**

Quer'eu a Deus rogar de coração,  
 com'ome que é cuitado d'amor,  
 que el me leixe veer mia senhor  
 mui ced'; e se m'el non quiser' oïr,  
 logo lh'eu querrei outra ren pedir:  
 que me lon leixe mais eno mundo  
     [viver!

E se m'el á de fazer algum bem,  
 oïr-mi-á questo que lh'eu rogarei,  
 e mostrar-mi-á quanto bem  
     [no mundo'ei,

E se mi-o el non quiser “amostrar,  
 logo lh'eu outra ren querrei rogar:  
 que me non leixe mais eno  
     [mundo viver!

E se m'el amostrar'a mia senhor,  
 que am'eu mais ca o meu coração,  
 vedes, o que lhe rogarei enton:  
 que me dê seu Ben que m'ê  
     [mui mester;  
 e roga-lh'ei que, se non fezer',  
 que me non leixe mais eno mundo  
     [viver!

E roga'-lh'ei, se me Ben á fazer,  
 que el me leixe viver en logar  
 u a veja e lhe possa falar,  
 por quanta coita me por ela deu;  
 se non, vedes que lhe rogarei eu:  
 que me non leixe mais eno  
     [mundo viver!

No poema acima, o trovador dirige-se à dama, que, quase sempre é indiferente às suas súplicas.

### **Cantiga de amor**

(Bernardo Bonaval)

A dona que eu am'e tenho por  
[senhor  
amostrade-mh-a Deus, se vos en  
[prazer fôr,  
se non dade-mh-a morte.

A que tenh'eu por lume dêstes olhos  
[meus  
e por que choran sempre  
[amostrade-me-a Deus,  
se non dade-mh-a morte.

Essa que Vós fezestes melhor  
[parecer  
De quantas sei, ai Deus,  
[fazede-me-a ver,  
Se non dade-mh-a morte.

Ai Deus, que me-a fizestes mais ca  
[mim amar,  
Mostrade-me-a u possa com ela  
[falar,  
Se non dade-me-a morte.

Neste período também surgiram cantigas satíricas, nas quais os trovadores portugueses criticavam ou ridicularizavam situações do cotidiano. Esse tipo de cantiga divide-se em cantigas de maldizer, na qual se falava mal de pessoas conhecidas, através de um vocabulário de baixo calão; e cantigas de escárnio, onde se fazia crítica às pessoas, de maneira irônica, porém, sem citação de nomes.

### **Cantiga de maldizer**

Ai dona fea! foste-vos queixar  
porque vos nunca louv' en meu trobar,  
mais ora quero fazer un cantar  
en que vos loarei tôda via;  
e vêdes como vos quero loar:  
dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea! se Deus me perdon!  
e pois havedes tan gran coraçõ  
que vos eu loe en esta razon,  
vos quero já loar tôda via;  
e vêdes qual será a loaçõ:  
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei  
en meu trobar; pero muito trobei;  
mais ora já um bon cantar farei  
en que vos loarei tôda via;  
e direi-vos como vos loarei:  
dona fea, velha e sandia!

GUILHADE, J. Garcia de *Apud Amora*, A S. *Et alli. Presença da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, p. 52.

No poema acima, a linguagem é simples, direta, agressiva; predomina a zombaria aberta.

### **Cantiga de Maldizer**

(Duarte da Gama)

Nam sey que possa viuer  
Neste rreyno já contente,  
Poys a desorden na gente  
Nã quer layxar de creçer.  
A qual vay tam sem medida,

Q se não pode soffrer  
 Nam há hy quem possa ter  
 Boa vida.  
 (...)  
 outros vão trazer atados  
 hus lençinhos no pesçoço  
 q cõ gram pedra nu poço  
 deuiam de ser lançados.  
 Outros, sem ser mãçypados,  
 Sendo menores dydade,  
 Andam já cõ vaydade  
 Agrauados.  
 (...)  
 em qual quer aldeazinha  
 achareys tal corruçam,  
 ca molher do escriuam  
 ccuyda q he hua rraynha.  
 E tam bem os lauradores  
 Com suas maas nouydades  
 Querem ter as vaydades  
 Dos senhores.  
 (...)

## Novelas de cavalaria

Posteriormente, a Igreja passa a aceitar tais obras em sua doutrina e, com isso, surgem as primeiras novelas de cavalaria, nas quais encontramos aspectos místicos, ou seja, as aventuras dos cavaleiros têm significado religioso. Podemos destacar, como exemplo *A Demanda do Santo Graal*, uma lenda baseada na busca incessante do cálice sagrado pelos cavaleiros da Távola Redonda, onde José de Arimatéia recolheu o sangue de Jesus quando este ainda estava na cruz. Este

cálice, conforme diz a lenda, teria sido levado à um castelo na Inglaterra. Simbolicamente falando, esta busca nada mais é do que a luta do homem em busca de uma verdade metafísica.

### ***A Demanda do Santo Graal***

A novela *A Demanda do Santo Graal* inicia-se em Camaalot, reino do rei Artur. É dia de Pentecostes, e os cavaleiros estão reunidos à volta da “Távola Redonda”. Galaaz chega, ocupa o assento reservado para o “cavaleiro escolhido” e tira a espada fincada no “padrom” (pedra de mármore) que boiava na água. Durante a refeição, o Graal (cálice com que José de Arimatéia colhera o sangue derramado por Cristo na cruz) perpassa o ar, nutre os presentes com o seu manjar celestial e desaparece. No dia seguinte, após ouvir a missa, os cavaleiros saem na “demanda” (procura) do Santo Vaso. Daí por diante, vão-se entrelaçando várias aventuras, que culminam quando Galaaz é beneficiado com a aparição do Graal enquanto celebra o ofício religioso. O episódio a seguir transcrito corresponde ao capítulo XXV.

Adaptação do texto transcrito in Moisés, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 3. ed., São Paulo: Cultrix, 1970, pp. 36 e 37.

(fragmentos)

Véspera de Pinticoste foi grande gente assuada em Camaalot, assi que podera homem i veer mui gram gente, muitos cavaleiros e muitas donas mui bem guisadas. El-rei, que era ende mui ledo, honrou-os muito e feze-os mui bem servir; e toda rem que entendeo per que aquela corte seeria mais viçosa e mais leda, todo o fez fazer.

Aquel dia que vos eu digo, diretamente quando queriam poer as mesas – esto era ora de noa – aveeo que ùa donzela chegou i, mui fremosa e mui bem vestida. E entrou no paaço a pee, como mandadeira. Ela começou a catar de ùa parte e da outra, pelo paaço; e perguntavam-na que demandava.

– Eu demando – disse ela – por Dom Lançarot do Lago. É aqui?

– Si, donzela – disse ùu cavaleiro. Veede-lo: stá aaquela freesta, falando com Dom Gualvam.

Ela foi logo pera el e salvô-o. Ele, tanto que a vio, recebeo-a mui bem e abraçou-a, ca aquela era ùa das donzelas que moravam na Insoa da Lediça, que a filha Amida del-rei Peles amava mais que donzela da sua companha i.

– Ai, donzela! – disse Lançalot – que ventura vos adusse aqui, que bem sei que sem razom nom veestes vós?

– Senhor, verdade é; mais rogo-vos, se vos aprouguer, que vaades comigo aaquela foresta de Camaalot; e sabede que manhãa, ora de comer, seeredes aqui.

– Certas, donzela – disse el – muito me praz; ca teúdo e soom de vos fazer serviço em tōdalas cousas que eu poder.

Entam pedio suas armas. E quando el-rei vio que se fazia armar a tam gram coita, foi a el com a raia e disse-lhe:

– Como deixar-nos queredes a atal festa, u cavaleiros de todo o mundo veem aa corte, e mui mais ainda por vos

veerem ca por al – deles por vos veerem e deles por averem vossa companha?

– Senhor, – disse el – nom vou senam a esta foresta com esta donzela que me rogou; mais cras, ora de terça, seerei aqui.

Entom se saio Lançarot do Lago e sobio em seu cavalo, e a donzela em seu palafrem; e foram com a donzela dous cavaleiros e duas donzelas. E quando ela tornou a eles, disse-lhes:

– Sabede que adubei o por que viim: Dom Lançarot do Lago se irá comnosco.

Entam se filharom andar e entrarom na foresta; e nom andarom muito per ela que chegarom a casa do ermitam que soía a falar com Gualaz. E quando el vio Lançarot ir é a donzela, logo soube que ia pera fazer Gualaaz cavaleiro, e leixou sua irmida por ir ao mosteiro das donas, ca nom queria que se fosse Gualaaz ante que o el visse, ca bem sabia que, pois se el partia dali, que nom tornaria i, ca lhe convenria e, tanto que fosse cavaleiro, entrar aas venturas do reino de Logres. E por esto lhe semelhava que o avia perdido e que o nom veeria a meude, e temia, ca avia em ele mui grande sabor, porque era santa cousa e santa creatura.

Quando eles chegarom aa abadia, levarom Lançarot pera ùa camara, e desarmarom-no. E vëo a ele a abadessa com quatro donas, e adusse consigo Gualaaz: tam fremosa cousa era, que maravilha era; e andava tam bem vesâdo, que nom podia melhor. E a abadessa chorava muito com prazer. Tanto que vio Lançarot, disse-lhe:

– Senhor, por Deos, fazedes vós nosso novel cavaleiro, ca nom que-riamos que seja cavaleiro por mão dou-tro; ca melhor cavaleiro ca vós nom no pode fazer cavaleiro; ca bem crçemos que ainda seja tam bõo que vos acharedes ende bem, e que será vossa honra de o fazerdes; e se vos el ende nom rogasse, vó-lo deviades de fazer, ca bem sabedes que é vosso filho.

– Gualaaz – disse Lançalot – quere-des vós seer cavaleiro?

El respondeo baldosamente:

– Senhor, se prouvesse a vós, bem no queria seer, ca nom há cousa no mundo que tanto deseje como honra de cavalaria, e seer da vossa mão, ca doutra nom. no: queria seer, que tanto vos auço louvar e preçar de cavalaria, que nenhüu, a meu cuidar, nom podia seer covardo nem mau que vós fezéssedes cavaleiro. E esto é üa das cousas do mundo que me dá maior esperança de seer homem bõo e bõo cavaleiro.

– Filho Gualaaz – disse Lançalot – stranhanamente vos fez Deos fremosa creatura. Par Deos, se vós nom cuidades seer bõo homem ou bõo cavaleiro, assi Deos me conselhe, sobejo seria gram dapno e gram malaventura de nom seerdes bõo cavaleiro, ca sobejo sedes fremoso.

E ele disse:

– Se me Deos fez assi fremoso, dar-mi-á bondade, se lhe prouver; ca, em outra guisa, valeria pouco. E ele querrá que serei bõo e cousa que semelhe minha linhagem e aaqueles onde

eu venho; e metuda ei minha speranza em Nosso Senhor. E por esto vos rogo que me façades cavaleiro.

E Lançalot respondeo:

– Filho, pois vos praz, eu vos farei cavaleiro. E Nosso Senhor, assi como a el aprouver e o poderá fazer, vos faça tam bõo cavaleiro como sodes fremoso.

E o irmitam respondeo a esto:

– Dom Lançalot, nom ajades dulda de Galaaz, ca eu vos digo que de bondade de cavalaria os milhores cavaleiros do mundo passará.

E Lançalot respondeo:

– Deos o faça assi como eu queria.

Entam começaram todos a chorar com prazer quantos no lugar stavam.

(...)

***Como os da Mesa Redonda  
houveram da graça do Santo  
Gral***

(trecho adaptado ao português moderno)

Grande foi a alegria e o prazer que os cavaleiros da Távola Redonda tiveram naquele dia, quando se encontravam todos reunidos. Nunca, nem antes nem depois do início da Távola Redonda todos os cavaleiros assim se reuniram.

Ao cair da noite, quando se sentavam às mesas, ouviram um trovão tão grande e assustador, que lhes pareceu que todo o palácio tremia. E, logo após, uma imensa claridade o iluminou inteiramente. Então, todos os cavaleiros foram tomados da graça do Espírito Santo e começaram a contemplar uns aos outros e viram que esta-

vam muito mais formosos. De tão maravilhados que estavam não conseguiam falar. Apenas se olharam. E nesse momento entrou no palácio o Santo Graal, envolto por um veludo branco, sem que ninguém conseguisse ver quem o trazia. Tão logo o Santo Graal penetrou no palácio, este se cobriu de um odor tão agradável como se os mais finos perfumes aí tivessem sido derramados. E ele percorreu o palácio de ponta a ponta, detendo-se ao redor de cada uma das mesas. E estas, à sua passagem, cobriam-se dos mais deliciosos manjares, despertando o apetite e o prazer de todos. Depois que cada um se serviu, o Santo Graal desapareceu da mesma forma como entrara: sem que ninguém

percebesse quem o conduzia nem por qual porta saíra. Então os cavaleiros retomaram a voz e começaram a dar Graças a Nosso Senhor, que tão grande e honra lhes dera, confortando-os com a graça do Santo Vaso. Mas, mais alegre que todos estava o rei Artur, porque maior graça lhe proporcionara Nosso Senhor que a qualquer outro rei que anteriormente houvesse reinado sobre Logres. E disse aos que com ele estavam:

— Amigos, devemos nos considerar imensamente felizes, pois Deus nos mostrou tão grande sinal de amor, alimentando-nos, nesta festa de Pentecostes, de seu santo celeiro.

## **Resumo do Trovadorismo**

### **Momento sócio-cultural**

- Idade Média
- Feudalismo: sistema de poder baseado na posse da terra
- Supremacia do clero (teocentrismo) e da nobreza (senhores feudais, patriarcalismo)

### **Características literárias**

- Predomínio da literatura oral, associada à música e à dança, as cantigas
- Tipos de cantiga:

De amor (eu-lírico masculino, prestando “vassalagem amorosa” à mulher, à senhora: o amor cortês)

De amigo (eu-lírico feminino, sensual e popular, o lamento pela ausência do amigo/amante)

De escárnio (crítica pessoal e/ou social indireta, irônica)

De maldizer (crítica pessoal e/ou social direta)

- Prosa medieval: novelas de cavalaria (o heroísmo de influência religiosa e feudal).

### **Autores e obras**

- Trovadores (poetas-cantores)

**Paio Soares de Taveirós**, autor da *Cantiga da Ribeirinha*, cantiga de amor homenageando uma dama da corte (D. Maria Paes Ribeiro)

**D. Dinis**: rei-trovador e mecenas (protetor das artes).

Novelas de cavalaria (criações populares): *O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda*, *Carlos Magno e os doze pares da França*.

# Humanismo

Período de transição entre a Idade Média e o Renascimento, marcado por diversas transformações, nas quais podemos citar a expansão marítima, as invenções como a bússola e a pólvora, o aperfeiçoamento da imprensa, o desenvolvimento do comércio, o mercantilismo, além do desaparecimento do misticismo medieval, compreendendo-se o homem com mais naturalidade.

Foi um movimento que tinha por objetivo principal a contestação do teocentrismo, dando espaço ao antropocentrismo.

Num cenário como este, surgiram vários autores como Dante Alighieri (1265 – 1375), Petrarca (1304 – 1373) e Boccaccio (1313 – 1375).

- **Dante Alighieri** – nascido em Florença, estudou clássicos latinos e dedicou-se à filosofia. Sua obra principal foi *A Divina Comédia*, que se dividia em “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso”.

**A Obra:** “Perdido numa selva (o Pecado), Dante é auxiliado pelo poeta latino Virgílio (a Razão), que o guia através do Inferno: para ele, um grande local afunilado, situado no centro da Terra, onde os condenados sofrem enormes tormentos. Acompanhado de Virgílio, o poeta visita depois o Purgatório, uma montanha de nove estágios, ao final dos quais desaparece Virgílio e aparece Beatriz (a Teologia). Junto desta, Dante avança entre os coros dos anjos, ao longo das nove

esferas do Paraíso, até que São Bernardo (a Mística) lhe permite desfrutar da presença de Deus”.

Resumo elaborado por Help! Sistema de Consulta Interativa – Técnicas de Redação e Literatura. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1996. p. 99.

- **Francisco Petrarca** – é o criador do Humanismo. Escreveu *Canzoniere*, obra que contém canções, badaladas, sextinas, estâncias e sonetos que, posteriormente, vieram a ser imitados por toda a lírica européia.
- **Giovanni Boccaccio** – escreveu *Decameron*, obra repleta de linguagem expressiva e rica inventividade.
- **Fernão Lopes** – foi o primeiro cronista-mor de Portugal, responsável pela tarefa de registrar a História de seu país. Lopes foi o iniciador da historiografia portuguesa. Utilizava-se de um estilo elegante e coloquial nas suas narrativas e descrições e acreditava que o povo era o agente das transformações sociais.

## **Crônica de D. Pedro I**

**Como foi trelladada Dona Ines pera o moesteiro Dalcobaça, e da morte delRei Dom Pedro**

Por que semelhante amor, qual el-Rei Dom Pedro ouve a Dona Enes, raramente he achado em alguuma pessoa, porem disserom os antigos que nenhum he tam verdadeiramente achado, como aquel cuja morte nom tira da memoria o grande espaço do tempo. E se algum

disser que muitos foram já que tanto e mais que el amaram, assi como Adriana e Dido, e outras que nom nomeamos, segumdo se lee em suas epistolas, respomdesse que nom fallamos em amores compostos, os quaaes alguuns autores abastados de eloquemcia, e floçentes em bem ditar, hordenarom segumdo lhes prougue, dizemdo em nome de taaes pessoas, razoões que numca nenhuuma dellas cuidou; mas fallamos daquelles amores que se contam e leem nas estorias, que seu fundamento teem sobre verdade. Este verdadeiro amor ouve elRei Dom Pedro a Dona Enes como se della namorou, seemdo casado e ainda lffamte, de guisa que pero dela no começo perdesse vista e falla, seemdo alomgado, como ouvistes, que he o principal aazo de se perder o amor, numca çessava de lhe emviar recados, como em seu logar teemdes ouvido. Quanto depois trabalhou polla aver, e o que fez por sua morte, e quaaes justiças naquelles que em ella foram culpados, himdo contra seu juramento, bem he testemunho do que nos dizemos. E seemdo nembrado de homrrar seus ossos, pois lhe ja mais fazer nom podia, mandou fazer hum muimento dalva pedra, todo mui sotillmente obrado, poemdo emlevada sobre a campãa de çima a imagem della com coroa na cabeça, como se fora Rainha; e este muimento mandou poer no moesteiro Dalcobaça, nom aa entrada hu jazem os Reis, mas demtro na egreja ha maõo direita, açerca da capella moor. E fez trazer o seu corpo do mosteiro de Samta Clara de Coimbra, hu jazia, ho mais homrradamente que se fazer pode,

ca ella viinha em huumas andas, muito bem corregidas pera tal tempo, as quaaes trariam gramdes cavalleiros, acompanhadas de gramdes fidalgos, e muita outra gente, e donas, e domzellas, e muita creelezia. Pelo caminho estavom muitos homeens com çirios nas maõs, de tal guisa hordenados, que sempre o seu corpo foi per todo o caminho per antre çirios açesos; e assi chegarom ataa o dito moesteiro, que eram dalli dezassete legoas, omde com muitas missas e gram solenidade foi posto em aquel muimento: e foi esta a mais homrrada trelladaçom, que ataa aquel tempo em Portugal fora vista. Semelhavelmente mandou elRei fazer outro tal muimento e tam bem obrado pera si, e fezeo poer açerca do seu della, pera quamdo se aqueeçesse de morrer o deitarem em elle. E estamdo el em Estremoz, adoçoço de sua postumeira door, e jazemdo doemte, nembrouse como depois da morte Dalvoro Gomçallvez e Pero Coelho, el fora çerto, que Diego Lopes Pacheco nom fora em culpa da morte de Dona Enes, e perdohou-lhe todo quei-xume que del avia, e mandou que lhe entregassem todos seus beens; e assi o fez depois elRei Dom Fernamdo seu filho, que lhos mandou entregar todos, e lhe alçou a semtemça que elRei seu padre contra elle passara, quamto com direito pode. E mandou elRei em seu testamento, que lhe tevessem em cada hum ano pera sempre no dito mosteiro seis capellaaens, que cantassem por el e lhe dissessem cada dia huuma missa oficiada, e sahirem sobrel com cruz e augua beemta: e elRei Dom Fernamdo seu filho, por se esto melhor comprir e

se cantarem as ditas missas, deu depois ao dito moesteiro em doaçom por sempre o logar que chamam as Paredes, termo de Leirea, com todallas rendas e senhorio que em el avia. E leixou elRei Dom Pedro em seu testamento certos legados, a saber, aa lffamte Dona Beatriz sua filha pera casamento cem mil livras; e ao lffamte Dom Joham seu filho viimte mil livras; e ao lffamte Dom Denis outras viinte mil; e assi a outras pessoas. E morreo elRei Dom Pedro huuma segumda feira de madurgada, dezoito dias de janeiro da era de mil e quatro centos e cimquo anos, avemdo dez annos e sete meses e viimte dias que reinara, e quarenta e sete anos e nove meses e oito dias de sua hidade, e mandousse levar aaquel moesteiro que dissemos, e lamçar em seu muimento, que esta jumto com o de Dona Enes. E por quanto o lffamte Dom Fernamdo seu primogenito filho nom era estomçe hi, foi elRei deteudo e nom levado logo, ataa que o lffamte veo, e aa quarta feira foi posto no muimento. E diziam as gentes, que taaes dez annos numca ouve em Portugal, como estes que reinara elRei Dom Pedro.

---

## A poesia palaciana

---

Refere-se à poesia que surgiu no século XV nos palácios, ou seja, na vida aristocrática. Garcia de Resende, poeta que costumava freqüentar a Corte, reuniu toda a sua produção poética palaciana no *Cancioneiro Geral*. Este tipo de poesia possui uma linguagem mais rica do que a poesia trovadoresca.

### ***Cantiga sua partindo-se***

(João Ruiz Castelo Branco)

Senhora, partem tão tristes  
meus olhos por vós, meu bem,  
que nunca tão tristes vistes,  
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,  
tão doentes da partida,  
tão cansados, tão chorosos,  
da morte mais desejosos  
cem mil vezes que da vida.  
Partem tão tristes os tristes,  
tão fora d'esperar bem,  
que nunca tão tristes vistes  
outros nenhuns por ninguém.

---

## O teatro popular

---

Em 1502, o teatro praticamente não existia em Portugal. Apenas haviam representações religiosas nas festas da Igreja, onde encenavam-se a vida de Cristo com o intuito de educar os fiéis. Somente mais tarde é que surgiu o teatro de Gil Vicente com a sua encenação mais popular: *Monólogo do Vaqueiro*. Seu teatro era chamado profano, por ser representado nas praças públicas.

O autor português mais importante do período é Gil Vicente (1460 – 1536), que viveu a maior parte de sua vida em Lisboa, centro comercial e cultural de Portugal, autor de *Monólogo do Vaqueiro*, primeira peça dentre os mais de 44 títulos que escreveu, retratou a sociedade da época e sua sátira atingia todas as classes sociais como frades, bispos, fidalgos, plebeus, ciganos, etc., criticando sua postura moral.

**Trecho de *Auto da Lusitana*,  
de Gil Vicente**

Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando alguma cousa que se lhe perdeu; e logo após êle um homem, vestido como pobre. Êste se chama Ninguém, e diz:

*Ninguém*

Que andas tu aí buscando?

*Todo o Mundo*

Mil cousas ando a buscar:  
delas não posso achar,  
porém ando perfiando,  
por quão bom é perfiar.

*Ninguém*

Como hás nome, cavaleiro?

*Todo o Mundo*

Eu hei nome *Todo o Mundo*,  
e meu tempo todo inteiro  
sempre é buscar dinheiro  
e sempre nisto me fundo.

*Ninguém*

E eu hei nome *Ninguém*,  
e busco a consciência.

*(Belzebu para Dinato)*

Esta é boa experiência!  
Dinato, escreve isto bem.

*Dinato*

Que escreverei, companheiro?

Belzebu

Que *Ninguém busca consciência*,  
*E Todo o Mundo dinheiro*.

*(Ninguém para Todo o Mundo)*

E agora que buscas lá?

*Todo o Mundo*

Busco honra muito grande.

*Ninguém*

E eu virtude, que Deus mande  
que tope co ela já.

*(Belzebu para Dinato)*

Outra adição nos acude:  
escreve logo aí, a fundo,  
que *busca honra Todo o Mundo*,  
e *Ninguém busca virtude*.

*Ninguém*

Buscas outro mor bem qu'êsse?

*Todo o Mundo*

Busco mais quem me louvasse  
Tudo quanto eu fizesse.

*Ninguém*

E eu quem me repreendesse  
Em cada cousa que errasse.

*(Belzebu para Dinato)*

Escreve mais

*Dinato*

Que tens sabido?

*Belzebu*

Que *quer em extremo grado*  
*Todo o Mundo ser louvado*,  
e *Ninguém ser repreendido*.

O poeta critica o comportamento humano com finalidade moralizadora, embora de maneira cômica, com o uso de prosopopéias (Todo Mundo e Ninguém), satirizando o comportamento humano.

### ***Auto da Barca do Inferno***

Publicado em 1517, foi encenada pela primeira vez na câmara da rainha D. Maria de Castela, na presença do rei D. Manuel I e de sua irmã D. Leonor, a Rainha Velha. O *Auto da Barca do Inferno* tem como cenário fixo duas embarcações, num porto imaginário para onde vão as almas no instante em que morrem. Uma barca é representada por um Anjo, simbolizando o Paraíso e a outra é representada pelo diabo, simbolizando o Inferno. A ação se desenrola a partir da chegada dos personagens no porto, procurando encontrar a passagem para a vida eterna. Na peça, os personagens serão julgados segundo as obras que realizaram em vida.

A obra apresenta-se com versos redondilhos, rimas, símbolos e metáforas. Os personagens são considerados tipos sociais – a nobreza, o clero e o povo. Além da oposição do Bem X Mal, Céu X Inferno, o Anjo e o Diabo assumem posturas também opostas, fazendo com que a simpatia e a ironia do Diabo domine toda a peça.

(resumo)

Num braço de mar, onde estão ancoradas duas barcas, chegam as almas de representantes de várias classes sociais e profissionais. Uma das barcas dirige-se ao Purgatório ou ao Inferno; a outra, ao Paraíso. A primeira será tripulada pelo Diabo e seu Companheiro; a outra, por um Anjo.

Eis que chega a primeira alma para a viagem. É Dom Henrique, o Fidalgo, acompanhado por um criado que transporta uma cadeira e carrega um manto para seu Senhor. Assim como outros personagens, o Fidalgo argumenta contra sua ida para o Inferno, considera que a barca não é digna de sua nobre pessoa. O Diabo procura ironizar os diversos argumentos do nobre, dizendo que uma vida cheia de prazeres e pecados só podia resultar em punição.

O Fidalgo reporta-se à barca do Anjo. Alega direito de embarcar por pertencer a uma boa linhagem, mas era muito tirano e vaidoso. Seu esforço foi em vão e, retornando à barca do Inferno, quer demonstrar força moral ao reconhecer que vivera erroneamente.

Chega o Onzeneiro, carregando seus bolsões de dinheiro. Recusa-se a embarcar quando toma conhecimento do destino da barca, mas o Diabo, sarcástico, se faz de espantado e ironiza o fato de o dinheiro do Onzeneiro não ter servido para salvá-lo da morte. Procura então a barca do Anjo, pedindo-lhe que o deixasse entrar, pois queria mesmo era o Paraíso. Seu pedido é recusado quando o Anjo vê seus bolsões, afirmando que estavam tão cheios de dinheiro que tomariam todo o espaço do navio. Desconsolado, o Onzeneiro entra na barca infernal, cumprimentando com respeito o Fidalgo, que lá já estava, aguardando a triste partida.

Joane, personagem caracterizado como o Parvo, conversa com o Diabo e começa a praguejá-lo quando descobre o destino de sua barca; entra em território

rio do Anjo porque - assim lhe haviam dito - o reino do Céu seria dos pobres. Para o Anjo, os atos do bobo eram fruto de uma doença, sendo provas de inocência e não sua sagacidade. Irá ao Paraíso, portanto, o Parvo, passageiro do barco que vai à Glória! Mas antes de entrar, mantém-se ao lado do Anjo, para ajudar na avaliação dos próximos passageiros.

Chega ao barco do Inferno um Sapateiro, com suas ferramentas de ofício. Aparentemente, um bom trabalhador. Quando é convidado pelo Diabo a embarcar, tenta repeli-lo com o argumento de que morrera comungado e confessado. Que bom cristão parece ser! Mas o Diabo responde que foi excomulgado por omissão de seus pecados, pois roubava seus fregueses ao cobrar pelos serviços prestados. Não contente, dirige-se à barca do Anjo e é barrado; explicação: o lugar de quem rouba na praça é no barco que vai ao Demo. De nada adiantava ter ido à missa se ao mesmo tempo havia roubado, cobrado preços extorsivos. Assim, o Sapateiro se dirige a outra barca, aceitando seu destino.

Chega então um Frade, trazendo uma moça pela mão: sua amante, Florença. Com ela, traz um broquel, uma espada e um capacete, representando sua paixão pelo esporte.

O Frade tenta convencer o Diabo de sua inocência, ensinando-lhe a arte da esgrima, mas seu esforço é em vão. Não contente, busca a barca do Anjo para tentar defender seus direitos en-

quanto representante da Santa Madre Igreja, mas nada consegue, nem sequer uma resposta do Anjo. Volta à barca do Diabo ridicularizado pelo Parvo, que lhe pergunta se furtara o facão.

Assim que o Frade e sua amante são embarcados, chega uma alcoviteira, Brísida Vaz, que se recusa a entrar na barca. Representa a mais terrível das almas penadas, passara a vida aliciando meninas para padres.

A Alcoviteira dirige-se à barca do Anjo, que se nega ouvi-la, alegando que é uma pessoa inoportuna. Brísida, então, volta à barca do Diabo, pedindo-lhe a prancha e embarcando nela.

Depois da Alcoviteira, chega o Judeu com um bode às costas. O Diabo nega-se a embarcar o animal, mas o Judeu tenta suborná-lo com alguns tostões, sem muita discussão, é rebocado pela barca do Inferno.

Então chega a vez do Corregedor; carregado de processos, aproxima-se da barca do Inferno. Recusa-se a rumar para destino tão cruel, tentando defender-se, mas é desmascarado pelo Diabo, que expõe o recebimento de propinas através de sua mulher. Para se defender, o Corregedor culpa sua própria esposa, mas o esforço é em vão.

Enquanto o Corregedor conversa com o Diabo, chega um Procurador cheio de livros; ambos se recusam a entrar no barco do Diabo, chamando pelo Anjo e dirigindo-se até ele. O Anjo roga praga aos documentos jurídicos que carregam e os manda de volta.

Nova alma vai se aproximando: o Enforcado, que se julga merecedor do perdão por ter tido uma morte cruel. É o próximo personagem a entrar na barca do Diabo, que não se comove com o sofrimento de um homem que tantos furtos cometera em vida. O Enforcado simboliza o ladrão que rouba sem vantagens, sendo manipulado por outros de posições mais privilegiadas.

Dirigem-se agora à barca do céu os Quatro Cavaleiros, empunhando a cruz de Cristo. Lutaram pela expansão da Fé Católica e ganham a vida eterna como recompensa por terem sido mortos pelos mouros. Prosseguiram na barca do Anjo, cantando e sentindo-se aliviados por terem cumprido corretamente suas missões.

### ***Farsa de Inês Pereira***

Esta peça foi representada em 1523 e é considerada a mais famosa de Gil Vicente. Trata-se de uma moça sonhadora, cansada do trabalho doméstico e que resolve fugir de toda essa monotonia. Casa-se com um escudeiro, considerado malandro, porém, este morre durante a guerra. Viúva, casa-se novamente, com um homem que faz todas as suas vontades.

(fragmento da obra)

Entra logo Inês Pereira, e finge que está lavrando só em casa, e canta esta cantiga:

Canta Inês:  
 Quien com veros pena y muere  
 Que hará cuando no os viere?

Falado:

**Inês** – Renego deste lavrar  
 E do primeiro que o usou!  
 Ó diabo que o eu dou,  
 Que tão mau é d'aturar!  
 Ó Jesu! Que enfadamento,  
 E que raiva, e que tormento,  
 Que cegueira, e que  
 [canseira!

Eu hei-de buscar maneira  
 D'algum outro aviamento.  
 Coitada, assi hei-de estar  
 Encerrada nesta casa  
 Como panela sem asa  
 Que sempre está num lugar?  
 E assi hão-de ser logrados  
 Dous dias amargurados,  
 Que eu posso durar viva?  
 E assi hei-de estar cativa  
 Em poder de desfiados?

Antes o darei ao diabo  
 Que lavrar mais nem  
 [pontada.

Já tenho a vida cansada  
 De jazer sempre dum cabo.  
 Todas folgam e eu não  
 Todas vêm e todas vão  
 Onde querem, senão eu.  
 Hui! E que pecado é o meu,  
 Ou que dor de coração?

Esta vida é mais que morta.  
 São eu coruja ou corujo,  
 Ou são algum caramujo  
 Que não sai senão à porta?  
 E quando me dão algum dia  
 Licença, como a bugia,  
 Que possa estar à janela  
 É já mais que a Madalena  
 Quando achou a aleluia.

---

## Resumo do Humanismo

---

### Momento sócio-cultural

- Transição do feudalismo para o mercantilismo.
- Desenvolvimento de práticas comerciais por uma nova classe social: a burguesia.
- Crise do teocentrismo e ascensão do racionalismo humanista, com a laicização da cultura.

### Características literárias

- Divulgação dos clássicos da antiguidade greco-latina.
- Poesia palaciana recolhida por Garcia de Resende no *Cancioneiro Geral* (poesias de amor, sátira e religiosa).

- Teatro popular, de influência medieval, mas crítico, satírico, polêmico – Gil Vicente.
- Crônicas e histórias dos reis e do povo português (desenvolvimento da prosa) – Fernão Lopes.

### Autores e obras

- **Fernão Lopes**, criador da historiografia portuguesa: *Crônica d'El Rei D. Pedro*, *Crônica d'El Rei D. Fernando* e *Crônica d'el Rei D. João I*.
- **Gil Vicente**, criador do teatro português: *Auto da visitação ou Monólogo do vaqueiro*; *Farsa de Inês Pereira*; *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Barca do Céu*; *Auto da Barca do Purgatório*.

# Renascimento

Teve seu início no século XV e estendeu-se até meados do século XVI e é marcado pela supervalorização do homem e pelo antropocentrismo, em oposição ao teocentrismo e misticismo.

Há uma retomada das idéias greco-romanas; o artista não se contenta em apenas observar a natureza, mas procura estudá-la e imitá-la; valoriza-se a individualidade do artista, em contraposição à coletividade das obras clássicas.

O Renascimento em Portugal deu-se no período de 1527 a 1580, com o retorno do poeta Sá de Miranda após seus estudos na Itália, trazendo inovações de poetas italianos. Porém, foi com Luís de Camões que ocorreu o aprimoramento dessas novas técnicas poéticas.

Este período ficou conhecido como Classicismo e os escritores introduziram em suas obras temas pagãos, além do ideal do amor platônico, a exaltação do antropocentrismo, a imitação de autores clássicos, a predominância da ciência e da razão, o uso da mitologia, clareza e objetividade, uso de linguagem simples e precisa, o culto da beleza e da perfeição.

## **Luís Vaz de Camões (1524 – 1580)**

Publicou em 1572 *Os Lusíadas*, poema épico organizado em: Proposição, Invocação, Dedicção, Narração e Epi-

logo. Além do poema épico, Camões ficou conhecido por seus poemas líricos, em que buscava o amor espiritual e expunha as contradições do coração. Sua poesia lírica toma dois sentidos: popular (redondilhas) e erudita (sonetos).

### **A poesia lírica de Camões**

#### **Soneto**

Transforma-se o amador na  
[cousa amada,  
Por virtude do muito imaginar;  
Não tenho logo mais que desejar,  
Pois em mim tenho a parte desejada.  
Se nela está minha alma  
[transformada,  
Que mais deseja o corpo de  
[alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
Pois consigo tal alma está liada.  
Mas esta linda e pura semidéia,  
Que, como o acidente em seu sujeito,  
Assim com a minha alma se conforma,  
Está no pensamento como idéia;  
E o vivo e puro amor de que sou feito,  
Como a matéria simples busca  
[a forma.

*In* MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 76.

Nesse soneto, podemos perceber que o autor retrata explicitamente a questão platônica do amor, pois este passa a idealizar tanto a amada que acredita tê-la em si mesmo, no seu próprio corpo. Portanto, como já diz o poema: aquele que ama se transforma na amada; logo não tem mais o que desejar, pois já tem em si mesmo o ser que deseja (versos 1 a 8).

Podemos ressaltar também neste soneto o valor da mulher ante a figura masculina. Esta é idealizada, inacessível, vista como uma semidéia (metade mulher, metade deusa), ou seja, é colocada num plano superior ao do poeta. De caráter discursivo, Camões pretende argumentar a questão acerca do Amor e da Mulher.

### **Soneto**

Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
É solitário andar por entre gente;  
É nunca contentar-se de contente;  
É cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

*In* MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 76.

No soneto anterior, Camões conceitua o significado do amor através de paradoxos, que se encadeiam no decorrer dos versos até chegar ao ponto máximo do soneto, onde o poeta questiona o próprio caráter contraditório do amor.

“Quantos sentidos diferentes podem emergir da semelhança sugerida entre amor e fogo nesta conhecida metáfora? Alguns exemplos, provavelmente desnecessários: o amor, como o fogo, queima. É intenso. Ilumina. Deixa marcas. Consome. Não se pode mexer nas suas cinzas, que renasce... e muitas outras significações. Linguagem criadora: signos que geram signos. Símbolos que geram símbolos.”

(Cursos Práticos Nova Cultural para Vestibular - SP, 1998.)

### **Tanto de meu estado me acho incerto**

Tanto de meu estado me acho  
[incerto  
Que em vivo ardor tremendo estou  
[de frio  
Sem causa, justamente choro e rio;  
O mundo todo abarco e nada a  
[perto.

É tudo quanto sinto um  
[desconçerto;  
Da alma um fogo me sai, da vista  
[um rio;  
Agora espero, agora desconfo,  
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao céu  
[voando;

Numa hora acho mil anos, e é de  
[jeito

Que em mil anos não posso achar  
[uma hora.

Se me pergunta alguém porque  
[assim ando,

Respondo que não sei; porém  
[suspeito

Que só porque vos vi, minha  
[Senhora.

### ***Os Lusíadas***

Constitui-se de dez cantos em 1102 oitavas de versos decassílabos heróicos, com esquema rimático ABABABCC em denominado 8ª rima, num total de 8816 versos.

O poeta, no início da sua obra, preocupa-se em explicar suas intenções em relação aos feitos heróicos. Em seguida, pede às musas do Tejo para que o ajudem nesta árdua tarefa. Depois, o autor oferece seus poemas ao rei D. Sebastião e, então, inicia-se todo o percurso da narrativa.

(resumo)

#### ***Sete anos de pastor Jacó servia***

Sete anos de pastor Jacó servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
Passava, contentando-se com vê-la;  
Porém o pai, usando de cautela,  
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com  
[enganos  
Lhe fora negada a sua pastôra,  
Como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos,  
Dizendo: - mais servira, se não fôra  
Para tão longo amor tão curta a  
[vida!

A ação da narrativa tem o seu início quando a frota do herói Vasco da Gama ainda se encontra em pleno Oceano Índico. No Olimpo, morada dos deuses, acontece uma reunião, na qual estes discutem a situação dos portugueses. Fica Baco na oposição, enquanto os demais resolvem auxiliar o herói.

A essa altura, a frota portuguesa, já em plena viagem, chega a Moçambique, na costa ocidental da África. O deus Baco, que não quer a vitória de maneira alguma, arma uma cilada para Vasco da Gama; porém, o comandante português supera o problema. É armada outra cilada quando a frota se aproxima de Mombaça, mas a deusa Vênus salva novamente os portugueses.

Ao atracar em Melinde, a frota é recebida pelo rei da cidade, que vem a bordo e solicita a Vasco da Gama lhe narre toda a história de Portugal. O herói começa descrevendo a Europa, para então chegar à fundação da Lusitânia;

fala sobre D. Henrique de Borgonha, pai do fundador de Portugal; menciona alguns episódios da história de Portugal, como o de Egas Moniz, a batalha de Aljubarrota, a tomada da cidade de Ceuta no norte da África e outros.

Relembra os fatos que antecederam sua partida de Lisboa, os preparativos da viagem; a conversa com o velho do Restelo; por último as primeiras aventuras à beira-mar: o fogo de Santelmo, a tromba marinha, a aventura de Veloso, o Gigante Adamastor e, finalmente, a chegada a Melinde.

Terminado o relato, Vasco da Gama prossegue em sua viagem marítima. Baco resolve falar com Éolo, deus dos ventos, para prejudicar a frota com uma forte ventania, no entanto, Vênus novamente protege os navegadores enviando ninfas amorosas para levar a calma.

Fim da tormenta. A frota portuguesa chega à salvo a Calicute, na Índia, e são recebidos por Samoriam. A bordo, Paulo da Gama recebe o Catual e decifra-lhe o significado dos desenhos nas bandeiras.

Começa a viagem de volta a Portugal. Em caminho, fazem parada na Ilha dos Amores e são recebidos amorosamente pelas ninfas locais. A deusa Tethys mostra a Vasco da Gama a máquina do mundo e o futuro glorioso do povo português.

A obra é dividida em:

- **Proposição** – é a apresentação do assunto. Transparecem alguns elementos fundamentais, como a sobrevi-

vência do ideal das cruzadas, a supervalorização do homem, a exaltação da aventura, a busca de novos horizontes e a presença da mitologia.

“As armas e os barões assinalados  
que da ocidental praia lusitana,  
por mares nunca dantes navegados  
passaram ainda além da Taprobana.

E em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
Entre gente remota edificaram  
Novo reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis que foram dilatando  
A fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram  
[devastando

E aqueles que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando:  
Cantando espalharei por toda  
[parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e  
[arte”.

Cessem do sábio Grego e do  
[Troiano

As navegações grandes que  
[fizeram;

Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre  
[Lusitano,

A quem Neptuno e Marte  
[obedeceram:

Cesse tudo o que a Musa antiga  
[canta,

Que outro valor mais alto se  
[alevanta.

- **Invocação** – invocando a presença das musas para a construção da obra, o poeta espera que seus cantos sejam inspirados e se imortalizem.

E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mim um novo engenho  
[ardente,

Se sempre em verso humilde  
[celebrado

Foi de mim vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e  
[sublimado,

Um estilo grandíloquo e corrente,  
Porque de vossas águas, Febo  
[ordene

Que não tenham inveja às de  
[Hipoerene.

Dai-me uma fúria grande e  
[sonorosa,

E não de agreste avena ou fruta  
[ruda,

Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao  
[gesto muda;

Dai-me igual canto aos feitos da  
[famosa

Gente vossa, que a Marte tanto  
[ajuda;

Que se espalhe e se cante no  
[universo,

Se tão sublime preço cabe em  
[verso.

- **Dedicatória** – oferecimento do poema ao rei de Portugal, D. Sebastião.

E vós, ó bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena  
[Cristandade;

Vós, ó novo temor da Maura lança,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
Dada ao mundo por Deus, que todo  
[o mande,  
Para do mundo a Deus dar parte  
[grande;

Vós, tenro e novo ramo  
[florescente

De uma árvore de Cristo mais  
[amada

Que nenhuma nascida no  
[Ocidente,

Cesárea ou Cristianíssima  
[chamada;

(Vede-o no vosso escudo, que  
[presente

Vos amostra a vitória já passada,  
Na qual vos deu por armas, e  
[deixou

As que Ele para si na Cruz tomou)

- **Narração** – é o desenrolar dos fatos. Está dividido em dois planos: mítico (em que agem os deuses) e o histórico (em que agem os homens).



De dia, em pensamentos que  
[voavam,  
E quanto, em fim, cuidava e  
[quanto via  
Eram tudo memórias de alegria”.

Caracterizado por duas estrofes em oitavas, os versos compõem o famoso decassílabo heróico e sáfico, feitos de acordo com as convenções literárias do século XVI. Personagem central do episódio, Inês de Castro, que teve um romance com D. Pedro I, amor proibido, pois este era casado e a família de Inês era ligada aos inimigos dos portugueses. O pai, D. Afonso IV, manda matá-la. D. Pedro, ao saber disso, resolve desenterrá-la e corôá-la rainha.

### **Trechos do episódio de O Gigante Adamastor**

Porém já cinco Sóis eram passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca de outrem  
[navegados,  
Prosperamente os ventos  
[assoprando,  
Quando uma noite, estando  
[descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Uma nuvem, que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças aparece.  
(...)

“Eu sou aquêlo oculto e grande Cabo  
a quem jamais vós outros Tormentório,  
que nunca a Ptolomeu, Pompônio,  
[Estrabo,  
Plínio, e quantos passaram fui  
[notório,  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto Promontório,  
Que para o Pólo Antártico se  
[estende,  
A quem vossa ousadia tanto  
[ofende!”

“O Gigante Adamastor” é um dos episódios mais intensos e importantes dos *Lusíadas*. Baseado em uma lenda de origem desconhecida, devido sua antigüidade, narra a história de um gigante, Adamastor, transformado pelos deuses no Cabo das Tormentas, localizado no extremo sul da África, como castigo por ter se apaixonado por Tétis, esposa do rei grego Peleu, e ter visto-a nua.

Adamastor revela aos heróis portugueses as desventuras que os aguardam, num clima solene e trágico. A importância desse episódio para a narrativa reside no fato de possuir vários sentidos, que condensam a idéia central dos *Lusíadas*. O episódio situa-se exatamente no meio do texto, o que reforça sua importância e força trágica.

## Resumo do Renascimento

### Momento sócio-cultural

- Renascimento: revalorização dos modelos culturais da Antiguidade clássica pela burguesia mercantilista
- Grandes navegações e desenvolvimento do antropocentrismo (humanismo)
- Reforma protestante: crise da Igreja católica.
- Nascimento da ciência moderna.

### Características literárias

- Humanismo, antropocentrismo, racionalismo (decadência dos valores religiosos).
- A arte como mimese: imitação de modelos da Antiguidade – harmonia, equilíbrio, proporção de formas.
- Substituição da medida velha medieval (versos de 5 e 7 sílabas métri-

cas – redondilha menor e redondilha maior) pela medida nova, proveniente da Itália (versos decassílabos – soneto).

- Poesia lírica e poesia épica.

### Autores e obras

- **Luis Vaz de Camões**, poeta-filósofo:

Poesia lírica de influência medieval e clássica, de temática variada e abrangente (os mistérios da condição humana, a presença do homem no mundo, os conceitos e contradições amorosas etc).

Poesia épica: *Os Lusíadas*, narração da heróica viagem de Vasco da Gama às Índias e a eternização de um dos momentos mais gloriosos de Portugal, a época das grandes navegações.

# Barroco

---

“É um estilo voltado para a alusão (e não a cópia) e para a ilusão enquanto fuga da realidade convencional. Se partirmos da exegese (interpretação) do estilo barroco em termos de crise defensiva da Europa pré-industrial, aristocrática e jesuítica (Espanha e Portugal), perante o avanço do racionalismo burguês (Inglaterra, Holanda, França), então entenderemos o quanto de angústia, de desejo de fuga e de ilimitado subjetivismo havia nestas formas. E entenderemos também a imagem barroca da vida como um sonho, como uma comédia, como um labirinto, um jogo de espelhos, uma festa: o triunfo da ilusão”.

(Alfredo Bosi)

Surgiu no final do século XVII e início do século XVIII na Espanha e se expandiu por toda a Europa. O movimento barroco inicia-se, em Portugal, em 1580, com a morte de Camões e termina com a fundação da Arcádia Lusitana. Está relacionado à Contra-Reforma.

O século XVII é um período de grandes conflitos e contradições. A situação de instabilidade política e a decadência econômica nos países europeus foram fatores importantes para o surgimento deste movimento artístico.

O Barroco é fruto de um período em que o conservadorismo da Igreja se intensifica, reagindo contra a inovação da época e os valores burgueses, como o amor, o luxo, o dinheiro etc. Procura-se, então,

restaurar um clima de religiosidade, contrário às idéias da antiguidade clássica.

Estes fatores fizeram com que o homem conciliasse os valores medievais (teocentrismo) com os valores renascentistas (antropocentrismo).

Essa situação contraditória provocou o aparecimento de atitudes igualmente contraditórias do artista face ao mundo, à vida e a si mesmo.

## A estética barroca

---

O Barroco opõe-se à estética clássica: superfície X profundidade, forma fechada X forma aberta, multiplicidade X unidade.

O homem barroco foge das coisas e sentimentos contraditórios que envolvem a natureza humana, exaltando os valores cristãos – o homem volta-se para Deus.

Podemos encontrar dois tipos de estética barroca: a gongórica e a conceptista.

A estética gongórica está preocupada com a descrição das coisas. É frequente o uso de figuras de linguagem como a antítese, a metonímia, o paradoxo, o assíndeto, a metáfora, o simbolismo, a sinestesia, a hipérbole e a catacrese, além do uso de neologismos. Preocupa-se com uma linguagem bem trabalhada.

A estética conceptista, no entanto, está preocupada em conhecer a essência das coisas, ao invés de descrevê-las (teocentrismo). Utiliza-se mais da razão do que da emoção. Há o uso de antíteses e paradoxos, tornando o raciocínio mais ambíguo em busca da satisfação da inteligência.

A linguagem barroca é exagerada de imagens e figuras de linguagem, preocupa-se com a aparência e expõe assuntos que envolvem a religião problemática da época, através de contraste de temas, assuntos, motivos e elementos expressivos como vida eterna X vida terrena, espiritualidade X materialidade, corpo X alma, eu X mundo, cristianismo X Reforma, Deus X homem, vida X morte, religioso X profano (erotismo), real X ideal, espírito X carne, sensualismo X misticismo, realismo X idealismo, céu X terra – tensão provocada pela Fé e pela Razão.

Além da religiosidade, o artista barroco retrata também a sensualidade, tanto em relação à natureza como ao corpo humano.

Principais artistas barrocos:

---

### **Padre Manuel Bernardes (1644 – 1710)**

---

Produziu obras de cunho místico e moralista (didático) com uma linguagem simples e espontânea. Sua principal obra foi *Nova Floresta*.

### **A Lentidão burocrática e a “preguiça” do Brasil**

Dizem que Hábis, filha d'el-rei Górgon, por haver sido criada nos bosques com leite de uma cerva, saiu ligeiríssima no correr. Estou considerando que leite mamaria uma destas causas ou requerimentos na mão dos ministros e seus oficiais, que não há remédio a fazê-la correr. Se beberia o leite da preguiça do Brasil (a quem os Castelhanos chamaram por ironia perrillo ligero), que gasta dois dias em subir a uma árvore e outros dois em descer?

Mas não é adequado o símil. Porque a preguiça do Brasil anda devagar, mas anda; e a preguiça do Reino e seus ministros, a cada passo pára e dorme. Dois meses para entrar um papel, e parou; outros dois, para subir a consulta, e tornou a parar; outros dois, para descer abaixo, e temo-la outra vez parada. Mais tantos meses para se verem os autos, mais outros tantos para se formar a tensão, mais tantos anos para embargos, apelações, visitas, revistas, réplicas e tréplicas... Oh preguiça do Brasil, já eu digo, não por ironia, senão por boa verdade, que tu em comparação da preguiça do Reino és perrillo ligero.

In REBELO, Marques, org. *Antologia escolar portuguesa*.  
Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1970, p. 261.

---

### **Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622)**

---

Poeta bucólico e de influência camoniana, escreveu obras como *Romanceiro*, *Éclogas*, *Pastor Peregrino* e outros.

Fermoso Tejo meu, quão diferente  
Te vejo e vi, me vês agora e viste:  
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,  
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a  
[grossa enchente  
A quem teu largo campo não resiste;  
A mim trocou-me a vista  
[em que consiste  
O meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes,  
Sejamo-lo no bem. Oh, quem me dera  
Que fôramos em tudo semelhantes!

Mas lá virá a fresca primavera;  
Tu tornarás a ser quem eras de  
[antes,  
Eu não sei se serei quem de antes  
[era.

---

### **Sóror Violante do Céu (1601-1693)**

---

Produziu poemas marcados pelo sentido passionnal, pelas imagens sutis e pela veemência. Depois de entrar para o convento, impregna suas poesias de cunho religioso. Sua principal obra foi *Rimas Várias*.

Amor, se uma mudança imaginada  
É já com tal rigor minha homicida,  
Que será de passar de ser temida,  
A ser, como temida, averiguada?

Se só por ser de mim tão receada,  
Com dura execução me tira a vida  
Que fará se chegar a ser sabida?  
Que fará se passar de suspeitada?

Porém se já me mata, sendo incerta,  
Somente imaginá-la e presumi-la,  
Claro está (pois da vida o fio corta)

O que fará depois quando for certa:  
– ou tornar a viver, para senti-la,  
ou senti-la também depois de morta.

I

Se apartada do corpo a doce vida,  
Domina em seu lugar a dura morte,  
De que nasce tardar-me tanto a  
[morte  
Se ausente da alma estou, que me  
[dá vida?

Não quero sem Silvano já ter vida,  
Pois tudo sem Silvano é viva morte,  
Já que se foi Silvano, venha a  
[morte,  
Perca-se por Silvano a minha vida.

Ah! suspirado ausente, se esta  
[morte  
Não te obriga querer vir dar-me vida,  
Como não ma vem dar a mesma  
[morte?

Mas se na alma consiste a própria  
[vida,  
Bem sei que se me tarda tanto a  
[morte,  
Que é porque sinto a morte de tal  
[vida.

//

Se era brando o rigor, firme a  
[mudança,

Humilde a presunção, vária a  
[firmeza,

Fraco o valor, cobarde a fortaleza,

Triste o prazer, discreta a  
[confiança.

Terá a ingratidão firme lembrança,

Será rude o saber, sábia a rudeza,

Lhana a ficção, sofisticada a  
[lhaneza,

Áspero o amor, benigna a  
[esquivança;

Será merecimento a indignidade,

Defeito a perfeição, culpa a  
[defensa,

Intrépido o temor, dura a piedade,

Delicto a obrigação, favor a ofensa,

Verdadeira a traição, falsa a  
[verdade,

— Antes que vosso amor meu  
[peito vença.

(...)

---

### **Francisco Manuel de Melo (1608 – 1667)**

---

Era voltado para a poesia lírica, a historiografia, o teatro e a prosa filosófica e moralizante. Sua principal obra foi *Carta de Guia aos Casados*, que retrata as relações conjugais de forma irônica e humorística.

---

### **Frei Luís de Sousa (1555 – 1632)**

---

Historiador rigoroso, escreveu *História de São Domingos e Anais de D. João III*.

---

### **Sóror Mariana Alcoforado (1640 – 1723)**

---

Escreveu *Cartas Portuguesas* em 1669, atribuídas a um amor proibido, uma paixão violenta, incontrolada e não correspondida por um militar, o capitão Chamilly.

Nestas cinco cartas, a consciência moral é suplantada pelo sentimento amoroso e pela ânsia de esquecer uma relação pecaminosa, mas que ainda assim era ardentemente desejada.

#### **Transcrição da primeira carta:**

Vê lá tu, meu amor, como foste te iludir!

Ah! Coitado de ti enganaste-te e enganaste-me com esperanças mentirosas.

Tantas esperanças de gosto nos dava o nosso amor, e causa-nos agora o mortal desespero que só pode comparar-se à crueldade desta separação.

Pois que! A tua ausência, para que a minha dor não acha nome bastante triste, há de privar-me para sempre de me mirar nos teus olhos, onde eu via tanto amor, que me enchiam de alegria, que eram tudo para mim?

Ai de mim! Os meus olhos perderam a luz que os alumiaava e não fazem senão chorar.

(...)

Mil vezes em cada dia lá te mando os meus suspiros; e não me trazem para alívio de tantos males senão este ajuzado aviso à minha desventura, que estou sempre a ouvir:

— Deixa, pobre Mariana, deixa de querer àquele que atravessou o mar para te fugir, que está em França no meio dos prazeres, que não pensa um instante no que sofres, nem te agradece, e que te dispensa de o amares tanto...

---

## **Padre Antônio Vieira (1608-1697)**

---

Nasceu em Lisboa no ano de 1608. Ainda menino, vem para o Brasil e estuda no Colégio dos Jesuítas. Ordena-se em 1634. Com a restauração portuguesa, depois do domínio espanhol, muda-se para Portugal, porém, não consegue se adaptar à realidade portuguesa, devido à decadência do país e à Inquisição. Volta para o Brasil e passa a morar no Maranhão. Morre em 1697, aos 89 anos.

Dividido entre dois mundos – europeu e brasileiro – e de estilo predominantemente conceptista, o autor estabelece analogias e comparações da época e passagens bíblicas, apresentando uma grande profundidade de raciocínio. Considerado o maior orador sacro da história portuguesa, critica os pregadores cultistas, por possuírem discursos ociosos.

Suas principais obras são: *Sermão da Sexagésima* (fala da arte de pregar) e *Sermão de Santo Antônio* ou *Sermão aos Peixes* (fala a respeito da escravidão indígena) e são divididas em: introdução, argumentação e peroração.

### ***Sermão da quarta feira de cinzas***

(fragmento)

Ora suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse: perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó; em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguímo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: Hic jacet. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé-de-vento, levanta-se o pó no ar e que se faz? Os que fazem os vivos, e muitos vivos. Não aquieta o pó, nem pode estar quedo; anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela, já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra: em tudo e por tudo se mete, sem aquietar e sossegar um momento, enquanto o vento dura. Acalmou o vento; cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é. E que pó, e que vento é este? O pó somos nós: Quia pulvis est: o vento é a nossa vida. Quia ventus est vita mea. Deu o vento, levantou-se o pó; parou o vento, caiu. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó caído; estes

são os mortos. Os vivos pó, os mortos pó; os vivos pó levantado, os mortos pó caído; os vivos pó com vento, e por isso vão; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distinção e não há outra.

### **Sermões**

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distingua, há de prová-lo com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devam evitar, há de responder às dúvidas e há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso, há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar...

Neste sermão, há uma enumeração, ou seja, uma lista de elementos que caracterizam o ato de pregar, através de um tom de oratória, de pregação. Através do conceptismo, Vieira se utiliza de três recursos para a elaboração do sermão: a escritura, a razão e o exemplo.

Vieira também utiliza-se de textos bíblicos como referencial – fazendo analogias com o cotidiano.

### **Sermão do Mandato**

(fragmento)

O primeiro remédio que dizíamos, é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo

acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera? São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os Antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxalhe o arco, com que já não atira; embotalhe as setas, com que já não fere; abrelhes os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

O sermão acima mencionado não se enquadra, em princípio, como sendo um texto literário, por não se tratar de uma poesia, romance, conto, ou novela. Entretanto há uma literalidade por se referir ao tema Amor.

### **Carta**

(fragmento)

Senhor, os reis são vassallos de Deus e, se os reis não castigam os seus vassallos, castiga Deus os seus. A causa principal de se não perpetuarem as coroas nas mesmas nações e famílias é a injustiça, ou são as injustiças, como diz a Escritura Sagrada; e entre todas

as injustiças nenhuma clama tanto ao céu como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres, e as que não pagam o suor aos que trabalham; e estes são e foram sempre os dois pecados deste Estado, que ainda tem tantos defensores. A perda do Senhor rei D. Sebastião em África, e o cativo de sessenta anos que se seguiu a todo o reino, notaram os autores daquele tempo que foi castigo dos cativoiros, que na costa da mesma África começaram a fazer os nossos primeiros conquistadores, com tão pouca justiça como a que se lê nas mesmas histórias.

As injustiças e tiranias, que se tem executado nos naturais destas terras, excedem muito às que se fizeram na África. Em espaço de quarenta anos se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios, e mais de quinhentas povoações como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo. Proximamente, no ano de 1655, se cativaram no rio das Amazonas dois mil índios, entre os quais muitos eram amigos e aliados dos portugueses, e vassallos de Vossa Majestade, tudo contra a disposição da lei que veio naquele ano a este Estado, e tudo mandado obrar pelos mesmos que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei; e também não houve castigo: e não só se requer diante de Vossa Majestade a impunidade destes delitos, senão licença para os continuar! (...) Dirão porventura (como dizem) que destes cativoiros, na forma em que se faziam, depende a con-

servação e aumento do Estado do Maranhão; isto, Senhor, é heresia. Se por não fazer um pecado venial, se houver de perder Portugal, perca-o Vossa Majestade e dê por bem empregada tão cristã e tão gloriosa perda; mas digo que é heresia, ainda politicamente falando, porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma coisa é segura nem permanente; e a experiência o tem mostrado neste mesmo Estado do Maranhão, em que muitos governadores adquiriram grandes riquezas e nenhum deles as logrou nem elas se lograram; nem há coisa adquirida nesta terra que permaneça, como os mesmos moradores dela confessam, nem ainda que vá por diante, nem negocio que aproveite, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim; porque tudo vai misturado com sangue dos pobres, que está sempre clamando ao céu.

Este trecho pertence a uma carta e, também não pode se enquadrar como um texto literário, por não se tratar de um romance, poesia, conto ou novela. No entanto, há, também, literalidade nesta, pois está dirigida ao Rei de Portugal e começa com uma afirmação religiosa. Depois Vieira refere-se à causa do tema que vai desenvolver, recorrendo citações das escrituras sagradas. O autor compara as tiranias na África com as tiranias e as injustiças da colônia: a morte de milhares de índios, a desobediência pela coroa de suas próprias leis, a impunidade etc. Concluindo: o conceptismo amarra as idéias relacionadas com uma ética religiosa e política, cuja atualidade não se perdeu.

---

## Resumo do Barroco

---

### Momento sócio-cultural

- Contra-reforma: reação da Igreja católica.
- Os novos valores humanistas, defendidos pela burguesia, chocam-se com os valores teocêntricos, representados pelo clero.
- Começa em Portugal o domínio espanhol, que dura de 1580 a 1640.

### Características literárias

- Antítese, dualidade, contradição: o sagrado e o profano, a razão e a emoção, o espiritual e o carnal, vida e morte, medievalismo e Renascimento.
- Literatura baseada em antíteses, paradoxos, inversões sintáticas (hipérbatos) e exageros (hipérboles) que expressam a angústia existencial barroca.

- Predominância de duas tendências, que se interpenetram: cultismo (rebuscamento formal, jogo sensorial de palavras) e conceptismo (sofisticação no plano das idéias e argumentações paradoxais).

### Autores e Obras

- **Padre Antônio Vieira:** maior orador sacro da língua, escreveu *Sermões* (15 volumes, entre 1679-1718), *História do Futuro* (1718) e outras.
- **Francisco Manuel de Melo:** estudou com os jesuítas e seguiu a carreira militar. Escreveu *Carta de Guia de Casados* (1651), *Cartas Familiares* (1664), *Obras Métricas* (1665).
- **Padre Manuel Bernardes:** escreveu *Nova Floresta* (5 volumes, 1706-1728), *Luz e Calor* (1696).

## Arcadismo

---

O início do século XVIII é marcado pela decadência do pensamento barroco, cujos fatores básicos são: o exagero da expressão barroca, que havia cansado o público; a ascensão da burguesia supera o domínio religioso; o surgimento das primeiras arcádias, enfatizando a pureza e a simplicidade.

A palavra Arcadismo tem sua origem em Arcádia, uma antiga região da Grécia, de relevo montanhoso, habitada por pastores que conciliavam os seus trabalhos com a poesia, cantando o paraíso rústico em que viviam e simbolizando-o como uma terra de inocência e felicidade.

O Arcadismo desenvolveu-se ao longo do século XVIII, influenciado pela Revolução Francesa, movimento revolucionário de ideologia liberal burguesa, responsável pela queda do absolutismo e da economia mercantilista e pela extinção do antigo sistema feudal. O Arcadismo ficou também conhecido por setecentismo (os anos 1700) e neoclassicismo e refletiu uma época que ficou conhecida como o Século das Luzes ou Iluminismo, movimento filosófico cujo objetivo era o de defender a liberdade de pensamento e usar a razão como instrumento de análise e domínio da realidade. Lutaram contra os excessos do Barroco e defenderam uma arte racional e didática.

Dentre os diversos pensadores iluministas, destacam-se:

- **Voltaire** – possuidor de idéias filosóficas e políticas, mostrou em suas primei-

ras obras seu estilo satírico e anticlerical, criticando ferozmente a Igreja de sua época. Proclamou ódio pelas monarquias absolutas e sua admiração pela monarquia liberal inglesa. Suas principais obras foram: *Édipo*, *A Henriada*, *Cartas Filosóficas*, *Cândido ou o Otimismo* e o *Dicionário Filosófico*.

- **Montesquieu** – preocupado com a renovação, contribuiu com a idéia da divisão de poderes como recurso para se evitar o autoritarismo. Em sua obra *Do Espírito das Leis*, Montesquieu defendeu a idéia de que cada um dos três poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário), deve estar em mãos distintas. Em *Cartas Persas* critica os costumes da sociedade.
- **Rousseau** – com sua teoria do bom selvagem, defendeu a natureza virgem e foi admirador do homem selvagem. Desprezou o otimismo um tanto ingênuo dos enciclopedistas. Afirmou que as artes e as ciências tinham contribuído para o progresso da humanidade, mas também a corromperam. Escreveu *Discurso sobre as Ciências e as Artes* e *Do Contrato Social*. Posteriormente, deu ênfase à importância da Educação, com sua obra *Emílio*.

Inspirados nestes pensadores e suas teorias, os arcades voltam-se para a natureza em busca de uma vida simples, bucólica e pastoril, fugindo, assim,

dos centros urbanos. A natureza passa a ser, então, um refúgio ao homem civilizado.

Sua preocupação prioritária era a de formular uma sociedade mais igualitária. Teve sua fundação no culto das ciências, da razão e do progresso.

De espírito reformista, o Arcadismo pretende, reformular o ensino, os hábitos e as atitudes sociais. Propunha a restauração da simplicidade na linguagem, abandonando as figuras de linguagem – antíteses, metáforas, paradoxos – dando mais ênfase a uma linguagem direta.

Em oposição aos artistas barrocos, que preferiam a fuga da realidade, o Arcadismo valoriza o tempo presente.

O artista árcade, além de tomar a vida campestre e suas paisagens como modelos, incorpora, em suas obras, a mitologia, usando-se de deuses e heróis da história grega.

Resumidamente falando, podemos citar diversas características da arte literária arcadista:

1. volta aos modelos greco-romanos;
2. predominam a razão e a ciência, em oposição à fé e a religião;
3. há o retorno ao equilíbrio, reagindo contra os preceitos barrocos quanto ao desequilíbrio;
4. buscam a perfeição da forma;
5. procuram um estilo simples de linguagem, despojando-o das metáfo-

ras e hipérboles deixadas pela estética anterior;

6. utilizam-se da natureza em suas poesias, tornando-as de aspecto bucólico e ingênuo;
7. dão ênfase à linguagem simples, porém, sem perder a sua nobreza;
8. possuem uma tendência introspectiva;
9. há o culto excessivo à natureza;
10. a linguagem torna-se melodiosa;
11. usam pseudônimos pastoris. Ex: Elmano Sadino (Bocage).

Este movimento chega a Portugal em 1756 com a fundação da Arcádia Lusitana e teve seu término em 1825, com a publicação do poema *Camões*, de Almeida Garret.

Com o lema da Arcádia Lusitana de cortar as coisas inúteis, os árcades passam a buscar, então, a simplicidade, a linguagem mais clara, a metrificação simples e o uso de versos brancos (sem rima).

Permanece a presença da mitologia greco-romana e há uma restauração de alguns escritores como Virgílio, Horácio, Teócrito, Camões e Sá de Miranda.

Com o governo de Marquês de Pombal, há em Portugal uma preocupação em modernizar a sociedade portuguesa e expulsar os jesuítas do sistema educacional português. Daí o Marquês de Pombal ser conhecido como déspota esclarecido.

Resumidamente falando, podemos citar diversas características da arte literária arcaica:

1. Volta aos modelos greco-romanos e à arte camoniana.
2. Predominam a razão e a ciência, em oposição à fé e a religião.
3. Há o retorno ao equilíbrio, reagindo contra os preceitos barrocos quanto ao desequilíbrio.
4. Buscam a perfeição da forma.
5. Procuram um estilo simples de linguagem, despojando-se das metáforas e hipérboles deixadas pela estética anterior.
6. Utilizam-se da natureza em suas poesias, tornando-as de aspecto bucólico e ingênuo.
7. Dão ênfase à linguagem simples, porém, sem perder a sua nobreza.
8. Possuem uma tendência introspectiva.
9. Há o culto excessivo à natureza (rococó).
10. A linguagem torna-se melodiosa.
11. Usam pseudônimos pastoris. Ex: Bocache (Elmano Sadino).

Podemos destacar, como principais autores:

---

### **Correia Garção (1724 – 1772)**

---

Escreveu sátiras, epístolas, sonetos e duas comédias: *Teatro Novo* e *Assembléia* ou *Partida*.

---

### **Padre Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819)**

---

Destacou-se nos sonetos. Ficou conhecido por seus pseudônimos Niceno e Filinto Elísio.

---

### **Luis Antonio Verney (1713 – 1792)**

---

Pseudônimo de Frade Barbadinho, publicou *O Verdadeiro Método de Ensinar*.

---

### **Frei José de Santa Rita Durão (1722 – 1784)**

---

É o autor de *Caramuru*, poema cujos traços estilísticos imitam os de Camões. Nesta obra, o herói é Diogo Álvares Correia e a obra retrata a subordinação do índio ao colonialismo europeu.

#### **Canto VI**

(...)

Copiosa multidão da nau francesa  
Corre a ver o espetáculo

[assombrada;

E ignorando a ocasião da estranha  
[empresa,

Pasma da turba feminil, que nada:

Uma, que às mais precede em  
[gentileza,

Não vinha menos bela, do que  
[irada:

Era Moema, que de inveja geme,  
E já vizinha à nau se apega ao leme  
(...)

Perde o lume dos olhos, pasma e  
[treme,

Pálida a cor, o aspecto moribundo,  
Com mão já sem vigor, soltando o  
[leme,

Entre as salsas escumas desce ao  
[fundo:

Mas na onda do mar, que irado  
[freme,

Tornando a aparecer desde o  
[profundo:

“Ah! Diogo cruel!” disse com mágoa,  
e sem vista ser, sorveu-se n’água.

---

## Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765 – 1805)

---

Integrou-se em 1790 ao Arcadismo com a publicação de *Pavorosa Ilusão da Eternidade*. Foi considerado o poeta mais importante do século XVIII em Portugal. Escreveu poesia lírica e satírica, em idílios, odes, epigramas, canções, elegias e, principalmente, em sonetos.

Sua maior obra foram *As Rimas*. Por sua sensibilidade e lirismo subjetivo, foi considerado um pré-romântico. Bocage ficou conhecido por seu pseudônimo Elmano Sadino:

**ELMANO** – anagrama de Manoel.

**SADINO** – homenagem ao rio Sado, que passa por Setúbal, sua terra natal.

Boêmio, conheceu a vida devassa em Lisboa, depois de se decepcionar amorosamente.

### A poesia lírica de Bocage

Bocage, ou Elmano Sadino, cultivou a lírica bucólica e amorosa, através de suas odes, elegias, canções, epístolas e sonetos. Influenciado por Camões, podemos encontrar em seus sonetos traços do artista clássico, além de traços pessoais do próprio Bocage, através de uma linguagem mais prosaica e até mesmo coloquial.

#### Soneto

Camões, grande Camões, quão  
[semelhante

Acho teu fado ao meu, quando  
[os cotejo

Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
Arrostar co’o sacrílego gigante;

Como tu, junto ao Ganges  
[sussurrante,

Da penúria cruel no horror me vejo;  
Como tu, gostos vãos, que em  
[vão desejo,

Também carpindo estou,  
[saudosamente.

Ludíbrico, como tu, da Sorte dura  
Meu fim demando ao Céu,  
[pela certeza

De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza!...  
Se te imito nos transe da Ventura,  
Não te imito nos dons da Natureza.

BOCAGE, M. M. Barbosa. *Sonetos*. Lisboa: Bertland, s d. p. 207.

Neste soneto o poeta faz um paralelo de sua vida com a do poeta Camões.

A poesia lírica de Bocage é dividida em:

- **Lírica Arcádica ou da 1ª Fase** – encontramos a presença de regras e convenções trazidas pelo Arcadismo. O poeta adota uma atitude de artificialismo poético, dotando sua poesia de imagens mitológicas e clássicas. Procura utilizar o racionalismo, porém, a sua sensibilidade o levou a uma expressão mais emotiva, pessoal e sincera.

O artista demonstra o seu “eu” turbulento em reação à impessoalidade e o fingimento da poesia árcaica.

### **Sonetos**

Incultas produções da mocidade  
Exponho a vossos olhos, ó leitores:  
Vêde-as com mágoa, vêde-as  
[com piedade,  
Que elas buscam piedade,  
[e não louvores:

Ponderai da Fortuna a variedade  
Nos meus suspiros, lágrimas e  
[amôres;  
Notai dos males seus a imensidade,  
A curta duração dos seus favores:  
E se entre versos mil de sentimento

Encontrardes alguns, cuja aparência  
Indique festival contentamento,

Crêde, ó mortais, que foram com  
[violência

Escritos pela mão do Fingimento,  
Cantados pela voz da Dependência.

Lusos heróis, cadáveres cediços,  
Erguei-vos dentre o pó, sombras  
[honradas,

Surgi, vinde exercer as mãos  
[mirradas

Nestes vis, nestes cães, nestes  
[mestiços.

Vinde salvar destes pardais  
[castiços

As searas de arroz, por vós  
[ganhadas;

Mas ah! Poupai-lhe as filhas  
[delicadas,

Que elas culpa não têm, têm mil  
[feitiços.

De pavor ante vós no chão se deite  
Tanto fusco rajá, tanto nababo,  
E as vossas ordens, trémulo,  
[respeite.

Vão para as várzeas, leve-os o  
[Diabo;

Andem como os avós, sem mais  
[enfeite

Que o langotim, diâmetro do rabo.

M. M. B. *Sonetos in Moisés*, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 226.

- **Lírica Pré-Romântica ou da 2ª Fase** – em seus poemas, encontramos um reflexo de si mesmo. Destaca-se o lado psicológico, através do sentimento e da personalidade do autor, gerando um gosto pelo noturno, por formas macabras e tendo a morte como única solução para os seus problemas:

“Ó retrato da Morte, ó Morte amiga  
Por cuja escuridão suspiro há tanto!”

O artista se opõe totalmente à dependência e ao despotismo, em nome da Razão.

Em seus poemas, encontramos o cultivo a uma vida fúnebre e noturna, exprimindo sentimentos negativos como o ciúme, a blasfêmia e a contrição, gerados pelo abandono, além de uma linguagem pessimista e fatalista:

### Sonetos

Meu ser evaporei na lida insana  
Do tropel de paixões, que me  
[arrastava:  
Ah! Cego eu cria, ah! mísero  
[eu sonhava  
Em mim quase imortal a  
[essência humana:  
De que inúmeros sóis a mente ufana  
Existência falaz me não dourava!  
Mas eis sucumbe Natureza escrava  
Ao mal, que a vida em sua  
[origem dana.  
Prazeres, sócios meus, e  
[meus tiranos!

Esta alma, que sedenta em si  
[não coube,  
No abismo vos sumiu dos  
[desenganos;  
Deus, oh Deus!... Quando a morte  
[à luz me roube  
Ganhe um momento o que  
[perderam anos,  
Saiba morrer o que viver  
[não soube.

BOCAGE, M. M. Barbosa. *Sonetos*. Lisboa, Bertrand, s.d. p. 67.

Este soneto foi composto momentos antes da morte de Bocage.

Ó retrato da morte! Ó Noite amiga,  
Por cuja escuridão suspiro há  
[tanto!  
Calada testemunha de meu pranto,  
De meus desgostos secretária  
[antiga!  
Pois manda Amor que a ti somente  
[os diga  
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;  
Ouve-os, como costumas, ouve,  
[enquanto  
Dorme a cruel que a delirar me  
[obriga.  
E vós, ó cortesãos da escuridade,  
Fantasmas vagos, mochos  
[piadores,  
Inimigos, como eu, da claridade!  
Em bandos acudi aos meus  
[clamores;

Quero a vossa medonha  
[sociedade,  
Quero fartar meu coração de  
[horrores.

Bocage procura fazer uma auto-análise e disso encontramos traços vivos em sua poesia: confissões, arrependimentos, tensão dramática, sofrimento, luta entre a Razão e o Sentimento, a cabeça e o coração:

“Razão, de que me serve  
[o teu socorro?  
Mandas-me amar, eu ardo, eu amo;  
Dizes-me que sossegue, eu penso,  
[eu morro.”

Observando-se estes dois períodos da poesia lírica de Bocage, podemos dizer que a 1ª fase do artista é mais voltada ao seu lado emotivo, refletindo uma fase romântica de sua vida, quando conheceu seu grande amor, Gertrudes.

A 2ª fase, no entanto, por sua linguagem e expressão mais negativa, reflete a sua nova vida, quando descobriu que sua amada casou-se com o seu irmão; e a partir daí, passou a levar uma vida errante e boêmia:

Eu deliro, Gertrúria, eu desespero  
No inferno de suspeitas e temores.  
Eu da morte as angústias e  
[os horrores  
Por mil vezes sem morrer tolero.  
Pelo Céu, por teus olhos  
[te assevero.

Que ferve esta alma em  
[cândidos amores;  
Longe o prazer de ilícitos favores!  
Quero o teu coração, mais nada quero.

Ah! Não sejas também qual comigo  
A cega divindade, a Sorte dura,  
A vária Deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi: mais valha-me a ternura  
Amor me valha, e pague-me contigo  
Os roubos que me fez a má ventura.

BOCAGE, M. M. B. *Sonetos*. Lisboa: Bertland, s. d., p. 67

Gertrúria = pseudônimo de Gertrudes, o verdadeiro amor do poeta, que se casou com seu próprio irmão, Gil Francisco Barbosa du Bocage.

### **A poesia satírica de Bocage**

Bocage, em suas sátiras, crítica o poder e ironiza o clero e a nobreza decadente. Sua linguagem é obscena e erótica:

“Ah! Faze-me ditoso, e sê ditosa.  
Amar é um dever, além de um gosto,  
Uma necessidade, não um crime,  
Qual a impostura horríssonas apregoa.  
Céus não existem, não existe inferno,  
O prêmio da virtude é a virtude,  
É castigo do vício o próprio vício.”

Neste poema, Bocage renega aos “céus”, associados à visão sensual do amor, que é a prisão do poeta.

---

## Resumo do Arcadismo

---

### Momento sócio-cultural

- Iluminismo, enciclopedismo, despotismo esclarecido: aliança entre os reis e a burguesia, formação da ideologia burguesa.

### Características literárias

- O texto como momento de lazer, de experiência amena com o belo, de distração, de idealização de um mundo pastoril e bucólico (arcadismo).
- Uso de pseudônimos pastoris, que remontam à Antiguidade.
- Fundação de Arcádias, academias literárias.
- Revigoração do racionalismo classicista (neoclassicismo) em oposição ao Barroco.

- Didatismo na literatura: o texto como forma de ilustração, de “iluminação” intelectual (neoclassicismo).
- Lemas arcádicos: *carpe diem* (viver o momento), *fugere urbem* (fugir da cidade), *inutilia trunquat* (cortar o que é inútil).

### Autores e obras

- **Correia Garção**: um dos principais teóricos do Arcadismo. Escreveu *Teatro Novo* (1766) e *Assembléia ou Partida* (1770), *Obras Poéticas* (1778).
- **Manuel Maria Barbosa du Bocage**: o maior poeta português do século XVIII, e um dos maiores da língua. Autor de *Rimas* (1791), posteriormente acrescida de novos textos.

# Romantismo

---

Movimento artístico que teve seu início em meados do século XVIII, estendendo-se até metade do século XIX. O tema central desta estética foi a “liberdade do indivíduo em relação ao poder dominante da aristocracia”. Com isto, externa-se a emoção e o sentimentalismo. Os românticos buscam uma arte individualista, em que o “eu” torna-se o centro de tudo.

O nacionalismo, o sentimentalismo, o subjetivismo e o irracionalismo são características marcantes no Romantismo inicial.

O Romantismo busca explicar o nacionalismo e a valorização do passado, voltando-se ao amor medieval, que passa a ser o tema de grandes romances e poemas.

Em Portugal, Almeida Garret inaugurou o movimento com o poema *Camões*, em 1825. Os primeiros anos do Romantismo em Portugal coincidem com as lutas civis entre liberais e conservadores, acirradas por uma guerra que durou dois anos.

Segundo Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, “o Romantismo expressa o sentimento dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza que já caiu, e a pequena burguesia que ainda não subiu: de onde as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento”.

## Principais Características

- volta ao passado para fugir dos conflitos do mundo atual;
- o romântico opõe-se ao modelo clássico;
- opõe-se à arte de caráter erudito e nobre, tornando-se uma arte de caráter popular, que valoriza o nacional;
- o indivíduo passa a ser o centro das atenções, carregado de imaginação e sentimentos;
- os românticos cultivavam o nacionalismo, que se manifestava na exaltação da natureza pátria, no retorno ao passado histórico e na criação do herói nacional (o belo e valente cavaleiro medieval);
- cultuam-se os ideais da Idade Média;
- promove uma volta ao catolicismo medieval;
- supervalorização das emoções pessoais – subjetivismo;
- excessiva valorização do eu, gerando o egocentrismo;
- o sentimento passa a predominar sobre a razão;
- a natureza passa a ser o tema poético para o romântico;
- a criação é um ato de liberdade;
- fuga à realidade para um mundo imaginário, criado a partir de sonhos e emoções;

- busca-se um mundo perfeito e ideal;
- valorização da linguagem popular;
- os versos são livres, sem métrica e sem estrofação; há a existência, também, de versos brancos (sem rima).

O Romantismo português é dividido em três gerações:

**Primeira geração** – permanecem alguns valores neoclássicos.

**Segunda geração** – é o chamado ultra-romantismo, onde as características românticas são levadas ao exagero.

**Terceira geração** – é a transição para o Realismo.

## Primeira Geração

### João Batista da Silva Leitão de Almeida Garret (1799 – 1854)

Foi o iniciador do Romantismo e responsável pela evolução do teatro português. Nascido de família enriquecida no Brasil, foi educado para padre, mas acabou formando-se em Direito na faculdade de Coimbra. Ainda estudante dedicou-se também ao teatro de inspiração democrática e de estilo neoclássico. Depois de formado, exerceu funções burocráticas em Lisboa. Suas primeiras poesias apresentam características árcades, como em *Camões*. A estrutura romântica só será

encontrada em *Flores sem Fruto* e *Folhas Caidas*, uma obra mais voltada para o amor, refletindo as experiências pessoais, dores e angústias de seu relacionamento com a Viscondessa da Luz. *Retrato de Vênus* e *Dona Branca* também são obras importantes do artista. Garret destaca-se também no teatro com *Um Auto de Gil Vicente* e *Frei Luís de Sousa*.

### Frei Luís de Sousa

Adotando a forma da tragédia grega, Garret constrói o enredo em torno de um triângulo amoroso: D. Madalena de Vilhena, Manuel (Frei Luís) de Sousa e Romeiro (D. João de Portugal).

Madalena vive num constante conflito interior, pois, apesar de ter se casado com Manuel de Sousa Coutinho, nunca teve certeza da morte de seu primeiro marido, D. João de Portugal. Sua presença permanece viva, graças a presença de um Romeiro que regressava da peregrinação a Jerusalém e que, posteriormente vem a revelar sua identidade – era o próprio D. João. A este fato, o casal resolve se separar, a fim de dedicar o resto de seus dias à Igreja.

O título da peça põe em destaque a figura de Frei Luís de Sousa, nome que Manuel tomará ao abraçar a vida religiosa. Este personagem simboliza o patriota que arrisca a própria vida para se manter fiel aos ideais nacionalistas.

Seguindo a forma da tragédia, a ação se desenvolve em clímax, agnórise e desafio ao destino, presente desde o início do conflito.

Maria de Noronha, filha de Manuel com Madalena, apesar de pouca idade, age como uma mulher madura. É fervorosa e está intimamente ligada à figura de D. João de Portugal.

### **Fragmentos da Peça** **Frei Luís de Souza**

#### **Madalena**

Deixai, deixai, não importa, eu folgo de vos ouvir: dir-me-eis vosso recado quando quiserdes... logo, amanhã...

#### **Romeiro**

Hoje há de ser. Há três dias que não durmo nem descanso, nem posei esta cabeça, nem pararam êstes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um ano... quando me libertaram, dei juramento sobre a pedra santa do Sepulcro de Cristo...

#### **Madalena**

Pois éreis cativo em Jerusalém?

#### **Romeiro**

Era: não vos disse que vivi lá vinte anos?

#### **Madalena**

Sim, mas...

#### **Romeiro**

Mas o juramento que dei foi que, antes de um ano cumprido, estaria diante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

#### **Madalena** (aterrada)

E quem vos mandou, homem?

#### **Romeiro**

*Um homem foi, e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a ninguém mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.*

#### **Madalena**

Como se chama?

#### **Romeiro**

O seu nome, nem o da sua gente nunca o disse a ninguém no cativo.

#### **Madalena**

Mas, enfim, dizei vós...

#### **Romeiro**

As suas palavras, trago-as escritas no coração com as lágrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me caíram nestas mãos, que me correram por estas faces. Ninguém o consolava senão eu... e Deus! Vêde se me esqueceriam as suas palavras.

#### **Jorge**

Homem, acabou!

#### **Romeiro**

Agora acabo; sofri que êle também sofreu muito. Aqui estão as suas palavras: "Ide a D. Madalena de Vilhena, e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quis... aqui está vivo... por seu mal... e daqui não pode sair nem mandar-lhe novas suas de há vinte anos que o trouxeram cativo".

**Madalena** (na maior ansiedade)

Deus tenha misericórdia de mim! E  
êsse homem... Jesus! Êsse homem era...  
êsse homem tinha sido... levaram-no aí  
de donde?... de África?

**Romeiro**

Levaram.

**Madalena**

Cativo?...

**Romeiro**

Sim.

**Madalena**

Português?... cativo da batalha de?...

**Romeiro**

Alcáler-Quibir

**Madalena** (espavorida)

Meu Deus, meu Deus! Que se não  
abre a terra debaixo dos meus pés?...  
que não caem estas paredes, que me  
não sepultam já aqui?...

**Jorge**

Calai-vos, D. Madalena! A miseri-  
córdia de Deus é infinita, esperai. Eu  
duvido, eu não creio... estas não são  
coisas para se serem de leve (reflete,  
e logo como por uma idéia que lhe acu-  
diu de repente). Oh! Inspiração divina...  
(chagando ao romeiro)

Conheceis bem êsse homem, ro-  
meiro: não é assim?

**Romeiro**

Como a mim mesmo.

**Jorge**

Se o víreis... ainda que fôsse nou-  
tros trajos... com menos anos, pintado,  
digamos, conhecê-lo-eis?

**Romeiro**

Como se me visse a mim mesmo  
num espelho.

**Jorge**

Procurai nestes retratos, e dizei-  
me se algum déles pode ser.

**Romeiro**

É aquê. (sem preocupar, e apon-  
tando logo para o retrato de D. João)

**Madalena**

Minha filha, minha filha, minha filha!...  
Estou... estás... perdidas, desonradas...  
infames! Oh! Minha filha, minha filha!...

***Este Inferno de Amar***

Êste inferno de amar—como eu amo!—  
Quem mo pôs aqui n'alma...

[quem foi?

Esta chama que alenta e consome,  
Que é a vida—e que a vida destrói—  
Como é que se veio a atear,  
Quando—ai quando se há de

[apagar?

Eu não sei, não me lembra:

[o passado,

A outra vida que dantes vivi  
Era um sonho talvez...—foi um sonho—  
Em que paz tão serena a dormi!  
Oh! que doce era aquê. sonhar...  
Quem me veio, aí de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso  
 Eu passei... dava o Sol tanta luz!  
 E os meus olhos, que vagos giravam,  
 Em seus olhos ardentes os pus.  
 Que fêz ela? eu que fiz? – Não no sei;  
 Mas nessa hora a viver comecei...

GARRET, Almeida. *Lírica incompleta*. Lisboa: Arcádia, 1971, p. 368-9.

Poema escrito em primeira pessoa, retrata uma confissão de forma sincera. Há o uso de oposições para expor sua contradição (amar é um inferno). Podemos notar neste poema o egocentrismo do autor, pois tudo gira em torno do “eu”.

### **Viagens na minha Terra**

O Vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita: não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossêgo do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pesares e as vilezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a Virgindade do seu coração.

À esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quase a pique, está um maciço de ver-

dura do mais belo viço e variedade. A faia, o freixo, o álamo entrelaçam os ramos amigos; a madressilva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões: a congossa, os fetos, o malvarosa do valado vestem e alcatifam o chão.

Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meia aberta de uma habitação antiga mas não dilapidada – com certo ar de confôrto grosseiro, e carregada na côr pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício que todavia mal se vê...

Interessou-me aquela janela.

Quem terá o bom gôsto e a fortuna de morar ali?

Parei e pus-me a namorar a janela.

Encantava-me, tinha-me ali como um feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca... e um vulto por detrás... Imaginação decerto! Se o vulto fôsse feminino!... era completo o romance.

Como há de ser belo ver pôr o Sol daquela janela!...

E ouvir cantar os rouxinóis!...

E ver raiar uma alvorada de Maio!...

Se haverá ali quem a aproveite, a deliciosa janela?... quem aprecie e saiba gozar todo o prazer tranqüilo, todos os santos gozos de alma que parece que lhe andam esvoaçando em tôrno?

Se fôr homem é poeta; se é mulher  
está namorada.

São os dois entes mais parecidos  
da natureza, o poeta e a mulher namo-  
rada: vêem, sentem, pensam, falam  
como a outra gente não vê, não sente,  
não pensa nem fala.

Na maior paixão, no mais acrisola-  
do afeto do homem que não é poeta,  
entra sempre o seu tanto da vil prosa  
humana: é liga sem que se não lavra o  
mais fino de seu ouro. A mulher não; a  
mulher apaixonada deveras sublima-se,  
idealiza-se logo, toda ela é poesia; e não  
há dor física, interêsse material, nem  
deleites sensuais que a façam descer  
ao positivo da existência prosaica.

### **Barca bela**

Pescador da barca bela

Onde vás pescar com ela,

Que é tão bela,

Ó pescador?

Não vês que a última estrela

No céu nublado se vela?

Colhe a vela,

Ó pescador!

Deita o lanço com cautela,

Que a sereia canta bela...

Mas cautela,

Ó pescador!

Não se enrede a rede nela,

Que perdido é remo e vela,

Só de vê-la,

Ó pescador!

Pescador da barca bela,

Inda é tempo, fuge dela,

Fuge dela,

Ó pescador!

---

## **Antonio Feliciano de Castilho (1800 – 1875)**

---

Foi tradutor de autores clássicos e  
escreveu *A noite do Castelo*, *Escava-  
ções Políticas* e *O Outono*.

---

## **Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810 – 1877)**

---

Foi o introdutor do romance históri-  
co em Portugal. Devido a sua educação  
literária. Para Herculano, a literatura de-  
veria ser popular e nacional (voltada para  
o povo), demonstrando a vida social.  
Escreveu *Eurico, o presbítero* – obra  
de cunho histórico, que vai se opor ao  
celibato clerical, enfatizando o amor ro-  
mântico entre os jovens Eurico e Her-  
mengarda – *O monge de Cister*, *O Bobo*  
e *Lendas e Narrativas*. Os temas trata-  
dos pelo artista são: a religião, a pátria e  
a natureza. Sua poesia é rica em símbo-  
los e em hipérbatos, não existindo o li-  
rismo amoroso em suas obras, apenas  
a afirmação da fé e uma condenação ao  
desprezo e ingratidão dos homens. Seus  
versos eram soltos e o poeta utiliza-se  
de várias estruturas estróficas. Já nos  
romances, em que introduziu a História

de Portugal, pretendia realizar uma história política e social da Idade Média portuguesa, ressaltando o papel da burguesia.

Herculano nasceu de uma família da pequena burguesia, e por falta de recursos não pode seguir carreira universitária. Aos 21 anos de idade empregou-se como bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto. Demitiu-se de seu cargo público como forma de protesto e lançou-se a oposição com o folheto *A Voz do Profeta*, que o consagrou como escritor. Dedicou-se ao jornalismo e dirigiu *O Panorama*. Em 1840, foi eleito deputado e defendeu um projeto de reforma geral e popularização do ensino. Participou do golpe de Estado da Regeneração em 1850. em 1867, decidiu dedicar-se à lavoura, abrاندando suas atividades de escritor e homem público.

### ***Eurico, o Presbítero***

O romance relata a invasão árabe na península Ibérica no século VIII e a história de um amor impossível entre Eurico e Hermengarda.

Eurico é um padre que se refugia na vida religiosa para tentar esquecer, seu grande amor, cuja mão lhe foi negada pelo pai, o duque de Cantábria, devido às condições financeiras de Eurico.

No momento em que ocorre a invasão árabe, Eurico torna-se o temido “cavaleiro negro”, que aterroriza os árabes com sua ousadia e valentia. Entretanto, os árabes acabam vencendo a guerra e, com isso, invadem cida-

des, casas, igrejas e conventos. Hermengarda é raptada pelos árabes e Eurico enfrenta todos os perigos para salvá-la.

Em meio às lutas, Eurico e Hermengarda se reencontram e ela, em sonho, revela seu amor a ele. Mas a união entre os dois se torna ainda mais impossível, já que ele havia se tornado padre.

Após ter participado de uma bem sucedida emboscada contra os árabes, Eurico permite que seus inimigos o matem, pondo fim aos seus sentimentos amorosos e ao conflito religioso. Hermengarda, ao saber de sua morte, enlouquece.

A religião é o agente complicador do conflito sentimental de Eurico. A época histórica é a do domínio árabe. O narrador é onisciente. O autor ocupa sempre o primeiro plano, mesmo no diálogo, onde exprime as suas idéias, comentários misturados com uma certa ironia quase agressiva. A obra apresenta três partes distintas: a primeira apresenta o caos da época; a segunda introduz e caracteriza as personagens na ação que, na terceira parte, surge clara e em seu pleno desenvolvimento, até a conclusão. A linguagem ritmada, rica de lirismo e de comparações sugestivas, permitiria a classificação como poema em prosa. Trata-se de um romance grandioso, com lances violentos e a unidade de ação e o desenrolar dos acontecimentos fazem de *Eurico, o presbítero*, um texto aparentado da tragédia.





## Segunda Geração

### Antônio Augusto Soares de Passos (1826 – 1860)

Publicou *Poesias*, em 1855.

#### *O Noivado no Sepulcro*

Vai alta a lua! na mansão da morte  
Já meia-noite com vagar soou.

Que paz tranqüila; dos vaivéns  
[da sorte

Só tem descanso quem ali baixou.

Que paz tranqüila!... mais eis longe,  
[ao longe

Funérea campa com fragor rangeu;

Branco fantasma semelhante  
[a um monge,

Dentre os sepulcros a cabeça  
[ergueu.

.....

Porém mais tarde, quando foi volvido

Das sepulturas o gelado pó,

Dois esqueletos, um ao outro unido,

Foram achados num sepulcro só.

*In Poesias*. Porto: Cuadrón, 1925, pp. 12-15  
*Apud* Massaud Moisés. *A Literatura Portuguesa através  
dos textos*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980,  
pp. 280 e 281.

### Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco (1825 – 1890)

Há uma relação entre sua vida e a vida que ele projeta em suas obras. Filho bastardo, nasceu em Lisboa. Sua mãe, Jacinta Rosa do Espírito Santo morreu quando tinha apenas dois anos de idade. Ela era criada de seu pai, Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, que faleceu após oito anos da morte de sua mãe. Órfão, é educado pela tia Rita Emília e vivencia ao seu lado o terror de ter o seu avô assassinado e a morte de seu tio Simão. Casou-se pela primeira vez aos 16 anos de idade com Joaquina Pereira, porém ela o abandonou. Mais tarde tornou-se estudante de Medicina, quando teve envolvimento com sua prima Patrícia Emília, com quem fugiu acusado de adultério. Com a morte de sua primeira esposa, Patrícia passou a ser sua verdadeira esposa até vir a engravidar. Com isso, Camilo a abandona e, em 1850, conhece o seu grande amor – Ana Plácido, que se casou com outro. Deprimido pelo acontecimento, Camilo vai para o seminário, onde passa a ter um caso amoroso com uma freira. Anos mais tarde, retorna seu romance com Ana Plácido e são presos por adultério. Em 1890, cego, Camilo suicida-se com um tiro no ouvido.

Sua vida foi um emaranhado de amores aventureiros, sendo até processado por adultério. Foi precursor da novela: narrativa linear, rápida, objetiva, de poucas descrições, com maior intervenção do narrador e pouca profundidade psico-

lógica. A partir da publicação de *Amor de Perdição e Amor de Salvação*, Camilo mostra o contraste entre a mulher fatal e a mulher anjo, os obstáculos ao amor e os personagens voltando à religião.

Camilo retratou, em suas obras, as cidades e a região do norte de Portugal. Escreveu também *Nostalgias, Nas Trevas, Agostinho de Ceuta, Memórias do Cárcere, O Judeu e Eusébio Macário*.

### **Amor de Perdição**

A família dos namorados Simão Botelho e Teresa de Albuquerque estão, há muito tempo, brigadas, e fazem de tudo para separá-los. Simão é mandado para Coimbra. Teresa, para não aceitar a alternativa odiosa de casar-se com o primo Baltazar Coutinho, ingressa num convento.

A parte trágica deste romance começa quando Simão vai procurar a amada no convento e fere mortalmente a seu rival. Condenado, Simão tem de rumar para o exílio. Quando o navio começa a largar, Simão ainda avista a amada de longe, e a cena em que Teresa lhe acena com o lençinho, do convento de Monchique, é uma das mais permanentes em toda a história da novela amorosa.

Trata-se de um romance de explosão passional, em que a razão se mostra frágil e incapaz de relativizar os eventos ou amenizá-los. Esse caráter passional da intriga camiliana não deixa de lado nem mesmo aquela Mariana que depositara em Simão um terno e resignado amor. Pois na hora em que o corpo do herói é jogado ao mar, Mariana opta por morrer junto do amado, agarrando-se ao cadáver de Simão.

A ação da obra gira em torno da invencibilidade da paixão de Simão e Tereza. O tempo da narrativa é cronológico, ou seja, há uma sucessão cronológica de eventos. A forma é linear, pois o autor escrevia em 1861 um drama vivido em 1801. A narrativa situa-se no início do século XIX, quando houve o início da consolidação da sociedade romântico-liberal. O tempo passado lhe dá maior liberdade no discurso. O espaço é caracterizado pelo ambiente social (sociedade provinciana que viveu na região da beira-alta) e age na narrativa intensificando os obstáculos que se levantam contra o amor de Simão e Tereza. Referindo-se aos personagens, podemos dividi-los em: Fidalgos jovens (nobreza de caráter), Fidalgos adultos e religiosos (arrogantes, soberbos) e Plebeus jovens ou adultos (nobreza de caráter, bondade). O aprofundamento psicológico é ausente nos personagens, pois o objetivo principal do autor é colocar em evidência apenas o comportamento humano. Dentre os personagens, destacam-se: Simão Antônio Botelho, herói romântico e de extremismos emocionais (tentativa de rapto, que gera mortes e, conseqüentemente, seu fim trágico); Teresa, a heroína romântica; Mariana, a amante silenciosa (ideal romântico); João da Cruz, o camponês rústico, protetor de Simão; Baltazar Coutinho, o burguês interesseiro, sem moral; Tadeu de Albuquerque, o pai autoritário que, por uma rivalidade particular, impede a felicidade da filha com Simão.

### **Amor de Perdição – A ironia**

A ironia romântica é uma das características marcantes da obra de Camilo Castelo Branco, traduzida na sua maneira particular de expor a vida da sociedade portuguesa do século XVIII (entenda-se por sociedade, a corte e o povo), captando suas particularidades e criticando seus hábitos e costumes arraigados.

Tal ironia se desenvolve em três aspectos: o autor sendo crítico da sua própria obra, ou seja, a autoironia; a ironia com o mundo; e a ironia com os próprios personagens.

Logo no início do romance percebemos a ironia nos nomes dos personagens, tão grandes que podiam constituir uma frase: Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, e D. Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco.

Manuel Botelho e o lojista são diferentes de Simão Botelho, para quem a mulher amada, Teresa de Albuquerque, é tudo. É capaz de mudar o curso da sua vida, até então promissora. Há também ironia crítica em relação ao herói do romance, Simão Botelho, pois é um herói romântico que passa necessidades financeiras:

Não é bonito deixar a gente vulgarizar o seu herói a ponto de pensar na falta de dinheiro, um momento depois que escreveu à mulher estremecida uma carta como aquela de Simão Botelho.

Percebemos também o tom irônico, até sarcástico, no episódio do convento, reduto de senhoras puras à beira da santidade, que é descrito como o abrigo

de freiras especuladoras da vida alheia, que se embriagam de vinho e até possuem namorados:

(fragmentos)

Esta escritã não é má rapariga. Só tem o defeito de se tomar da pingoleta; depois, não há quem a ature. Tem uma boa tença, mas gasta tudo em vinho, e tem ocasiões de entrar no coro a fazer ss, que é mesmo uma desgraça. Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. É verdade que, às vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitórios, e fechou por dentro a porta) é verdade que às vezes quando anda azoratada, dá por paus e por pedras, e descobre os defeitos das suas amigas. A mim já ela me assacou um alevé, dizendo que eu, quando saía a ares, não ia só a ares, e andava a fazer o que fazem as outras. Forte pouca vergonha! Lá que outra falasse, vá; mas ela, que tem sempre uns namorados pandilhas que bebem com ela na grade, isso lá me custa; mas, enfim, não há ninguém perfeito!... Boa rapariga é ela... se não fosse aquele maldito vício...

Ao romper da manhã apagara-se a lâmpada. Mariana saíra a pedir luz e ouviu um gemido estertoroso. Voltando às escuras, com os braços estendidos para tatear a face do agonizante, encontrou a mão convulsa, que lhe apertou uma das suas, e relaxou de súbito a pressão dos dedos.

Entrou o comandante com uma lâmpada, e aproximou-lha da respiração, que não embaciou levemente o vidro.

— Está morto! – disse ele.

Mariana curvou-se sobre o cadáver, e beijou-lhe a face. Era o primeiro beijo. Ajoelhou depois ao pé do beliche com as mãos erguidas, e não orava nem chorava.

(...)

Dois homens ergueram o morto ao alto sobre a amurada. Deram-lhe o balanço para o arremessarem longe. E, antes que o baque do cadáver se fizesse ouvir na água, todos viram, e ninguém já pôde segurar Mariana, que se atirara ao mar.

(...)

Viram-na num momento, bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar-se ao cadáver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços. O comandante olhou para o sítio donde Mariana se atirara, e viu, enleado no cordame, o avental, e à flor da água, um rolo de papéis, que os marujos recolheram na lancha. Eram, como sabem, a correspondência de Teresa e Simão.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Perdição*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1983, p. 117-8.

Após leitura e análise do romance, podemos observar que a sociedade foi a causadora da própria perdição, pois se não fossem inimigas as famílias, a história transcorreria sem tumultos. Ressaltamos que esta perdição referida é tanto do corpo quanto da alma, já que antes do herói do romance suicidar-se, acarreta a morte de: dois empregados de Baltasar Coutinho, do próprio Baltasar Coutinho, do ferrador João da Cruz (que é morto por vingança), da sua amada Teresa de Albuquerque, de Mariana, que se mata junto a ele, e ainda provoca a destruição das três famílias, indo contra os princípios religiosos.

## Terceira Geração

### João de Deus Ramos (1830 – 1896)

Escreveu *Campo de Flores*.

#### *Encanto*

Passavas como rainha,  
E eu, que andava como morto,  
Parece que me sustinha  
No ar em êxtase, absorto...  
É ela, dizia eu,  
A minha estrêla do céu!

Passavas lançando em tórno,  
Como a lua em noite amena,  
Aquele olhar doce e morno  
Que me dava gosto e pena...  
Pena não ser só meu  
Êsse reflexo do céu!

Mal sabes como em nossa alma,  
À luz de uns olhos que atraem,  
A tempestade se acalma  
E as nuvens negras se esvaem!  
Com a luz de um olhar teu  
É uma bênção do céu!

De tal maneira me encanta,  
Que até andei, por exemplo,  
Contigo a Semana Santa,  
Sem saber, de templo em templo  
Depois é que me ocorreu  
Que esse olhar era do céu!

Nesse traje austero e grave,  
Tôda de preto, era um gôsto  
Ver não sei que luz suave  
A banhar-te as mãos e o rosto...  
Era a luz, suponho eu,  
Que banha os anjos do céu.

Se um dia, estrêla dos magos,  
Me abandonares na vida,  
Deixa-me uns reflexos vagos  
Como de estrêla caída...  
Ao menos verei no céu  
Rastro da estrêla que ardeu!

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 313.

---

## Júlio Dinis (1839 – 1871)

---

Pseudônimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1839 – 1871), é considerado um dos precursores do Realismo. Escreveu: *As Pupilas do Senhor Reitor*, *Uma Família Inglesa*, *Os Fidalgos da Casa Mourisca* e *A Morgadinha dos Canaviais*.

### ***As Pupilas do Senhor Reitor***

(resumo)

A história ocorre num cenário povoado de tipos humanos cuja bondade só é maculada pelo moralismo quase

ingênuo de comadres fofoqueiras. Daniel, ainda menino, prepara-se para ingressar no seminário, mas o reitor descobre seu inocente namoro com a pastorinha Margarida (Guida). O pai, José das Dornas, decide então enviá-lo ao Porto para estudar medicina. Dez anos depois, Daniel volta para a aldeia, como médico homeopata e, Margarida, agora professora de crianças, conserva ainda seu amor pelo rapaz. Ele, no entanto, contaminado pelos costumes da cidade, torna-se um namorador impulsivo e inconstante, e já nem se lembra da pequena pastora. Nesse tempo, Pedro, irmão de Daniel, está noivo de Clara, irmã de Margarida. O jovem médico encanta-se da futura cunhada, iniciando uma tentativa de conquista que poria em risco a harmonia familiar. Clara, inicialmente, incentiva os arroubos do rapaz, mas recua ao perceber a gravidade das conseqüências. Ansiosa por acabar com impertinente assédio, concede-lhe uma entrevista no jardim de sua casa. Esse encontro é o ponto culminante da narrativa: surpreendidos por Pedro, são salvos por Margarida, que toma o lugar da irmã. Rapidamente, esses acontecimentos tornam-se um grande escândalo, o que compromete a reputação de Margarida. Daniel, impressionado com a abnegação da moça, recorda-se, finalmente, do amor da infância e, agora novamente apaixonado por ela, procura conquistá-la. No último capítulo, após muito sofrimento e sem mais resistir, Margarida aceita o amor de Daniel.

## Resumo do Romantismo

### Momento sócio-cultural

- Revolução Industrial
- Revolução Francesa (1789)
- Ascensão da burguesia ao poder, liberalismo, individualismo, nacionalismo.
- Consolidação do sistema capitalista.

### Características literárias

- A literatura procura a libertação das formas clássicas e a explosão da subjetividade: predomínio da emoção sobre a razão, ênfase na imaginação criadora, espírito libertário, nacionalismo, religiosidade etc.
- O artista como criador, um “gênio inspirado” (valorização da imaginação).
- O fim da proteção oficial às artes (mecenas) e a transformação da arte em mercadoria: necessidade de for-

mar e conquistar um público-leitor: surgimento do romance (folhetim).

### Autores e obras

- **Almeida Garret**, associa elementos românticos e neoclássicos:

*Camões* (poesia), *Frei Luís de Sousa* (teatro), *Viagens na minha terra* (romance).

- **Alexandre Herculano** (romances históricos):

Eurico, o presbítero; Lendas e narrativas.

- **Camilo Castelo Branco** (técnica de folhetim, transição para o Realismo)

*Amor de Perdição*; *Coração, cabeça e estômago* (obra satírica).

- **Julio Diniz** (afasta-se do ultra-romantismo, transição para o Realismo)

As pupilas do Senhor Reitor.

# Realismo

“É de todos os tempos o realismo como o é a arte. Ele existiu sempre, porque a imaginação tem necessariamente por base a observação e a experiência, e porque a arte tem sempre por objeto as realidades da vida. Na observação da vida, com o propósito de fazer arte, há duas atitudes extremas: a da franca subjetividade e a dum ardente desejo de impassível objetividade. Estas duas atitudes de espírito do artista coexistem, mas como que se doseiam, tendo o predomínio ora uma ora outra. O artista, que observa, altera, corrige a realidade, porque não só reproduz um fragmento da vida, escolhido já de acordo com as suas inclinações pessoais, mas também o reproduz tal como o viu, isto é, desfigurado.

E assim, através da concepção artística, a verdade real deforma-se para se tornar em verdade artística”.

FIGUEIREDO, Fidelino de. *História da Literatura Realista*. 3. ed. São Paulo: Anchieta, 1946, p.13.

Movimento que se inicia na segunda metade do século XIX com a retomada do racionalismo e se estende até o início do século XX. Sua principal característica é a tentativa de traduzir a realidade. O Realismo, portanto, é o reflexo da desilusão do homem frente à sociedade: miséria das cidades, crise da produção no campo e péssimas condições de vida.

É nesse ambiente que os artistas passam a observar e a externar a verdade possível da realidade, colocando-se contra o tradicionalismo romântico e procurando incorporar os descobrimentos científicos de seu tempo. As principais teorias realistas são:

- **Teoria determinista:** Hipolite Taine (1825-1893), doutrina filosófica que afirma que todo evento, mental ou físico, tem uma causa, e que, a causa que é determinada, o evento invariavelmente a segue. Conseqüência de uma herança, de um meio ou de uma circunstância (momento)
- **Filosofia positivista:** Auguste Comte (1798-1857), sistema de filosofia baseada em experiência e conhecimento empírico dos fenômenos naturais no qual metafísica e teologia são consideradas como sistemas de conhecimento inadequados e defeituosos.
- **Socialismo utópico:** Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), sociedade na qual as pessoas seriam de natureza ética e senso de responsabilidade moral tão altamente desenvolvidas, que um governo seria desnecessário para regular e proteger essa sociedade. Seu idealizador rejeitou o uso de força para impor qualquer sistema a um povo. Num estado ideal de sociedade, o que ele chamou de “ordem em anarquia”, pessoas agiriam de uma maneira responsável, ética, de livre arbítrio.

- **Evolucionismo:** Charles Robert Darwin (1809-1882), doutrina fundada na idéia de evolução e, mais particularmente, conjunto das teorias explicativas do mecanismo da evolução dos seres vivos.
- **Fisiologismo:** Claude Bernard (1809-1882), descoberta de que as doenças nada mais são que anomalias ou distúrbios dos órgãos do corpo humano e não do espírito.
- **Monismo:** tipo de pensamento filosófico no qual foi feita a tentativa de eliminar a dicotomia, princípio que afirma a existência única, no ser humano, de corpo e alma.

Dessa forma, o subjetivismo romântico foi substituído pela descrição da realidade externa, na qual o escritor pretende retratar a realidade como realmente é, criticando e revoltando-se contra a injustiça e a opressão.

A ideologia do Realismo é: a crítica ao tradicionalismo da sociedade burguesa, provida da educação romântica (distante da realidade); crítica ao conservadorismo da Igreja (voltada para o passado) que impedia o desenvolvimento natural da sociedade; visão objetiva e natural da realidade; preocupação com a reforma da sociedade com o objetivo de democratizar o poder político; e a representação da vida contemporânea, procurando mostrar todos os seus detalhes significativos.

O Realismo português iniciou-se em 1865 e estendeu-se até 1890, com a publicação de *Oaristos*, de Eugênio de Castro. As idéias realistas foram introduzidas

por um grupo de jovens estudantes de Coimbra, atentos à nova estética vinda da Europa, e influenciados pela poesia social de Victor Hugo e pelas ideologias de Hegel, Marx e Engels. O líder do grupo era Antero de Quental e lutava para divulgar suas novas idéias através de suas poesias revolucionárias. Esta atitude gerou uma resposta por parte dos artistas românticos, através da publicação de obras criticando a nova estética. De caráter anticlerical e antimonárquico, tal polémica ficou conhecida como Questão Coimbrã e só teve o seu término em 1871, quando o governo interferiu e deu vitória aos realistas.

A base do Realismo foi a relação indivíduo X sociedade.

A poesia é voltada ao cotidiano, opunha-se ao lirismo romântico, pois revelava as injustiças e desníveis sociais.

Desse movimento deriva o Naturalismo, que tem por objetivo central o de comprovar as teses científicas do Positivismo e defender o Racionalismo.

### Principais características

- o objetivismo aparece como negação ao subjetivismo romântico, mostrando o homem voltado ao exterior;
- o Realismo reflete a postura do Positivismo, do Socialismo e do Evolucionismo;
- o materialismo se opõe ao sentimentalismo e à metafísica;
- o nacionalismo e a volta ao passado são abolidos, pois o Realismo só se preocupa com o presente;

- há indiferença e insensibilidade quanto à moral e aos aspectos da realidade que possam ofender o leitor;
- a língua é comum, sem grande observância gramatical;
- os temas são sociais.

## Principais autores realistas portugueses

### José Maria Eça de Queirós (1845 – 1900)

Considerado o precursor do Realismo português. Revelou em suas obras a hipocrisia e a moral decadente da sociedade do século XIX por meio de uma análise psicológica. Eça se preocupou em criar uma literatura de caráter ideológico, logo, sua descrição torna-se precisa e atenta aos detalhes.

O que mais chama a atenção nas obras de Eça de Queirós é a variedade de sua construção lingüística, na qual as frases são diversificadas e dá-se ênfase à linguagem popular, aos estrangeirismos e neologismos.

Suas obras são divididas em três fases:

**1ª fase** (1865 – 1871): são os primeiros textos do autor, publicados em forma de folhetins reunidos com o título *Prosas Bárbaras*. Influenciadas por Vic-

tor Hugo e Charles Baudelaire, mostram em suas obras ricas imagens, metáforas e comparações, dando preferência a temas históricos e anticlericais.

**2ª fase** (1871 – 1888): é a fase realista. *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Os Maias* formam a trilogia que ficou conhecida como *Cenas da Vida Portuguesa*. O autor se preocupa em mostrar a sociedade portuguesa: cidade provinciana, influência do clero, pequena e média burguesia de Lisboa, intelectuais, aristocracia e alta burguesia.

*O Crime do Padre Amaro* reflete uma cidadezinha influenciada pelo clero. O romance analisa a corrupção e a depravação dos costumes, narrando o relacionamento entre um padre e uma moça solteira.

#### **O Crime do Padre Amaro**

(resumo)

“Amaro, filho de criados, nascera em Lisboa na casa da senhora Marquesa de Alegros. Esta educou o menino após a morte dos seus pais; desejava que o garoto fosse para o seminário aos quinze anos e se ordenasse padre mais tarde.

O rapazinho vivia cercado de criadas na casa da Marquesa, que o bajulavam; porém, ele não encontrou na residência de seus tios, onde ficava antes de se lançar, definitivamente, na vida eclesiástica, o elemento feminino que costumava ter na casa de sua mãe adotiva. Amaro, enfim, depois de alguns anos ordenou-se e foi nomeado pároco de Feirão, na Gralheira, serra da Beira Alta. Como achava a vida na serra monótona, o pároco foi até o Con-

de Ribamar (genro da mãe adotiva de Amaro) que era um homem influente e solicitou a ele que o transferisse de paróquia; o conde deferiu o seu pedido, enviando-o para a paróquia de Leiria, sede do bispado.

Quando chegou em Leiria, Amaro foi recepcionado pelo cônego Dias, seu mestre de moral no seminário, e algumas beatas; o novo pároco hospedou-se na casa da São-Joaneira por intermédio do cônego. O jovem padre conquistou a simpatia de todos na casa da senhora Joaneira, sobretudo a de sua filha Amélia, jovem bonita e atraente, a quem não faltavam pretendentes. Um deles era João Eduardo que era escrevente, bom rapaz que Amélia não amava, mas de quem aceitava cortejos, em princípio.

Amaro, como um padre sem vocação, uma vez que não tinha aptidão para o sacerdócio e só seguira a vida eclesástica por vontade da Marquesa, começou a se interessar, naturalmente, por Amélia, que é do sexo oposto; a moça, por sua vez, também se sentia atraída pelo pároco. Um certo dia, quando Amaro passava perto da fazenda de Amélia, esta estava lá e o chamou para conhecer a propriedade; ela teve de pular uma cancela e acabou caindo nos braços do padre que a beijou vorazmente no pescoço. A moça ficou confusa, no momento, e saiu correndo. Amaro, acreditando que ela o denunciaria, resolveu pedir ao cônego que conseguisse uma outra casa para ele se hospedar; o cônego assim o fez, e o jovem padre se mudou da sua misericórdia para a rua dos Souzas. A bela donzela chega a adoecer, devido à partida do seu líder religioso, mas este volta a freqüentar a casa da São-Joaneira a pedido da moça solitária.

João Eduardo percebia que havia um interesse do pároco por Amélia, o que o levou a escrever um comunicado no jornal, criticando os costumes degradantes do clero e advertindo às mães de família sobre o perigo de ter padres freqüentando suas casas. O rapaz, sentindo-se vingado, pede a mão de Amélia em casamento a sua mãe; a jovem aceita a proposta por imposição de São-Joaneira, mas já se sente muito atraída pela pessoa do padre.

O jovem escrevente, para sua ruína, acabou tendo seu nome descoberto pelo padre Natácio como sendo o autor do comunicado no jornal. A partir daí, Amélia desfaz o compromisso que havia com o rapaz; este é excomungado, agride Amaro e perde o emprego.

Tendo o escrevente fora do caminho, o padre investe contra Amélia, beijando-a, e mesmo em um momento em que ela se lamentava por João Eduardo. Tendo em vista o caso entre o pároco e a moça, aquele consegue uma casa para se encontrarem por intermédio de sua criada Dionísia. O pretexto que o pároco apresentou a São-Joaneira e aos seus colegas para que Aurélia saísse freqüentemente foi o de que ela tinha que trabalhar em uma causa santa, que era ensinar catecismo a uma paralítica e muda, filha do sineiro. Os freqüentes encontros entre os amantes resultaram na gravidez da moça; Amaro, como padre, não podia assumir seu filho; aconselhou-se com o cônego Dias, e este recomendou ao amigo que a casasse com João Eduardo quando ele fosse encontrado, já que estava desaparecido.

Uma doença providencial da irmã do cônego Dias levou Amélia a ter que viajar para Ricoça a ficar lá até que a enferma se recuperasse. Em Ricoça, a gestante encontrou um abade chamado Ferrão que lhe proporcionou alguma paz de espírito, até que Amaro surgiu, e levou-a a ter uma recaída. O abade, sem saber da fraqueza de espírito de Amélia, tinha idéias de casá-la com João Eduardo que havia aparecido em Ricoça, mas não foi possível.

Amélia foi conduzida a um fim trágico, morreu vítima de complicações pós-parto, não sabendo que seu filho fora entregue por Amaro a uma ama de leite e que havia falecido. Amaro partiu para Lisboa e, provavelmente, conquistou alguma jovem beata por lá.

A linguagem é simples e adjetivada. O detalhismo constitui uma das características importantes da linguagem, uma vez que o narrador tenciona traçar a realidade com o máximo de fidelidade possível (verossimilhança). O tema principal da obra é a decadência dos valores da Igreja (reflexo dos valores burgueses) e as temáticas abordadas são: adultério, crítica política e social. Diante dos valores decadentes da sociedade burguesa do século XIX, o homem é levado a absorver esses valores, uma vez que ele é produto do meio. Essa sociedade oprime o cidadão, explora-o, o faz mais uma peça de engrenagem, isso tudo em prol da geração de capital. O foco narrativo centra-se na terceira pessoa. O narrador é onisciente, uma vez que ele tem completo domínio da história que narra. Vale dizer que em alguns momentos na narrativa ocorre a

onisciência neutra, ou seja, o autor se posiciona por trás da personagem para expor seu ponto de vista sobre uma matéria. No *Crime do Padre Amaro*, João Eduardo é o personagem que representa as idéias anti-burguesas e anti-religiosas do autor. Além de João Eduardo, encontramos na narrativa outros personagens de suma importância: Cônego Dias, São-Joaneira, Dona Joaquina Gansoso, Dona Josefa, Amélia, Agostinho, Doutor Gouveia e, Padre Amaro. O tempo da narrativa gira em torno de aproximadamente dois anos.

### ***O Primo Basílio***

(resumo)

*O Primo Basílio* critica a burguesia lisboeta, suas frustrações familiares e o adultério.

“O pano de fundo da narrativa é um caso de adultério. Já no primeiro capítulo, o autor lança as sementes do conflito que dá pretexto para o livro. Descreve o marido que viaja, contrariado, a trabalho; a esposa que descobre que o primo e ex-noivo Basílio revisita a cidade e as lembranças que a notícia evoca. Introduce a criada Juliana, ressentida e frustrada, que terá um papel decisivo no desfecho trágico do romance.

No segundo capítulo, o autor apresenta as figuras secundárias, enfocadas durante breves visitas dominicais à casa de Luísa e Jorge. A relação amorosa clandestina mantida por Luísa e Basílio é descoberta pela criada, que, de posse de uma carta dos amantes, chantageia a patroa. Abandonada pelo amante, que foge para Paris, Luísa não suporta a tensão e morre”.

Com o processo de industrialização, as cidades cresciam rapidamente, fazendo com que os camponeses passassem a serem vistos como operários urbanos. No entanto, a burguesia lisboeta continuava apegada à cultura passada. A obra mostra a intimidade das famílias lisboetas da metade do século XIX. Em relação aos personagens, estes são considerados planos, ou seja, opõem-se aos personagens de intensidade interior e psicológica. São levados e envolvidos pela trama desempenhada pelo autor. Encontramos **Luísa**, burguesa da cidade baixa de Lisboa, uma senhora sentimentalista, mal-educada e sem valores morais. Romântica, é esposa de Jorge, engenheiro de minas que se conheceram após o rompimento por carta dela com o seu primo Basílio. Sua vida rotineira é transformada com a viagem de seu esposo e com o retorno de primo a Portugal. **Basílio** é o primo e ex-noivo de Luísa, que retorna a Portugal na ausência de seu marido com a intenção de alimentar sua vaidade com uma aventurazinha. Malicioso e repleto de truques para atrair a amante, Basílio considera a fidelidade como sendo um atraso da sociedade lisboeta frente à modernização de Paris. Torna-se, durante toda a narrativa, o mais cínico dos personagens. **Juliana** é a criada que faz desmoralizar o mundo de Luísa, chantageando-a com as cartas escritas pelo amante. Revoltada pela situação de serviçal, de conseqüente fracasso na tentativa de mudar de vida e pelo ódio contra a patroa, Juliana segura toda a narrativa com os momentos mais intensos na trama amorosa. A empregada tentará tirar proveito das circunstâncias, reunindo provas de

adultério para fazer chantagem. **Jorge**, esposo de Luísa, aparece poucas vezes durante toda a narrativa e mostra-se apenas de forma social. É um personagem pacato, manso, dividido entre o seu amor por Luísa e o papel social de marido em relação ao adultério. Existem ainda os personagens considerados secundários, como é o caso do **Conselheiro Acácio** (intelectual vazio), **Dona Felicidade** (cozinheira), **Sebastião** (que pretende recuperar as cartas roubadas).

A linguagem da obra é considerada coloquial, próxima da língua falada. As frases são curtas, cheias de ritmos e significados. Encontramos exageradamente o uso de descrições minuciosas do espaço físico e da sociedade. O narrador na terceira pessoa é onisciente e não tem envolvimento algum com os personagens.

“Havia doze dias que Jorge tinha partido e, apesar do calor e da poeira, Luisa vestia-se para ir a casa de Leopoldina. Se Jorge soubesse, não havia de gostar, não! Mas estava tão farta de estar só, aborrecia-se tanto! De manhã, ainda tinha os arranjos, a costura, a toilette, algum romance...Mas de tarde!

À hora em que Jorge costumava voltar do ministério, a solidão parecia alargar-se em torno dela. Fazia-lhe tanta falta o seu toque de campainha, os seus passos no corredor!...

Ao crepúsculo, ao ver cair o dia, entristecia-se sem razão, caía numa vaga sentimentalidade: (...) O que pensava em tolices então!”

Nestes fragmentos há a presença do discurso indireto livre, que mistura a voz do narrador com a consciência da personagem, desamparada, mais propensa a ser levada ao adultério com o primo.

“Servia, havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de anos, mas não mudava de sorte (...) **Era demais!** Tinha agora dias em que só de ver o balde das águas sujas e o ferro de engomar se lhe embrulhava o estomago. Nunca se acostumara a servir (...)

as antipatias que a cercavam faziam-na assanhada, **como um círculo de espingardas enraivece um lobo**. Fez-se má; beliscava crianças até lhes enodor a pele; e se lhe ralhavam, **a sua cólera rompia em rajadas**. Começou a ser despedida. Num só ano estêve em três casas (...)

Podemos perceber também o discurso indireto livre. A empregada Juliana representa o ódio dos pobres em relação aos ricos.

QUEIROS, Eça de. *O Primo Basílio*. In: *Ler é Aprender*. São Paulo: Estadão, 1997. p.455.

### **Os Maias**

*Os Maias* é voltado para a alta sociedade com suas jogatinas, corridas de cavalo, festas noturnas, adultérios e incestos.

*Os Maias* tem como sub-título “Episódios da vida romântica”. Através da história incestuosa do jovem médico Carlos de Maia e sua irmã Maria Eduarda,

Eça critica as aventuras de amor românticas e traça um painel demolidor da sociedade portuguesa.

*Help! Sistema de Consulta Interativa*. São Paulo: Estadão, 1996. p.163.

Considerada das mais importantes de Eça de Queirós, narra a história de um amor proibido vivenciado por Carlos da Maia e Maria Eduarda, que no decorrer de toda a narrativa vêm a descobrir que são irmãos. Trata-se de uma tragédia romântica e, ao mesmo tempo, uma crônica da alta vida social lisboeta de 1880.

Segundo pesquisadores e literatos, a obra é desencantada e pessimista, indo muito além da situação social onde se passa o panorama descrito na obra transparece a melancolia existente numa sociedade considerada civilizada, ocasionando uma consciência de fracasso vital. Cabe ressaltar que todas as personagens são consideradas derrotadas, e esta descrição não se encontra longe da realidade; pelo contrário, melancolia e pessimismo são encontrados, também, no homem do século XIX.

(fragmentos)

“A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramalhete ou simplesmente o Ramalhete. Apesar deste fresco nome de vivenda campestre, o Ramalhete, sombrio casarão de paredes severas, com um renque

de estreitas varandas de ferro no primeiro andar, e por cima uma tímida fila de janelinhas abrigadas à beira do telhado, tinha o aspecto tristonho de Residência Eclesiástica que competia a uma edificação do reinado de D. Maria I: com uma sineta e com uma cruz no topo, assimilar-se-ia a um Colégio de Jesuítas. O nome de Ramalhete provinha de certo de um revestimento quadrado de azulejos, fazendo painel no lugar heráldico do Escudo d'Armas, que nunca chegara a ser colocado, e representando um grande ramo de girassóis atado por uma fita onde se distinguiam letras e números duma data.

Longos anos o Ramalhete permanecera desabitado, com teias de aranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de tons de ruína. Em 1858 Monsenhor Buccarini, Núncio de S. Santidade, visitara-o com idéia de instalar lá a Nunciatura, seduzido pela gravidade clerical do edifício e pela paz dormente do bairro; e o interior do casarão agradara-lhe também, com a sua disposição apalaçada, os tectos apainelados, as paredes cobertas de frescos onde já desmaiavam as rosas das grinaldas e as faces dos Cupidinhos. Mas Monseñor, com os seus hábitos de rico prelado romano, necessitava na sua vivenda os arvoredos e as águas de um jardim de luxo: e o Ramalhete possuía apenas, ao fundo dum terraço de tijolo, um pobre quintal inculto, abandonado às ervas bravas, com um cipreste, um cedro, uma cascatasinha seca, um tanque entulhado, e uma estátua de mármore (onde Monseñor reconheceu logo Vênus Citherêa) enegrecendo a um canto na lenta umi-

dade das ramagens silvestres. Além disso, a renda que pediu o velho Vilaça, procurador dos Maias, pareceu tão exagerada a Monsenhor, que lhe perguntou sorrindo se ainda julgava a Igreja nos tempos de Leão X. Vilaça respondeu que também a nobreza não estava nos tempos do senhor D. João V. E o Ramalhete, continuou desabitado.

Este inútil pardieiro (como lhe chamava Vilaça Júnior, agora por morte de seu pai administrador dos Maias) só veio a servir, nos fins de 1870, para lá se arrecadarem as mobílias e as louças provenientes do palacete de família em Bemfica, morada quase histórica, que, depois de andar anos em praça, fora então comprada por um comendador brasileiro. Nessa ocasião vendera-se outra propriedade dos Maias, a Tojeira; e algumas raras pessoas que em Lisboa ainda se lembravam dos Maias, e sabiam que desde a Regeneração eles viviam retirados na sua quinta de Santa Olavia, nas margens do Douro, tinham perguntado a Vilaça se essa gente estava atralhada.

- Ainda tem um pedaço de pão, disse Vilaça sorrindo, e a manteiga para lhe barrar por cima.

Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas - e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. Quando Afonso se retirara definitivamente para Santa Olavia, o rendimento da casa excedia

já cinqüenta mil cruzados mas desde então tinham-se acumulado as economias de vinte anos de aldeã; viera também a herança de um último parente, Sebastião da Maia, que desde 1830 vivia em Nápoles, só, ocupando-se de numismática e o procurador podia certamente sorrir com segurança quando falava dos Maias e da sua fatia de pão.

A venda da Tojeira fora realmente aconselhada por Vilaça mas nunca ele aprovara que Afonso se desfizesse de Bemfica - só pela razão daqueles muros terem visto tantos desgostos domésticos. Isso, como dizia Vilaça, acontecia a todos os muros. O resultado era que os Maias, com o Ramalhete inabitável, não possuíam agora uma casa em Lisboa; e se Afonso naquela idade amava o sossego de Santa Olavia, seu neto, rapaz de gosto e de luxo que passava as férias em Paris e Londres, não quereria, depois de formado, ir sepultar-se nos penhascos do Douro. E, com efeito, meses antes de ele deixar Coimbra, Afonso assombrou Vilaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o Ramalhete! O procurador compôs logo um relatório a enumerar os inconvenientes do casarão: o maior era necessitar tantas obras e tantas despesas; depois, a falta de um jardim devia ser muito sensível a quem saía dos arvoredos de Santa Olavia; e por fim, aludia mesmo a uma lenda, segundo a qual eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete, «ainda que (acrescentava ele numa frase meditada) até me envergonho de mencionar tais frioleiras neste século de Voltaire, Guisot e outros filósofos liberais ... »

Afonso riu muito da frase, e respondeu que aquelas razões eram excelentes - mas ele desejava habitar sob tectos tradicionalmente seus; se eram necessárias obras, que se fizessem e largamente; e enquanto a lendas e agoiros, bastaria abrir de par em par as janelas e deixar entrar o sol.

S.ex.<sup>a</sup> mandava: - e, como esse inverno ia seco, as obras começaram logo, sob a direção de um Esteves, arquiteto, político, e compadre de Vilaça. Este artista entusiasmara o procurador com um projeto de escada aparatosa, flanqueada por duas figuras simbolizando as conquistas da Guiné e da Índia. E estava ideando também uma cascata de louça na sala de jantar - quando, inesperadamente, Carlos apareceu em Lisboa com um arquiteto decorador de Londres, e, depois de estudar com ele à pressa algumas ornamentações e alguns tons de estofos, entregou-lhe as quatro paredes do Ramalhete, para ele ali criar, exercendo o seu gosto, um interior confortável, de luxo inteligente e sóbrio.

### ***A Capital***

*A Capital* possui uma estrutura de novela e retrata a sociedade, os costumes, através de sátiras e caricaturas.

Artur Corvello, 23 anos, pertence a uma família burguesa, originária de Lisboa. Seu pai, Manuel Corvello, tinha o sonho de ver seu filho estudando em Coimbra e tornando-se um homem ilustre. Sob este severo regime, o rapaz não se desenvolveu. Era pálido, sensível, chorava por qualquer coisa, era triste e pensava muito no amor e na morte. Nas

férias da Universidade, sua mãe vem a falecer e, logo depois, seu pai, tendo de voltar para sua cidade natal a fim de vender em leilão sua mobília e alguns pertences da casa. Com a idéia de liberdade, gastou toda a sua herança e teve que pedir ajuda de suas tias. Foi morar em Oliveira e passou a trabalhar numa farmácia, sem deixar de lado o seu amor por literatura. Nesta época escreveu “Amores de Poeta”, mas não obteve sucesso algum. Tentou fundar um jornal, mas também foi um fracasso. Fez várias tentativas de se enturmar na sociedade literária, mas só foi cada vez mais ridicularizado. A obra não possui um desfecho feliz, pois Artur volta à cidadezinha de Oliveira para trabalhar na farmácia, no entanto, sempre sonhando com a venda de seu livro e tornar-se ilustre na vida.

Nesta obra, Eça utiliza-se de retratos caricaturais de seus amigos íntimos e de seu auto-retrato psicológico, encontrado no personagem Artur Corvello. Mostra o lado real e crítico de uma sociedade portuguesa: o meio político e literário de Lisboa – sociedade burguesa totalmente corrompida, sem valores morais. Toda a ação gira em torno de uma idéia principal – a busca da fama e de seu reconhecimento na capital portuguesa. O tempo da história é cronológico, mas aparece também o uso de flashback. O ambiente social é caracterizado pela sociedade burguesa de Portugal do século XIX. O foco narrativo encontra-se em terceira pessoa – narrador onisciente. A narração é descritiva, em que o autor consegue caracterizar as personagens, espaço e ambiente, a partir de uma linguagem

muito adjetivada, fazendo com que o leitor perceba claramente estas características.

**3ª fase (1888 – 1900):** é a fase pós-realista, marcada pela desilusão e o abandono aos ideais realistas; defende a política colonialista, o nacionalismo e a vida pura do campo, com as obras *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras* e *A Relíquia*.

### ***A Ilustre Casa de Ramires***

(comentários)

*A Ilustre Casa de Ramires* retrata a expansão de Portugal na África. O personagem Ramires representa Portugal.

O contexto em que decorre a ação da obra retrata um país decadente, que tenta achar saídas no sentido de recuperar as glórias do passado. Gonçalo Mendes Ramires é o personagem principal, fora da realidade, já que a fidalguia e os ideais de honra não faziam parte do mundo moderno.

O termo “casa” no título refere-se a família, ascendência. O passado aparece se contrapondo à situação vivida por Ramires. O resultado é irônico, pois a honra e o heroísmo do antepassado contrastam com a fraqueza e a degeneração moral do protagonista.

*A Ilustre Casa de Ramires* apresenta uma narrativa dentro de outra narrativa para contar a história da família Ramires, na casa da Torre de Santa Irinéia. A obra é estruturada da seguinte forma:

- O narrador onisciente: narrador principal, é o articulador da macronarrativa, de onde se desdobram três outras narrativas no desenvolvimento do romance;
- O narrador da novela Torre de D. Ramires: este fala com a voz emprestada de Gonçalo Mendes Ramires, personagem protagonista do romance;
- O narrador do poemeto épico: autoria do tio Duarte, “O Bardo”, referencial do sobrinho Gonçalo para poder compor a novela, com publicação garantida na Semanário da Vira de Guimarães;
- O narrador do fado: louva os feitos da Casa de Ramires, autoria de Videirinha.

Enquanto o narrador onisciente vai narrando as aventuras e desventuras de Gonçalo, o próprio Gonçalo escreve uma novela em que relata os feitos heróicos dos seus antepassados que aludem ao primeiro rei de Portugal. Gonçalo usa o texto do tio Duarte como fonte de inspiração, eliminando deste texto o que não seria próprio, conveniente para estar contido numa novela, devido à linha romântica das poesias elaboradas pelo tio.

### **A Cidade e as Serras**

A *Cidade e as Serras*, segundo opinião do próprio autor, “é o texto sobre o qual podemos ler os julgamentos mais radicais e contraditórios”. Isto porque Eça de Queirós tinha a intenção de propor neste romance uma solução reacionária para Portugal ao elogiar a ruralidade, o atraso português face à realidade dos países mais desenvolvidos da Europa.

O protagonista da obra é Jacinto, um homem rico que decide deixar o campo para viver na cidade grande. Em sua nova residência, Jacinto busca integrar-se completamente ao novo mundo burguês, financista e industrial, através do culto à informação e às técnicas modernas. Depois de adquirir conhecimento sobre todas as novidades tecnológicas, o protagonista fracassa em seus objetivos.

Eça de Queirós mostra, através do personagem Zé Fernandes, o valor de se viver longe do mundo burguês, tentando fazer com que Jacinto enxergue os horrores da poluição gerada pelas cidades industriais.

O desfecho da narrativa nos sugere, com a introdução do telefone – esse emblema da modernidade – no paraíso rural de Tormes, que não existe nessa novela uma proposta de recusa completa à civilização e aos seus produtos tecnológicos, mas sim uma contraposição entre o “natural” e o “artificial” e necessária absorção de um pelo outro.

*Help! Sistema de Consulta Interativa.* São Paulo: Estadão, 1996. p.163.

(fragmentos)

Numa dessas ativas semanas, porém, a minha atenção subitamente se despegou deste interessante Jacinto. Hóspede do 202, conservava no 202 a minha mala e a minha roupa; e, acostado à bandeira do meu Príncipe, ainda ocasionalmente comia do seu caldeirão sumptuoso. Mas a minha alma, a minha embrutecida alma, e o meu corpo, o meu embrutecido corpo, habitavam então na Rua do Hélder, nº 16, quarto andar, porta à esquerda.

Descia eu uma tarde, numa leda paz de ideias e sensações, o Boulevard da Madalena, quando avistei, diante da Estação dos Ônibus, rondando no asfalto, num passo lento e felino, uma criatura seca, muito morena, quase tisonada, com dois fundos olhos taciturnos e tristes, e uma mata de cabelos amarelados, toda crespa e rebelde, sob o chapéu velho de plumas negras. Parei, como colhido por um repuxão nas entranhas. A criatura passou - no seu magro rondar de gata negra, sobre um beiral de telhado, ao luar de Janeiro. Dois poços fundos não luzem mais negro e taciturnamente do que luziam os seus olhos taciturnos e negros. Não recordo (Deus louvado!) como rocei o seu vestido de seda, lustroso e ensebado nas pregas; nem como lhe rosnei uma súplica por entre os dentes que rangiam; nem como subimos ambos, morosamente e mais silenciosos que condenados, para um gabinete do Café Durand, safado e morno. Diante do espelho, a criatura, com a lentidão de um rito triste, tirou o chapéu e a romeira salpicada de vidrilhos. A seda puída do corpete esgarçava nos cotovelos agudos. E os seus cabelos eram imensos, de uma dureza e espessura de juba brava, em dois tons amarelos, uns mais dourados, outros mais crestados, como a côdea de uma torta ao sair quente do forno.

Com um riso trémulo, agarrei os seus dedos compridos e frios:

- E o nomezinho, hem?

Ela séria, quase grave:

- Madame Colombe, 16, Rua do Hélder, quarto andar, porta à esquerda.

E eu (miserável Zé Fernandes!) também me senti muito sério, trespassado por uma emoção grave, como se nos envolvesse, naquela alcova do Café, a majestade de um Sacramento. À porta, empurrada levemente, o criado avançou a face nédia. Ordenei uma lagosta, pato com pimentões, e Borgonha. E foi somente ao findarmos o pato que me ergui, amarfanhando convulsivamente o guardanapo, e a tremer lhe beije a boca, todo a tremer, num beijo profundo e terrível, em que deixei a alma, entre saliva e gosto de pimentão! Depois, numa tipóia aberta, sob um bafo mole de leste e de trovoadas, subimos a Avenida dos Campos Elísios. Em frente à grade do 202 mumurei, para a deslumbrar com o meu luxo: - "Moro ali, todo o ano!..." E como ao mirar o Palacete, debruçada, ela roçara a mata fulva do pêlo crespo pela minha barba - berrei desesperadamente ao cocheiro que galopasse para a Rua do Hélder, nº 16, quarto andar, porta à esquerda!

Amei aquela criatura. Amei aquela criatura com Amor, com todos os Amores que estão no Amor, o Amor divino, o Amor humano, o Amor bestial, como Santo Antonino amava a Virgem, como Romeu amava Julieta, como um bode ama uma cabra. Era estúpida, era triste. Eu deliciosamente apagava a minha alegria na cinza da sua tristeza; e com inefável gosto afundava a minha razão na densidade da sua estupidez. Durante sete furiosas semanas perdi a consciência da minha personalidade de Zé Fernandes - Fernandes de Noronha e Sande, de Guiães! Ora se me afigurava ser um pedaço de cera que se derretia, com

horrenda delícia, num forno rubro e rugidor; ora me parecia ser uma faminta fogueria onde flamejava, estalava e se consumia um molho de galhos secos. Desses dias de sublime sordidez só conservo a impressão de uma alcova forrada de cretones sujos, de uma bata de lã cor de lilás com sutaches negros, de vagas garrafas de cerveja no mármore de um lavatório, e de um corpos tizado que rangia e tinha cabelos no peito. E também me resta a sensação de incessantemente e com arroubado de leite me despojar, arremessar para um regaço, que se cavava entre um ventre sumido e uns joelhos agudos, o meu relógio, os meus berloques, os meus anéis, os meus botões de punho de safira, e as cento e noventa e sete libras que eu trouxera de Guiães numa cinta de camurça. Do sólido, decoroso, bem fornecido Zé Fernandes, só restava uma carcaça errando através de um sonho, com as gâmbias moles e a baba a escorrer.

### ***A Relíquia***

(resumo)

Teodorico, o personagem protagonista, inicia a narrativa descrevendo as suas próprias origens: fica órfão aos nove anos e é levado pelo Sr. Matias à casa de Titi, sua tia, que morava em Lisboa. A casa de sua tia era toda volta-da para a religião, já que esta era muito senhora e muito beata e devota a Deus. Titi abominava as coisas mundanas e não permitia nenhum envolvimento de Teodorico com “saias” (mulheres). Ela era uma senhora muito rica e sua fortuna era incalculável.

O sobrinho, ao saber disso, passou a fazer de tudo para agradá-la, e passa, então, a se fingir de beato, mas, ao mesmo tempo, não consegue abrir mão dos prazeres da vida e acaba se envolvendo com mulheres sem sua tia saber.

Através de um falso comportamento beato, consegue conquistar a confiança da tia, e esta lhe proporciona uma viagem a Terra Santa e pede para que Teodorico traga de lá uma relíquia que fosse capaz de curá-la de todos os seus males.

Nessa viagem, conhece várias pessoas como o historiador Topsius e Mary, que se tornou sua amante. Mary, ao se despedir dele, deu uma lembrança sua, uma camisola com uma dedicatória dentro: “Ao meu Teodorico, meu portuguêsinho passante; em lembrança do muito que gozamos”. A camisola foi embrulhada em um papel pardo.

Após sair de Alexandria, Teodorico encontra uma árvore de espinhos, da qual pressupõe ter saído a coroa de espinhos de Cristo; então, decide pegar um galho dessa árvore para levar como relíquia à sua tia. A relíquia também foi embrulhada em um papel pardo.

O protagonista almejava a fortuna de sua tia e desejava muito sua morte. Com medo que Titi desconfiasse que, durante a viagem havia se envolvido com mulheres, resolve se desfazer do embrulho que poderia comprometé-lo, dando-o a uma pobre senhora com uma criança no colo, entontecida pela miséria.

Ao retornar a Portugal, Teodorico dá o embrulho para a tia, mas quando esta abre o pacote, encontra a camisola de Mary com a dedicatória.

Com isso, Teodorico é expulso da casa da tia e é também deserdado da tão sonhada fortuna.

Teodorico passa a morar em um hotel (Hotel Pomba de Ouro) e para poder se sustentar, passa a vender as relíquias da Terra Santa.

Titi morre e deixa como herança para o sobrinho apenas os óculos que ficavam pendurados na sala de jantar.

Depois de algum tempo, reencontra um amigo chamado Crispim e este, após ouvir a história dele, arruma-lhe um emprego.

Teodorico conhece a irmã de Crispim, D. Jesuína, casa-se com ela, tem três filhos, torna-se comendador e dono de mosteiro, passando a viver da religião.

---

## Antero Tarquínio de Qental (1842 – 1891)

---

Suas primeiras poesias refletem ainda uma postura romântica (*Raios de Extinta Luz* e *Primaveras Românticas*). Com *Odes Modernas*, Antero inaugura o Realismo – é a fase revolucionária. Já com *Sonetos*, retrata toda a evolução de sua vida artística – a juventude do poeta marcada pelo amor, a época da Questão Coimbrã e a fase metafísica e de sentimento pessimista.

Não se perdeu teu sangue generoso,  
Nem padeceste em vão, quem quer  
[que foste,  
Plebeu antigo, que amarrado ao poste  
Morreste como vil e faccioso.

Desse sangue maldito e ignominioso  
Surgiu armada uma invencível hoste...  
Paz aos homens e guerra aos  
[deuses! – pôs-te  
Em vão sobre um altar o vulgo  
[ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:  
Um povo em ti começa,  
[um homem novo:

De ti data essa trágica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar  
[nisto,

Lembraremos, herdeiros desse  
[povo,

Que entre nossos avós se conta  
[Cristo.

### A um poeta

Tu que dormes, espírito sereno,  
Posto à sombra dos cedros  
[seculares,

Como um levita à sombra dos altares,  
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! É tempo! O sol,  
[já alto e pleno,

Afugentou as larvas tumulares...  
Para surgir do seio desses mares,  
Um mundo novo espera só um  
[aceno...



Espectros que nos gelam com o  
[abraço...  
E mais renascem quanto mais  
[sepultos...  
E mais ardentes no maior  
[cansaço...  
Visões de antigos sonhos, cujos  
[vultos  
Nos oprimem ainda o peito lasso...  
Da terra e céu bandidos  
[orgulhosos,  
Os Reis sem fé e os Deuses  
[enganosos!

QUENTAL, Antero de. In: *Sonetos*. 6 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1979. p. 80.

Além de Antero de Quental, destacam-se Gomes Leal e Guerra Junqueiro com suas poesias de combate à sociedade e política da época e Cesário Verde e Gonçalves Crespo com suas poesias voltadas para o cotidiano lisbonense.

---

### **José Joaquim Cesário Verde (1855 – 1886)**

---

Nasceu em 1855, na Freguesia da Madalena, em Lisboa, Portugal. Era filho de um lavrador e comerciante e passou quase todo o tempo atendendo aos interesses dos pais, porém, sem deixar de se interessar pela leitura. Em 1873 frequenta o Curso de Letras e inicia suas primeiras produções literárias no Diário de Notícias. Daí por diante começa a publicar várias poesias em diversas revistas e jornais da época. Morre em 1886, vítima de tuberculose, deixando 42 composições poéticas do período de 1873 e 1886.

- **Poesia do cotidiano de Cesário Verde** – Opõe-se ao lirismo romântico e revela as injustiças e desníveis sociais, focalizando os esconderijos e indecências da cidade (corrupção e decadência da classe burguesa). Esse tipo de poesia foge às tradicionais regras do jogo estético, pois centraliza-se no objeto e não no sujeito, o que desloca o interesse poético para fora do “eu” poético.

#### **O Sentimento dum Ocidental**

I

Nas nossas ruas, ao anoitecer,  
Há tal sornuidade, há tal  
[melancolia,  
Que as sombras, o bulício, o Tejo,  
[a maresia  
Despertam-me um desejo absurdo  
[de sofrer.  
  
O céu parece baixo e de neblina,  
O gás extravasado enjoa-me,  
[perturba;  
E os edifícios, com as chaminés, e  
[a turba  
Toldam-se duma cor monótona e  
[londrina.  
  
Batem os carros de aluguer, ao  
[fundo,  
Levando à via-férrea os que se  
[vão. Felizes!  
Ocorrem-me em revista  
[exposições, países:  
Madrid, Paris, Berlim,  
[S.Petersburgo, o mundo!

— 82 —

Semelham-se a gaiolas, com  
[viveiros,

As edificações somente  
[emadeirasadas:  
Como morcegos, ao cair das  
[badaladas,  
Saltam de viga em viga, os mestres  
[carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,  
De jaquetão ao ombro,  
[enfarruscados, secos:  
Embrenho-me a cismar, por  
[boqueirões, por becos,  
Ou erro pelos cais a que se  
[atracam botes.

E evoco, então, as crônicas navais:  
Mouros, baixéis, heróis, tudo  
[ressuscitado  
Luta Camões no Sul, salvando um  
[livro a nado!  
Singram soberbas naus que eu não  
[verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e  
[incomoda!  
De um couraçado inglês vogam os  
[escaleres;  
E em terra num tinir de louças e  
[talheres  
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis  
[da moda.

Num trem de praça arengam dois  
[dentistas;  
Um trôpego arlequim braceja numas  
[andas;  
Os querubins do lar flutuam nas  
[varandas;

Às portas, em cabelo, enfadam-se  
[os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as  
[oficinas;  
Reluz, viscoso, o rio; apressam-se  
[as obreiras;  
E num cardume negro, hercúleas,  
[galhofeiras,  
Correndo com firmeza, assomam  
[as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!  
Seus troncos varonis recordam-me  
[pilastras;  
E algumas, à cabeça, embalam nas  
[canastras  
Os filhos que depois naufragam nas  
[tormentas.

Descalças! Nas descargas de  
[carvão,  
Desde manhã à noite, a bordo das  
[fragatas;  
E apinham-se num bairro aonde  
[miam gatas,  
E o peixe podre gera os focos de  
[infecção!

(...)

**IV**

**Horas Mortas**

O tecto fundo de oxigénio, de ar,  
Estende-se ao comprido, ao meio  
[das trapeiras;  
Vêm lágrimas de luz dos astros com  
[olheiras,  
Enleva-me a quimera azul de  
[transmigrar.



## Resumo do Realismo-Naturalismo

### Momento sócio-cultural

- Sociedade em crise: revolta dos camponeses e soldados.
- Dependência econômica da Inglaterra; a burguesia portuguesa não assume o controle do poder que continua nas mãos dos comerciantes, banqueiros e setores agrários.
- Período de Regeneração (1851 – 1919), com a rotatividade no poder do partido conservador (Partido Regenerador) e outro menos conservador (Histórico, Reformista, Progressista). Adoção de uma política que beneficia os proprietários de terra. Crescimento de uma classe média urbana.
- Crítica ao tradicionalismo da sociedade portuguesa, compromisso ético do escritor com a realidade.
- Crítica ao conservadorismo da Igreja.
- Preocupação política: democratização da sociedade.

### Características literárias

- Texto objetivo, direto e sem domínio da subjetividade; o autor procura reproduzir a realidade que ele observa.
- Intenção crítica; o autor pretende modificar a realidade que ele considera

injusta, apontando seus vícios e hipocrisias.

- Grande influência das teorias científicas da segunda metade do século XIX; o autor escreve com a minúcia de um cientista.

### Autores e obras

- **Eça de Queirós:** um dos maiores prosadores da língua portuguesa, e expoente máximo do Realismo português. Obras: *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878), *Os Maias* (1888), *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), *A Cidade e as Serras* (1901).
- **Fialho de Almeida:** autor afastado dos meios literários oficiais, escreveu *A Cidade do Vício Os Maias* (1892), *Vida Irônica* (1892).
- **Antero de Quental:** autor amargurado e desiludido, escreveu *Odes Modernas* (1865), *Sonetos completos* (1886), *Raios de Extinta Luz* (1892).
- **Cesário Verde:** considerado precursor dos modernistas, escreveu *O Livro de Cesário Verde* (1887).
- **Guerra Junqueiro:** autor simples e objetivo, escreveu *A Velhice do Padre Eterno* (1885), *Os Simples* (1892).

# Simbolismo

---

O Simbolismo representa, por um lado, o resultado final da evolução iniciada pelo Romantismo, isto é, pela descoberta da metáfora, célula germinal da poesia e que conduziu à riqueza da imaginária impressionista; mas não só repudia o impressionismo pelo seu ponto de vista materialista e o Parnaso pelo seu formalismo e racionalismo, como também repudia o romantismo pelo seu emocionalismo e o convencionalismo da sua linguagem metafórica. Na realidade, o simbolismo pode considerar-se a reação contra toda a poesia anterior; descobre qualquer coisa que ou nunca se conhecera ou a que nunca até aí se dera relevo: a pura poesia – a poesia que surge do espírito irracionalista, não conceitual, da linguagem, que é contrária a toda interpretação lógica. Para o simbolismo, a poesia é apenas a expressão daquelas relações e correspondências que a linguagem, deixada a si própria, cria entre o concreto e o abstrato, o material e o ideal, e entre as diferentes esferas dos sentidos. Mallarmé pensa que a poesia é a anunciação de imagens suspensas, oscilantes, e constantemente evanescentes; afirma que nomear um objeto é destruir três quartos do prazer que reside no adivinhar gradual de sua verdadeira natureza. O símbolo implica,

porém, não apenas a evasão a dar um nome diretamente, mas a expressão indireta de um significado que é impossível dar diretamente, que é essencialmente indefinível e inesgotável.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e a arte*. São Paulo: Mestre Jou, s.d., t. II, p. 1076-8.

Movimento literário que se iniciou no final do século XIX e se estendeu até o início do século XX, o Simbolismo se destacou na poesia, inteiramente voltada para a subjetividade (eu interior do poeta), opõe-se às propostas do Realismo. Segundo Alfredo Bosi, “Do âmago da inteligência européia surge uma oposição vigorosa do triunfo da coisa e do fato sobre o sujeito – aquele sujeito a quem o otimismo do século prometera, mas não dera senão um purgatório de contrastes e frustrações”.

O Simbolismo reflete um movimento histórico complexo. As correntes materialistas e racionalistas não evoluíram com a nova realidade – industrialismo burguês e Segunda Revolução Industrial. Quando não se consegue explicar o mundo exterior, os artistas apelam para a negação deste, voltando-se para uma realidade subjetiva, interior.

Representa um movimento de atitude pura e subjetiva; importa ao simbolista o seu estado de alma, a emoção interior.

Principais representantes e suas propostas:

- **Charles Baudelaire** – considerado o pai da poesia simbolista francesa, ou seja, o impressionismo na literatura. Desenvolveu a teoria das correspondências; a doutrina da recuperação da infância; a teoria de que a imaginação é a faculdade essencial do artista (cria a realidade segundo um novo enfoque) e teoria de que só a imagem revela a profundidade das coisas.
- **Paul Verlaine** – dá ênfase à música, à musicalidade, à sugestão; eliminação das linhas e formas da figura – não deve haver idéia clara; nada de precisão, razão, porque sempre ocorre o vago dos sentimentos; não há precisão do momento, não há precisão do lugar – tudo é indefinido.

### **Arte Poética**

Antes de qualquer coisa, música  
E, para isso, prefere o Ímpar  
Mais vago e mais solúvel no ar,  
Sem nada que pese ou que pouse.  
É preciso também que não vás nunca  
Escolher tuas palavras sem  
[ambigüidade:  
Nada mais caro que a canção  
[cinzenta  
Onde o Indeciso se junta ao Preciso.  
São belos os olhos atrás dos véus,  
É o grande dia trêmulo de meio-dia,

É, através do céu morno de outono,  
O azul desordenado das  
[claras estrelas!

Porque nós ainda queremos o Matiz,  
Nada de Cor, nada a não ser o Matiz!  
Oh! O Matiz único que liga  
O sonho ao sonho e a flauta  
[à corneta.

Foge para longe da Piada assassina,  
Do Espírito cruel e do Riso impuro  
Que fazem chorar os olhos do Azul  
E todo esse alho de baixa cozinha!

Toma a eloqüência e torce-lhe  
[o pescoço!

Tu farás bem, com toda a energia,  
Em tornar a rima um pouco razoável.  
Se não a vigiarmos, até onde ele irá?

Oh! Quem dirá os defeitos da Rima?  
Que criança surda ou que negro louco  
Não forjou esta jóia barata  
Que soa oca e falsa sob a lima?

Ainda e sempre, música!  
Que teu verso seja a coisa volátil  
Que se sente fugir de uma alma  
[em vôo

Para outros céus e para outras  
[paixões.

Que teu verso seja o bom  
[acontecimento

Esparsu no vento crispado da manhã  
Que vai florindo a hortelã e o timo...  
E tudo o mais é só literatura.

- **Arthur Rimbaud** – buscou a fixação do inexprimível e procurou de modo alucinado a palavra poética, daí o irracionalismo da linguagem e as invenções verbais capazes de transformar quaisquer realidades. É o mistério da palavra – a palavra incognoscível.
- **Stéphane Mallarmé** – Para ele, a poesia não deve ser nem descritiva, nem narrativa; a poesia deve ser um contexto de palavras pelo seu valor musical; o conteúdo do poema deve ser uma noção abstrata, emotiva.

Em Portugal, o Simbolismo inicia-se em 1890, com a publicação de *Oaristos*, de Eugênio de Castro e se estende até a proclamação da República em 1910. Nesta época, Portugal passa por uma crise na Monarquia (socialismo e republicanismo), crise econômica (depreciação da moeda nacional e aumento da dívida pública) e plano expansionista, com o Ultimato Inglês.

### Principais características

- o Simbolismo nega o Realismo e suas manifestações: passa a rejeitar o cientificismo, o materialismo, o racionalismo, valorizando as manifestações metafísicas e espirituais;
- o homem volta-se para uma realidade subjetiva encontrada no Romantismo, porém busca a essência do ser humano – a alma. Há, portanto, a oposição entre matéria e espírito, a purificação atingindo o espaço infinito;
- para os simbolistas, a alma só se liberta quando se rompem as correntes que aprisionam ao corpo – a morte;
- a linguagem é repleta de símbolos. Há o uso de figuras de linguagem como as sinestésias e aliterações;
- o conteúdo está com o espiritual, o místico e o subconsciente;
- há uma concepção mística da vida;
- há um interesse maior pelo particular e individual;
- o tom é altamente poético;
- há uma tentativa de afastamento da realidade e da sociedade contemporânea;
- o conhecimento torna-se intuitivo e não lógico;
- dá-se ênfase à imaginação e à fantasia;
- despreza-se a natureza em troca do místico e do sobrenatural;
- arte pela arte;
- há pouco interesse pelo enredo e ação na narrativa;
- os personagens são seres humanos interessados no espírito íntimo das pessoas;
- busca-se a essência ao invés da realidade;
- a linguagem é exótica e as palavras são escolhidas pela sonoridade e ritmo;
- o escritor procura sugerir a realidade misteriosa do universo e a realidade de seu mundo interior, através de simbologias e imagens visuais;

- a razão é substituída pela intuição, ou seja, há uma viagem ao íntimo da pessoa com a finalidade de revelar as emoções e os sentimentos;
- a linguagem torna-se, portanto, hermética, obscura e vaga, exprimindo o misticismo, o nacionalismo e o saudosismo.

## Principais simbolistas portugueses

### Eugênio de Castro e Almeida (1869 – 1944)

Sua obra é dividida em duas fases:

**1ª fase** (1890): simbolista. Em *Oaristos*, expõe o uso de novas rimas, aliterações, vocabulário mais rico, poemas marcados por paixão fatal, pessimismo, temas macabros e necrofilia.

#### *Oaristos*

(fragmentos)

Eu era nesse tempo um grande  
[vagabundo,  
Um precoce infeliz, viúvo de ilusões;  
Um sinistro fragor das mundanas  
[paixões  
Não chegava de há muito a meus  
[ouvidos lassos;

O egoísmo, o grande rei, cingira-me  
[em seus braços;  
De ninguém tinha dó, de ninguém  
[tinha inveja...

Contemplando de longe a  
[sórdida peleja,  
Esta infrene peleja, a que  
[chamamos vida,  
Seguia, alheio a tudo e de cabeça  
[erguida,

Tendo um único irmão: o meu  
[gelado orgulho.  
Queimara, rudemente, a flor da  
[minha crença;  
Em meu peito reinava a fria  
[indiferença;

Tinha descarrilado o vagão dos  
[meus sonhos;  
Meus dias eram maus,  
[longuíssimos, tristonhos,  
Ensopados de névoa e de  
[melancolia...

Mas, ao vê-l'A surgir triunfalmente  
[fria,

Grácil como uma flor, triste como  
[um gemido,  
Meu peito recobrou o seu vigor  
[perdido,

Todo eu era contente, e alegre como  
[um rei!

E, cheio de surpresa, abismado fiquei  
A olhar o seu perfil e o garbo  
[do seu colo,

Cheio de admiração, como  
[um homem do pólo

Quando, depois de ter suportado  
[os reverses



— 90 —

Que não ama, nem é amado,  
Lúgubre Outono, no mês de Abril!  
Que triste foi o seu fado!  
Antes fosse pra soldado,  
Antes fosse pro Brasil...

Menino e moço, tive uma Torre de  
[leite,

Torre sem par!

Oliveiras que davam azeite,  
Searas que davam linho de fiar,  
Moinhos de velas, como latinas,  
Que São Lourenço fazia andar...  
Formosas cabras, ainda

[pequeninas,

E loiras vacas de maternas ancas  
Que me davam o leite de manhã,  
Lindo rebanho de ovelhas brancas;  
Meus bibes eram da sua lã.

António era o pastor desse  
[rebanho:

Com elas ia para os Montes, a  
[pastar,

E tinha pouco mais ou menos seu  
[tamanho,

E o pasto delas era o meu jantar...

E a serra a toalha, o covilhete e a  
[sala.

Passava a noite, passava o dia  
Naquela doce companhia.

Eram minhas Irmãs e todas puras

E só lhes minguava a fala

Pra serem perfeitas criaturas...

E quando na Igreja das *Alvas*  
[*Saudades*

(Que era da minha Torre a  
[freguesia)

Batiam as *Trindades*,  
Com os seus olhos cristianíssimos  
olhavam-me,

Eu persignava-me, rezava  
[«*Ave-Maria*...»

E as doces ovelhinhas imitavam-me.

Menino e moço, tive uma Torre de  
[leite,

Torre sem par!

Oliveiras que davam azeite...

Um dia, os castelos caíram do Ar!

As oliveiras secaram,

Morreram as vacas, perdi as  
[ovelhas,

Saíram-me os Ladrões, só me  
[deixaram

As velas do moinho... mas rotas e  
[velhas!

Que triste fado!

Antes fosse aleijadinho,

Antes doido, antes cego...

Ai do Lusíada, coitado!

Veio da terra, mailo seu moinho:

Lá, faziam-no andar as águas do  
[Mondego,

Hoje, fazem-no andar águas do  
[Sena...

É negra a sua farinha!

Orai por ele! tende pena!

Pobre Moleiro da Saudade...



Verdes, vermelhas, azuis, brancas,  
[estrangeiras,  
Dicionário magnífico de Cores!  
Alvas espumas, espumando a  
[frágua,  
Ou rebentando à noite, como  
[flores!  
Ondas do mar! Serras da Estrela  
[de água,  
Cheias de brigues como pinhais...  
Morenos mareantes, trigueiros  
[pastores!

Onde estais? onde estais?

Nobre, Antônio. In: Torres, Alexandre Pinheiro. Org.  
*Antologia da poesia portuguesa – séculos XVII a XX.*  
Porto, Lello & Irmão, 1977. v.II, p. 1331.

---

## Camilo de Almeida Pessanha (1867 – 1926)

---

Considerado o melhor poeta simbolista português. Sua poesia apresenta imagens fugidias e noção de transitoriedade da vida. Escreveu *Clepsidra*, pura abstração onde, acredita o poeta, “tudo é passageiro”.

### *Clepsidra*

(fragmentos)

(1)

Quem poluiu, quem rasgou os  
[meus lençóis de linho,  
Onde esperei morrer, – meus tão  
[castos lençóis?  
Do meu jardim exíquo os  
[altos girassóis  
Quem foi que os arrancou e  
[lançou no caminho?

Quem quebrou (que furor cruel e  
[simiesco!)  
A mesa de eu cear, – tábua tosca  
[de pinho?  
E me espalhou a lenha? E me  
[entornou o vinho?  
— Da minha vinha o vinho  
[acidulado e fresco...  
Ó minha pobre mãe!... Não te ergas  
[mais da cova.  
Olha a noite, olha o vento.  
[Em ruína a casa nova...  
Dos meus ossos o lume  
[a extinguir-se breve.  
Não venhas mais ao lar.  
[Não vagabundes mais.  
Alma da minha mãe...  
[Não andes mais à neve,  
De noite a mendigar às portas  
[dos casais.

(2)

Passou o Outono já, já  
[torna o frio...  
– Outono de seu riso magoado.  
Álgido Inverno! Oblíquo o sol, gelado...  
– O sol, e as águas límpidas do rio.  
Águas claras do rio! Águas do rio,  
Fugindo sob o meu olhar cansado,  
Para onde me levais meu vão  
[cuidado?  
Aonde vais, meu coração vazio?  
Ficai, cabelos dela, flutuando,  
E, debaixo das águas fugidias,  
Os seus olhos abertos e cismando...  
Onde ides a correr, melancolias?  
– e, refratadas, longamente  
[ondeando,  
as suas mãos translúcidas e frias...

(3)

chorai, arcadas  
do violoncelo!  
Convulcionadas,  
Pontes aladas  
De pesadelo...

De que esvoaçam,  
Branco, os arcos...  
Por baixo passam,  
Se despedaçam,  
No rio, os barcos.

Fundas, soluçam  
Caudais de choro...  
Que ruínas, (ouçam!)  
Se se debruçam,  
Que sorvedouro!...

Trêmulos, astros...  
Solidões lacustres...  
- *Lemes e mastros*...

E os alabastros  
Dos balaústres!

Umas quebradas!  
Blocos de gelo...  
- *Chorai, arcadas*,  
Despedaçadas,  
Do violoncelo.

### **Castelo de Óbitos**

Quando se erguerão as seteiras,  
Outra vez, do castelo em ruína,  
E haverá gritos e bandeiras  
Na fria aragem matutina?

Se ouvirá tocar a rebate  
Sobre a planície abandonada?  
E sairemos ao combate  
De cota e elmo e a longa espada?

Quando iremos, tristes e sérios,  
Nas prolixas e vãs contendas.  
Soltando juras, impropérios,  
Pelas divisas e legendas?

(...)

E voltaremos, os antigos  
E puríssimos lidadores,  
(Quantos trabalhos e perigos!)  
Quase mortos e vencedores?

E quando, ó Doce Infanta Real,  
Nos sorrirás do belveder?  
– Magra figura de vitral,  
Por quem nós fomos combater...

O meu coração desce,  
Um balão apagado...  
– Melhor fora que ardesse,  
Nas trevas, incendiado.

Na bruma fastidienta,  
Como um caixão à cova...  
– Porque antes não rebenta  
De dor violenta e nova?!

Que apego ainda o sustém?  
Átomo miserando...  
– Se o esmagasse o trem  
Dum comboio arquejando!...

O inane, vil despojo  
Da alma egoísta e fraca!  
Trouxesse-o o mar de rojo,  
Levasse-o na ressaca.

Pessanha, Camilo. *Clepsidra*. In: Torres, Alexandre Pinheiro. Org. *Antologia da poesia portuguesa – séculos XVII a XX*. Porto: Lello & Irmão, 1977. v. II, p. 1331.

## Resumo do Simbolismo

### Momento sócio-cultural

- Episódio do Ultimato (1890) – ruptura do pacto entre liberais e conservadores do período da Regeneração. Setores da burguesia aderem ao Partido Republicano, opondo-se a alta burguesia financista e monárquica. Revoltas no Porto. Assassinato do rei Dom Carlos e do príncipe herdeiro.
- Portugal tenta se consolidar e expandir-se na África, mas suas pretensões são interceptadas pela Inglaterra.

### Características literárias

- Subjetivismo, negação da objetividade científica do Realismo; o Simbolismo quer fixar o inexprimível.
- Linguagem repleta de símbolos; uso rebuscado das figuras de linguagem (sinestesias, aliterações).
- Valoriza a musicalidade das palavras, a imaginação e a fantasia do autor.

- Busca a essência dos seres e coisas, negando os aspectos exteriores.

### Autores e obras

- **Eugênio de Castro**: considerado o introdutor do Simbolismo em Portugal, foi um autor criativo e rebelde. Escreveu *Oaristos* (1890), *Horas* (1891), *Constança* (1900), *O Filho Pródigo* (1910).
- **Antônio Nobre**: deixou uma obra em que expressa sofrimento e dor. Escreveu *Só* (1892), *Despedidas* (1902), *Primeiros Versos* (1921).
- **Camilo Pessanha**: considerado o maior nome do Simbolismo português e um dos maiores poetas da língua. Deixou apenas *Clepsidra* (1920).
- **Raul Brandão**: principal nome da prosa simbolista. Escreveu extensa obra, onde se destacam *A Ceia dos Cardeais* (1902), *A Farsa* (1903), *Os pobres* (1906), *Húmus* (1917).

# Modernismo

---

“Os primeiros anos do século XX, em Portugal, são marcados pelo entrecchoque de correntes literárias que vinham agitando os espíritos desde algum tempo: Decadentismo, Simbolismo, Impressionismo etc., eram denominações da mesma tendência geral que impunha o domínio da Metafísica e do Mistério no terreno em que as ciências se julgavam exclusivas e todo-poderosas.

O ideal republicano, engrossado por sucessivas manifestações de instabilidade, vai-se concretizar em 1910, com a proclamação da República, depois dos sangrentos acontecimentos de 1908, quando o rei D. Carlos perde a vida nas mãos de um homem do povo, alucinadamente antimonárquico.

(...) E é nessa atmosfera de emaranhadas forças estéticas, que se sobre põe à inquietação trazida pela Primeira Grande Guerra, que um grupo de rapazes, em 1915, funda a revista *Orpheu*. São eles: Mario de Sá-Cameiro, Fernando Pessoa, Luis de Montalvor, Santa Rita Pintor, Ronald de Carvalho, Raul Leal”.

SARAIVA, José Antônio. *História da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Europa-América, 1965. Coleção Saber.

Movimento literário que se inicia nos primeiros anos do século XX (1915), com a manifestação da angústia diante das transformações socioculturais. É a ruptura com a estética tradicional, da qual surgiram várias correntes estéticas, conhecidas por vanguarda. As principais foram:

- **Cubismo** – surgiu em 1907 na pintura, com Pablo Picasso e George Braque e valorizava as formas geométricas (cubos, cones e cilindros).
- **Futurismo** – movimento cujo objetivo principal era o de abolir o passado, adotando novos temas e técnicas da arte. O principal representante foi Filippo Tommaso Marinetti.
- **Dadaísmo** – movimento que enfatiza a destruição e a anarquia de valores e formas. Seu principal representante foi Tristan Tzara. Esta arte pretendia provocar escândalo e surpresa, destruir o bom senso, além de romper qualquer tipo de equilíbrio.
- **Surrealismo** – movimento artístico que não aceitavam a destruição dos dadaístas, pois valorizavam a imaginação, o maravilhoso e o sobrenatural.
- **Expressionismo** – movimento que surgiu na Alemanha e caracterizava a arte criada sob o impacto do sofrimento humano.

Essas vanguardas manifestaram-se principalmente nas artes plásticas, na música e na literatura, com caráter agressivo, experimental e inovador. Opõem-se ao racionalismo e objetivismo e valorizam o Simbolismo.

### Principais características

- atitude irreverente aos padrões estabelecidos;
- reação ao passado clássico e estático;
- temática particular e individual;
- preferência pelo dinamismo;
- busca do imprevisível;
- desaparece o sentimentalismo;
- comunicação direta das idéias: linguagem cotidiana;
- originalidade e autenticidade;
- interesse pela vida interior (estado de espírito, psíquico e subconsciente);
- expressão indireta e sugestiva;
- valorização do bom humor;
- liberdade nos versos e ritmos.

Em Portugal, o Modernismo se divide em três gerações:

## Primeira Geração (1915 – 1927)

Orfismo – artistas que participaram da revista *Orpheu*, viravam valores simbolistas e os reformulavam. Destacam-se: Fernando Pessoa, com o seu desdobramento em várias personalidades poéticas e sua indignação sobre a existência; Almada Negreiros, Florbela Espanca e Mário de Sá Carneiro.

---

### Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888 – 1935)

---

Nasceu em Lisboa em 1888, porém, passou parte de sua infância e de sua mocidade na África do Sul, em Durban. Retornou a Portugal e iniciou o curso superior de Letras, em Lisboa, mas abandonou a Universidade. Ao morrer, em 1935, com apenas 47 anos de idade, o poeta ainda era desconhecido na sociedade portuguesa, porém, pouco antes de sua morte, chegou a receber um prêmio do Secretariado de Propaganda Nacional, pela publicação de sua obra *Mensagem*.

Pessoa foi o introdutor das vanguardas modernistas em Portugal. Em 1915, com Almada Negreiros e Mário de Sá Carneiro, funda a revista *Orpheu* – marco inicial do Modernismo em Portugal. Aos seis anos de idade, criou o seu primeiro heterônimo: Chevalier de Pás. Posteriormente, vieram Alexander Search, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. A invenção dos heterônimos foi a resposta encontrada por Pessoa a uma realidade que se mostrava múltipla, oscilante e dinâmica, para nela poder sobreviver. Aos seus heterônimos, deu uma biografia, característica física, personalidade, formação cultural, profissão e ideologia.

A complexidade e o mistério dos heterônimos podem encontrar citadas numa carta do próprio Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro:

“Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1:30 da tarde, diz-me Ferreira Gomes; e é verdade, pois feito horóscopo para esta hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade. Caeiro era de estatura média e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mais seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo porém liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma velha tia, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico.

É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente, de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre. Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê.”

---

## Os heterônimos de Fernando Pessoa

---



---

### Alberto Caeiro da Silva (1889 – 1915)

---

Poeta bucólico, vive em contato com a natureza e é considerado o mestre dentre todos os heterônimos. Filósofo, acredita que o homem complicou as coisas com a metafísica e religiões. Defende, portanto, a simplicidade da vida e a sensação (pensamentos do poeta).

#### *O Guardador de Rebanhos*

Num meio-dia de fim de primavera  
Tive um sonho como uma  
[fotografia.  
Vi Jesus Cristo descer à terra.



E, porque sabe que elas não gostam  
 E que toda a gente acha graça,  
 Corre atrás das raparigas  
 Que vão em ranchos pelas estradas  
 Com as bilhas às cabeças  
 E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.  
 Ensinou-me o olhar para as cousas,  
 Aponta-me todas as cousas que  
   [há nas flores.  
 Mostra-me como as pedras são  
   [engraçadas  
 Quando a gente as tem na mão  
 E olha devagar para elas.

Sou um guardador de rebanhos.  
 O rebanho é os meus pensamentos.  
 E os meus pensamentos são todos  
   [sensações.  
 Penso com os olhos e com os ouvidos  
 E com as mãos e os pés  
 E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
 E comer um fruto é saber-lhe  
   [o sentido.

Por isso quando num dia de calor  
 Me sinto triste de gozá-lo tanto,  
 E me deito ao comprido na erva,  
 E fecho os olhos quentes,

Sinto todo o meu corpo deitado  
   [na realidade,  
 Sei a verdade e sou feliz.

Podemos observar nestes trechos de *O guardador de rebanhos* a linguagem coloquial de Alberto Caeiro, muitas vezes próxima da prosa, algumas vezes muito rítmica. Observamos, também, que o poeta faz diversas negações das metafísicas, das transcendências, optando pela natureza, ou seja, pelo que é natural. No primeiro texto, a criança é divina porque é humana e natural e, assim, é muito mais verdadeira. No segundo texto, observamos a identificação do ato de pensar com as sensações físicas, com relação corpo-a-corpo com o mundo.

---

## **Ricardo Reis** **(1887 - ?)**

---

Representa o mundo clássico. Monarquista, educado em colégio de jesuítas, valoriza a vida campestre e a simplicidade das coisas. Deixa de lado a emoção, por desconfiar da felicidade extrema.

### ***Obra Poética***

Só o ter flores pela vista fora  
 Nas áleas largas dos jardins exatos  
 Basta para podermos  
 Achar a vida leve.  
 De todo o esforço seguremos  
   [quedas  
 As mãos, brincando, pra que  
   [nos não tome  
 Do pulso, e nos arraste.  
 E vivamos assim,



## Álvaro de Campos (1890 - ?)

Voltado para o futurismo, procura expressar o mundo moderno. É considerado o poeta do “não”.

Eia comboios, eia pontes, eia  
[hotéis à hora do jantar

Eia aparelhos de todas as espécies,  
[fêrreos, brutos, mínimos,

Instrumentos de precisão,  
[aparelhos de triturar, de cavar,

Engenhos, brocas, máquinas  
[rotativas!

Eia! Eia! Eia!

Eia eletricidade, nervos doentes de  
[Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia  
[metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá,  
[Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do  
[presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós!  
Eia!

Eia! Eia! Eia!

.....

### *Ode triunfal*

(fragmento)

“À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera  
[para a beleza disto,

Para a beleza disto totalmente  
[desconhecida dos antigos.

Ó rodas, é engrenagens, r-r-r-r-r-r  
[eterno!

Forte espasmo retido dos  
[maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos  
[dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo  
[com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes  
[ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de  
[perto,

E arde-me a cabeça de vos querer  
[cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas  
[sensações,

Com um excesso contemporâneo  
[de vós, ó máquinas!”

Podemos observar o fluxo das idéias, o vigor do verso livre (sem rima e sem métrica regular), além da expressividade da linguagem coloquial. O poeta retrata a civilização industrial (lâmpadas, rodas, engrenagens).

### *Poema em linha reta*

Nunca conheci quem tivesse  
[levado porrada.

Todos os meus conhecidos tem sido  
[campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas  
[vezes porco, tantas vezes vil,



## Fernando Pessoa ele-mesmo

### *Mensagem*

A obra *Mensagem* mostra poemas organizados de forma a compor uma epopéia fragmentária, pois o conjunto dos textos líricos acaba formando um elogio de teor épico a Portugal. Traçando a história do seu país, Pessoa envereda por um nacionalismo místico de caráter sebastianista.

O livro está dividido em três partes: “Brasão”, “Mar português” e “O Encoberto”. Na primeira, conta-se a história das glórias portuguesas; na segunda, são apresentadas as conquistas marítimas de Portugal; por último, é apresentado o mito sebastianista, um retorno de Portugal às épocas de glória. A primeira parte de *Mensagem*, “Brasão”, se estrutura como o brasão português, que é formado por dois campos: um apresenta sete castelos, o outro, cinco quinas. No topo do brasão estão a coroa e o timbre, que apresenta o grifo, animal mitológico que tem cabeça de leão e asas de águia. Assim dividem-se os poemas desta parte, remetendo-nos ao brasão de Portugal. Versam sobre as grandes figuras da história de Portugal, desde Dom Henrique, fundador do Condado Portucalenses, passando por sua esposa, Dona Tareja, e seu filho, primeiro rei de Portugal, Dom Afonso Henriques vão ainda até o infante Dom Henrique, fundador da Escola de Sagres e grande

fomentador da expansão ultramarina portuguesa, e Afonso de Albuquerque, dominador português do Oriente; até o mito de Ulisses, que teria fundado a cidade de Ulissepona, depois Lisboa, é apresentado:

*“O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo.”*

A segunda parte, “Mar português”, apresenta as principais etapas da expansão ultramarina que levaram Portugal a ocupar um lugar de destaque no mundo durante os séculos XV e XVI:

*“E ao imenso e possível oceano  
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,  
Que o mar com fim será grego ou  
[romano:  
O mar sem fim é português.”*

Já a última parte, “O Encoberto”, apresenta o misticismo em torno da figura de Dom Sebastião, rei de Portugal, cuja frota foi dizimada em ataque aos mouros em 1578. Muitas previsões, como a do sapateiro Bandarra e a do padre Antônio Vieira, prevêem o retorno de Dom Sebastião para resgatar o poderio de Portugal, criando o Quinto Império e marcando a supremacia de Portugal sobre o mundo:

*“Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa, os quatro se vão  
Para onde vai toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu dom Sebastião?”*

**O Quinto Império**

Triste de quem vive em casa,  
 Contente com seu lar,  
 Sem que um sonho, no erguer de asa,  
 Faça até mais rubra a brasa  
 Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!  
 Vive porque a vida dura.  
 Nada na alma lhe diz  
 Mais que a lição da raiz  
 Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem  
 No tempo em que as eras vêm.  
 Que as forças cegas se dormem  
 Pela visão que a alma tem!  
 E assim, passados os quatro  
 Tempos do ser que sonhou,  
 A terra será teatro  
 Do dia claro, que no atro  
 Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,  
 Europa – os quatro se vão  
 Para onde vai toda a idade.  
 Quem vem viver a verdade  
 Que morreu D. Sebastião?

**O Mar Portuguez**

“Ó mar salgado, quanto do teu sal  
 São lágrimas de Portugal!  
 Por te cruzarmos, quantas mães  
 [choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!  
 Quantas noivas ficaram por casar  
 Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
 Se a alma não é pequena.  
 Quem quer passar além do Bojador  
 Tem que passar além da dor.  
 Deus ao mar o perigo e o abismo  
 [deu.  
 Mas nele é que espelhou o céu”.

**D. Sebastião, Rei de Portugal**

“Louco, sim, louco, porque quis  
 [grandeza  
 qual a Sorte a não dá.  
 Não coube em mim minha certeza;  
 Por isso coube o areal está  
 Ficou meu ser que houve, não o  
 [que há.

Minha loucura, outros que me a  
 [tomem

Com o que nela ia.  
 Sem a loucura que é o homem  
 Mais que a besta sadia,  
 Cadáver adiado que procria?

Podemos reparar na obra de Fernando Pessoa – *Mensagem* – temas históricos portugueses: as conquistas marítimas e D. Sebastião. Os dois poemas apresentam um tom filosófico, épico, heróico. A aventura portuguesa é apresentada de modo transfigurado. As rimas apresentam-se regulares e há a presença de rimas.

## **Florbela de Alma da Conceição Espanca (1894 – 1930)**

Nasceu em Vila Viçosa e realizou seus estudos secundários em Évora, onde começou a escrever seus poemas. Seu temperamento forte mistura-se com sua sensibilidade poética, a qual é demonstrada de forma firme, sentimental, transparente e vigorosa, diante dos acontecimentos de sua vida. Muito infeliz nos seus casamentos, deprimida diante da reação da crítica, Florbela demonstrou claramente as fases dos problemas existenciais que sentia: angústias, decepções, desvalorização, tristezas, mágoas, numa época repressora, machista e severa com o sexo feminino. Em 1919 estudou na Faculdade de Direito, em Lisboa, publicando seu primeiro livro –*Mágoas*. Em profundo estado de depressão, totalmente abatida e doente, afastou-se de uma vez do convívio social com o consolo e a amizade de alguns poucos amigos. Em 1939, faleceu enquanto dormia pelo excesso de barbitúricos. Suas principais obras foram: *Mágoas*, *Sóror saudades*, *Reliquial*, *Charveca em Flor*, *Máscaras do Destino* e *Domínio Negro*.

### **Amar!**

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui...além...  
Mais Êste e Aquêle, o Outro e tôda  
[a gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...

Prender ou desprender? É mal?  
[É bem?

Quem disser que se pode amar  
[alguém

Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra  
[cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e  
[nada

Que seja a minha noite uma  
[alvorada,

Que me saiba perder...pra me  
[encontrar...

Expressa a vontade, o desejo e o  
anseio de ter alguém que a fizesse feliz.

### **Eu**

Eu sou a que no mundo anda  
[perdida

Eu sou a que na vida não tem norte,

Sou a irmã do Sonho, e desta sorte

Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e  
[esvaecida,

E que o destino amargo, triste e  
[forte,

Impele brutalmente para a morte!

— 106 —

Alma de luto sempre  
[incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém  
[vê...

Sou a que chamam triste sem  
[o ser...

Sou a que chora sem saber  
[por quê...

Sou talvez a visão que Alguém  
[sonhou,

Alguém que veio ao mundo pra  
[me ver

E que nunca na vida me encontrou!

Espanca, Florbela. *In: Antologia da poesia portuguesa*.  
Porto: Lello & Irmão, 1977. v.2.

Expressa seus anseios e angústias  
diante de si mesma.

### **Noitinha**

A noite sôbre nós se debruçou...  
Minha alma ajoelha, Põe as mãos e  
[ora!

O luar, pelas colinas, nesta hora,  
É a água dum gomil que se  
[entornou...

Não sei quem tanta pérola  
[espalhou!

Murmura alguém pelas quebradas  
[fora...

Flôres do campo, humildes, mesmo  
[agora,

A noite, os olhos brandos, lhes  
[fechou...

Fumo beijando o cômlo dos casais...

Serenidade idílica de fontes,

E a voz dos rouxinóis nos  
[salgueirais...

Tranqüilidade... calma... anoitecer...

Num êxtase, eu escuto pelos  
[montes

O coração das pedras a bater...

Expressa sua solidão e o vazio constante em sua vida.

---

## **Mário de Sá-Carneiro** **(1890 – 1916)**

---

Sá-Carneiro nasceu em Lisboa, em 1890. Ficou órfão de mãe aos dois anos de idade. Em 1912 seguiu para Paris, tentando cursar Direito. Nesse mesmo ano publicou *Princípios* e iniciou sua produção poética. Retornou a Lisboa, em férias, e juntou-se ao grupo que lançou *Orpheu*, em 1915. Nesse mesmo ano publica *Dispersão* e *A Confissão de Lúcio*. Retornou a Paris, onde sérios problemas financeiros o levaram à depressão e finalmente ao suicídio, em abril de 1916.

Dedicou-se à prosa, à poesia e ao teatro. Os seus personagens são geralmente voltados para si mesmos, com a personalidade em desagregação, buscando um outro no seu próprio interior que viesse a completá-los.

**Dispersão**

Perdi-me dentro de mim  
 Porque eu era labirinto,  
 É hoje, quando me sinto,  
 É com saudades de mim.

Passei pela minha vida  
 Um astro doido a sonhar.  
 Na ânsia de ultrapassar,  
 Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,  
 Não tenho amanhã nem hoje:  
 O tempo que aos outros foge  
 Cai sobre mim feito ontem.

(o Domingo de Paris  
 Lembra-se o desaparecido  
 Que sentia comovido  
 Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,  
 É bem-estar, é singeleza,  
 E os que olham a beleza  
 Não têm bem-estar nem família).

O pobre moço das ânsias...  
 Tu, sim, tu eras alguém!  
 E foi por isso também  
 Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave doirada  
 Bateu asas para os céus,  
 Mas fechou-as saciada  
 Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,  
 Assim me choro a mim mesmo:  
 Eu fui amante inconstante  
 Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro  
 Nem as linhas que projeto:  
 Se me olho a um espelho, erro –  
 Não me acho no que projeto.

Regresso dentro de mim  
 Mas nada me fala, nada!  
 Tenho a alma amortalhada.  
 Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,  
 Fiquei com ela, perdida.  
 Assim eu choro, da vida,  
 A morte da minha alma.

(...)

**Estátua Falsa**

Só de ouro falso os meus olhos se  
 [douram;

Sou esfinge sem mistério no  
 [poente.

A tristeza das coisas que não  
 [foram

Na minh'alma desceu veladamente.

Na minha dor quebram-se espadas  
 [de ânsia,

Gomos de luz em treva se  
 [misturam.

As sombras que eu dimano não  
[perduram,

Como Ontem, para mim, Hoje é  
[distância.

Já não estremeço em face do  
[segredo;

Nada me aloira já, nada me aterra:  
A vida corre sobre mim em guerra,  
E nem sequer um arrepiro de medo!

Sou estrela ébria que perdeu os  
[céus,  
Sereia louca que deixou o mar;  
Sou templo prestes a ruir sem deus,  
Estátua falsa ainda erguida ao ar...

### Último Soneto

Que rosas fugitivas foste ali:  
Requeriam-te os tapetes – e  
[vieste...

– Se me dói hoje o bem que me  
[fizeste,

É justo, porque muito te devi.

Em que seda de afagos me envolvi  
Quando entraste, nas tardes  
[que apareceste –

Como fui de percal quando me  
[deste

Tua boca a beijar, que remordi...  
Pensei que fosse o meu o teu  
[cansaço –

Que seria entre nós um longo  
[abraço

O tédio que, tão esbelta, te  
[curvava...

E fugiste... Que importa ? Se  
[deixaste

A lembrança violeta que animaste  
Onde a minha saudade a Cor se  
[trava?...

*Obras completas de Mário de Sá Carneiro – Poesias.  
Lisboa: Ática, s.d. v.2, p.61-5*

### A Confissão de Lúcio

(resumo)

Lúcio vai estudar em Paris, acaba conhecendo o poeta Ricardo, que se torna seu grande amigo. Após dez meses de confidências, Ricardo, de forma inexplicável, volta a Portugal e eles passam a se corresponder através de cartas. Lúcio também volta a Portugal e descobre que seu amigo havia se casado com Marta. Passa, então, a frequentar a casa deles e descobre que Marta tem um amante. Lúcio sente ciúmes e começa a investigar a vida particular dela, mas torturado pelas emoções conflituosas, deixa Portugal e volta para Paris. Porém, logo tem que voltar para entregar a sua peça de teatro ao empresário. Reencontra o amigo, que lhe confessa saber de toda a verdade a respeito de sua esposa, pois ele mesmo a enviava aos seus amigos para se relacionar. Se arrepende de ter feito tal coisa, pois queria que Marta amasse apenas Lúcio e não os demais. Então, Ricardo leva o amigo até o encontro de Marta e dá um tiro nela. O fantástico da narrativa acontece no momento em que o corpo cai no chão, pois já não é Marta (que desaparece aos olhos de Lúcio) e sim, o próprio

Ricardo atingido pelo tiro que deu. Lúcio é acusado pelo crime e vai preso. Após cumprir a pena, retira-se para o interior e escreve a sua confissão, a sua narrativa.

Em *A Confissão de Lúcio*, encontramos uma linguagem metafórica. Para o próprio autor, esta obra pode ser vista como um registro de sua vida pessoal. Aparece diversas vezes a problemática do corpo e da beleza física, com Ricardo desejando até ser mulher para ser belo. Em vida, um dos problemas do autor era o seu corpo obeso, que o fazia sentir-se ridículo e desprezível às mulheres. Dotado de uma sensibilidade aguçada, que é levada ao delírio, capta as sensações inusitadas e as coloca em um estilo brilhante e luminoso, sugestivo e rico de ambigüidade. Abusa de reticências para criar sensação de insegurança, indecisão e impressão. A obra pode ser enquadrada no gênero fantástico, pois os acontecimentos narrados pelo personagem principal Lúcio não podem ser explicados pelas leis naturais. Às vezes sugere que tudo é uma loucura, outras, afirma que está lúcido e que tudo é verdade, mesmo que pareça absurdo. Podemos destacar algumas características da obra abarcando a estética simbolista: obsessão da morte e do suicídio como únicas soluções; traz a marca da frustração; obsessão pelo amor pervertido ou sexualidade ambígua, sempre balançando entre a hetero e a homossexualidade (fictícia); busca da identidade. Narrado em primeira pessoa, a linguagem caracteriza uma narração subjetiva e de estado de inconsciência do eu-lírico. A narrativa começa pelo fim, quando o personagem-narrador decide escrever sua confissão

através de *flash-back*, daí para frente seguindo linearmente. O personagem Ricardo de Loureiro é um desdobramento do personagem Lúcio, que, por sua vez, é desdobramento do autor. Nesta obra, a trama consiste na integração das duas personagens masculinas através da figura feminina – Marta.

## Segunda Geração (1927 – 1940)

---

Presencismo – artistas que participaram da revista *Presença*. No Presencismo, a literatura é viva, ou seja, há sinceridade. Há a desmistificação do real e da realidade aparente das coisas, eliminação da objetividade da ação, pois se mistura com o lado psicológico. Destacam-se José Régio e Branquinho da Fonseca.

### José Régio (1901-1969)

---

Suas obras são de estruturas abertas, que retratam o mundo psicológico dos personagens. Abrange a poesia, o romance, o conto, o teatro e a crítica literária. Seu romance *Jogo da Cabra Cega* é considerado o marco da prosa contemporânea. Aborda em suas obras a introspecção e sondagem dos conflitos do homem em relação com o mundo. Trata também o tema religioso com as oposições entre o bem X mal, espírito X matéria, Deus X diabo.

**Cristo**

Quando eu nasci, Senhor! Já tu  
[lá estavas,  
Crucificado, lívido, esquecido.  
Não respondeste, pois, ao meu  
[gemido,  
Que há muito tempo já que não  
[falavas...

Redemoinhavam, longe, as turbas  
[bravas,  
Alevantando ao ar fumo e alarido.  
E a tua benta Cruz de Deus vencido,  
Quis eu ergue-la em minhas mãos  
[escravas!

A turba veio então, seguiu-me  
[os rastros;  
E riu-se, e eu nem sequer fui  
[açoitado,  
E dos braços da Cruz fizeram  
[mastros...

Senhor! Eis-me vencido e tolerado:  
Resta-me abrir os braços a teu lado,  
E apodrecer contigo à luz dos  
[astros!

**Cântico negro**

“Vem por aqui”– dizem-me alguns  
[com olhos doces,  
Estendendo-me os braços,  
[e seguros  
De que seria bom que os ouvisse  
Quando me dizem: “vem por aqui”!  
Eu olho-os com olhos lassos,  
(Há, nos meus olhos, ironias e  
[cansaços)

E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...  
A minha glória é esta:  
Criar desumanidade!  
Não acompanhar ninguém  
Com que rasguei o ventre a  
[minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...  
Se ao que busco saber nenhum de  
[vós responde,  
Por que me repetis: “vem por aqui”?

Prefiro escorregar nos becos  
[lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Como farrapos, arrastar os pés  
[sangrentos,  
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi  
Só para desflorar florestas virgens,  
E desenhar meus próprios pés  
[na areia inexplorada!  
O mais que faço não vale nada.  
(...)

RÉGIO, José. *Poemas de Deus e do diabo*.  
8. ed. Porto: Brasília Ed., 1972. p. 31.

---

**Branquinho da Fonseca**  
**(1905-1974)**


---

Sua principal obra foi a novela *O Barão*, de linguagem simples e com núcleos entrelaçados. A obra retrata reflexos inspirados na alma do povo, de forma simples e objetiva.

### **O Barão**

(resumo)

O narrador encontra-se na Serra do Barroso, com uma professora, a qual o apresenta ao Barão, que lhe desperta uma primeira impressão negativa. Hospeda-se no castelo do Barão e este passa a lembrar de seu passado, principalmente de sua grande paixão, nomeada apenas por “Ela”, a Bela Adormecida.

O ambiente vai se intensificando de lirismo e embriaguez, de tom de confiança e simpatia, confiança, até culminar em mistério.

O inspetor (o narrador) também apresenta suas confidências ao Barão. Seu enredo concentra-se na “viagem” do inspetor de si a si mesmo, através de um personagem fantástico, que lhe permite uma noite repleta de magia, regressando à nobreza e à beleza de um mundo onírico e poético.

Novela narrada em primeira pessoa, com um personagem-narrador pertencente ao corriqueiro mundo moderno – o inspetor de escolas - personagem sem nome, adaptado ao capitalismo. Outra figura importante é a do Barão, também sem nome, oposto ao inspetor, por representar o mundo intuitivo e nostálgico, mas sem perder o lirismo. Temos na narrativa a presença da personagem Idalina, criada e, ao que tudo indica, amante do Barão, mulher autoritária que faz do seu senhor um escravo. Em relação ao tempo da narrativa, há uma reciprocidade entre o presente (sociedade moderna), representado pelo inspetor – o dia; e o passado medieval representado pela figura do Barão – a noite, no qual um vem a completar o outro, formando uma só pessoa, um só tempo. Quanto ao espaço,

prevalece o do sonho, da fantasia sobre o espaço real, o castelo medieval sobre o mundo moderno, a noite sobre o dia. No final da narrativa, podemos perceber que a realidade prevalece sobre o sonho. A linguagem é simples, coloquial e as frases são curtas, aproximando-se da oralidade.

## **Terceira Geração (1940 até os dias atuais)**

Nesse momento despontou o Neorealismo, que apresenta uma literatura engajada com os motivos sociais e políticos: ideais humanitários, homem sofrido e marginalizado. É um movimento ideológico e eclético. Surgem obras que reproduzem a realidade vivida por seus autores. Destacam-se Alves Redol, Ferreira de Castro, Fernando Namora e Manuel da Fonseca.

### **Alves Redol (1911 – 1969)**

Considerado como o introdutor do Neo-Realismo em Portugal, escreveu *Gaibéus*.

#### **Gaibéus**

(comentários)

*Gaibéus* extrai personagens do povo e é uma obra que possui uma consciência muito clara da luta de classes. Relata-se o drama dos trabalhadores alugados (gaibéus), colhedores de arroz do Ribatejo. O autor procura mostrar que a miséria do po-

bre provém da mesquinhez, da ganância dos poderosos. Preocupado em registrar o destino trágico do trabalhador, Alves Redol privilegia as massas anônimas em detrimento dos indivíduos. O despojamento dos traços pessoais dos personagens ilustra a alienação do homem, reduzido à condição de besta de carga, sem consciência dos motivos da sua degradação.

---

### **Ferreira de Castro (1898 – 1974)**

---

Dá início ao Neo-Realismo com a obra *A Selva*.

#### ***A Selva***

(comentários)

*A Selva* reproduz a vida do próprio autor: a vida no seringal da Amazônia. O personagem Alberto reflete a dura vida dos seringueiros, compara-a mentalmente com a vida dos aldeãos de sua pátria; retrata a triste condição de vida dos trabalhadores dos seringais. A obra apresenta a vida cruel dos seringueiros e remove a sociedade da época pela realidade que apresenta.

---

### **Fernando Namora (1919-1989)**

---

Situa-se entre o Presencismo e o Neo-Realismo. Preocupa-se com os deserdados, ou seja, com a classe social média e baixa.

Em *Domingo à Tarde* (1961), Fernando Namora defende as propostas neo-realistas, retratando conflitos íntimos. A obra procura relatar situações dramáticas e trágicas de gente simples e sofridora.

O personagem central é um médico que trata dos doentes incuráveis. A personagem que desencadeia o romance é Clarisse (doente incurável). Jorge é um homem pouco social, um tanto agressivo, que mal se relaciona com os colegas de trabalho; representa o homem em situação conflitiva com seu meio, com sua época.

Vemos no romance a transformação que as situações vividas operam na sua personalidade. Jorge, no final da narrativa, é um homem transformado pelo sofrimento e pela força do amor (personagem itinerante).

#### ***Domingo à tarde***

(fragmentos)

Por esse tempo, ou já muito antes, comecei a ser considerado um tipo insociável. Fumava desalmadamente, macerando o cigarro de um canto para o outro da boca, num jeito nervoso nada fácil de imitar, roendo a todo momento qualquer danação íntima que se traduzia nos modos com que fazia crer às pessoas que a presença delas me era insuportável. Tudo me servia para exagerar a brusquidão, talvez porque toda a gente reparasse nela e a censurasse, e a minha rebeldia agreste contra fosse lá o que fosse manifestava-se, provocante, tanto mais quanto outros a receavam. Era eu a ajudá-los ao espetáculo, a colocar-me no centro desta arena improvisada que é a vida... nos outros não admitia, pois é o riso o que particularmente me ofende nos medíocres. Poderiam, enfim, julgar-me um esnobe ou um torturado – e nem eu, ao certo, o saberia também... (cap. I, p.3)

(...)

Eu reparava que Clarisse era agora um dos alvos preferidos dessa intriga melíflua e subterrânea. E ela também o sabia. No modo como observava as companheiras, acirradas, estou certo, por um instinto de desagravo social (pois não era Clarisse, entre elas, uma burguesinha a quem a doença e o desespero iam amachucando a soberba de classe?), via-se que procurava todo o indício que pudesse dizer-lhe quanto as outras a achavam já diferente, quanto lhe notavam o emagrecimento ou a palidez. Mas era sobre mim que incidia mais vezes a sua alertada acuidade: em todos os estremecimentos da minha face entediada de médico, ela descobria, ou julgava descobrir, os agouros da sua ruína.

Era inútil, aliás, prolongar o Ludíbrico. Ainda que baralhássemos na mesma enfermaria doentes com moléstias e prognósticos diferentes, e zelássemos por que nenhum deles pudesse averiguar a natureza da sua doença, a verdade escorria não se sabia donde, um fio de água sub-reptício que, de súbito, encharcava o ambiente. Qualquer deles, ao fim de algum tempo, percebia que, sendo apontado pelos outros como meu doente, essa identificação equivalia a um ferrete. O rebanho marcado. Reagiam, então, de muitos modos: violência, pânico, misticismo, náusea, raramente com heroísmo e nunca com resignação. Muitos saíam do hospital ou desapareciam da consulta e, durante semanas, meses, misturavam-se freneticamente no convívio dos outros, os de lá de fora, os que continuavam a viver, para lhes enfiar pelos olhos dentro que estavam vivos também. Era preciso que os outros não os distinguíssem pelo horror ou pela compaixão, não os distinguíssem fosse pelo que fosse, que não os diferenciássem de ninguém. Era preciso que a estima dos familiares, dos amigos ou

de simples companheiros de acaso não tivesse uma condescendência lamuriosa a justificá-la, para que essa vida fosse autêntica, verídica, e não o fruste delírio de um moribundo. Era tão urgente o amor dos outros! Por isso os cortejavam, subornando-os, atijando-lhes capciosamente o interesse, a presença, o diálogo ou um arremedo desse amor. A simulação, por último, bastava, como a temura das meretrizes. Lembro-me, por exemplo, daquela velhota ricaça que eu internara numa clínica. No último Natal oferecera centenas de presentes. Escrevia montes de cartas, todos os dias, mesmo a desconhecidos. O importante era que viessem agradecer-lhe, vê-la, que, durante alguns minutos, ao pensarem nela, a fizessem viva. Tinha um casal de criados já idosos; obrigava-os a ficarem horas, de pé, ao fundo da cama - dois macacos decrepitos, testemunhas de sua existência.

Quando esses doentes voltavam - e voltavam sempre -, tinham lido livros, consultado outros médicos, e discutiam já as notícias sobre novas e milagrosas drogas para o seu caso, com que as gazetas lhes sacudiam a febre de persistir. Investigavam-se a si próprios, procurando os ardis sob que a morte se escondia e, lá no íntimo, esperavam ser os primeiros a conseguir dominá-la. Os ardis não eram apenas da doença. Eles também os teciam. Apercebiam-se da vizinhança da morte, sentiam-lhe a voracidade e o cheiro, mas, inexorável, só nos outros. A pérfida ameaça, presença obcecante na vida de todos eles, como um punhal enquistado, e que, na sua injusta e medonha objetividade, se assimilava através da experiência em redor, não lhes dizia, porém, individualmente respeito. No último instante, cada um, de *per si*, conseguiria libertar-se. Velada ou abertamente, falavam-

me então dos tais fabulosos tratamentos - até mos exigirem, e era-me mais cômodo falsear-lhes as análises do que, como dan-tes, evitar que lhes caíssem sob os olhos.

(NAMORA, Fernando. Domingo à Tarde. Porto Alegre: Globo, 1963)

### **Casa da Malta**

(resumo)

A narrativa inicia-se com o personagem Abílio contando sobre suas andanças com o circo e o fim da companhia circense ao amigo Ricocas e este o leva à casa da malta, lugar onde pessoas que não tinham para onde ir se estabelecem por lá. Outros personagens são introduzidos na narrativa e cada um com um passado trágico que os levaram a morar na casa da malta. Todos vão relembando o passado até o momento do nascimento do bebê da cigana, onde todos se confraternizam como se fosse uma grande família.

A narrativa descreve as ações das personagens socialmente desprivilegiadas e perdidas num mundo de injustiças e miséria. Podemos perceber claramente nesta obra a busca pela interioridade das personagens, através de suas lembranças, revelando suas angústias, dúvidas, numa análise profunda de sentimentos e ralações humanas. Assim sendo, ao passo que traduz a individualidade do homem não deixa de enquadrá-lo no seu meio social. A ação se divide entre o tempo presente da narrativa (casa da malta) e os acontecimentos passados na vida de cada um dos personagens, possibilitando a compreensão de como chegaram até aquele casebre. A grande metáfora encontrada nesta obra é o humanismo, ou seja, há uma grande preocupação com os valores representativos do ser humano. A solidariedade unindo es-

ses seres humanos se faz presente quando eles dividem entre si a comida, num jantar de comemoração pelo nascimento da criança. Dentre os personagens, todos com dificuldade em se ajustar à sociedade.

(fragmento)

... era uma espécie de saguão, colado à forja do ferreiro. Em tempos servira de abrigo às manadas de porcos da Granja; mas o patrão fora-se para a cidade, o portão de castanho velho abrira feridas ao sol e às chuvas das bandas do montado, e agora os que vinham de longe para roubar, pedir, emigrar, sabiam que era ali a sua casa. Um resto de palha da malhada forrava o chão térreo e cada ambulante acamara mais um molho de feno, de urze, ou de trapos velhos. Ainda no domínio do saguão, em dois metros quadrados de terreno roubados ao adro, os ciganos arrumavam carroças e animais e expunham sedas vermelhas ao pessoal da vila.

---

### **Manuel da Fonseca (1911 - )**

---

Escreveu *Seara de Vento*.

#### **Seara de Vento**

(comentários)

A narrativa se inicia com a descrição do vento, anúncio de desgraças. Duas personagens, Júlia e Amanda Carrusca, dialogam com certa agressividade sobre a situação precária em que vivem: estão morrendo de fome. Amanda exige que sua filha Júlia convença o marido Antônio Valmurado, o Palma, a permitir que ambas peçam esmola. Amanda, habilmente, diz que é para curar Bento, um dos filhos do casal, que é excepcional.

O romance começa, pois, a partir de uma situação trágica.

## Resumo do Modernismo

### Momento sócio-cultural

- Proclamação da República (1910).
- Tensão entre a pequena-burguesia radical que exigia reformas imediatas e os moderados representados pela alta burguesia.
- Reforma universitária (1911) e a criação da primeira faculdade de Letras, no Porto (decênio de 1920).
- Primeira Guerra Mundial: Portugal fica ao lado dos aliados, garantindo suas colônias na África. Após a guerra, grave crise econômica.
- 1926: Um golpe de Estado derruba a República Parlamentar
- 1933-1974: Período do estado Novo; instauração da ditadura.

### Características literárias

- Negação sistemática e total do passado; desejo de criar uma literatura que expressasse o novo século.
- Fuga das tradições literárias; valorização da originalidade e da obra que possui características inéditas.
- Uso da linguagem coloquial.
- O Modernismo quer criticar os padrões de bom gosto e causar escândalo.
- Uso dos conhecimentos da psicologia e da psicanálise.

### Autores e obras

- **Fernando Pessoa:** o maior poeta português do século. **Ele-mesmo:** *English Poems* (1921), *Mensagem* (1934). **Heterônimos** ou personalidades poéticas: **Alberto Caeiro:** *Poemas* (1946); **Ricardo Reis:** *Odes* (1946), *Poemas Dramáticos* (1952) e **Álvaro de Campos:** *Poesias* (1944).
- **Mário de Sá-Carneiro:** autor atormentado pela busca do eu. Escreveu *Princípio* (1912), *Dispersão* (1914), *A Confissão de Lúcio* (1914).
- **José Régio:** *Jogo da Cabra-Cega* (1934), *Fado* (1941).
- **Branquinho da Fonseca:** *O Barão* (1943), *Porta de Minerva* (1947), *Mar Santo* (1952), *Mar Coalhado* (1932).
- **Adolfo Casais Monteiro:** *Sempre e sem Fim* (1936), *Europa* (1946).
- **Alves Redol:** *Gaibéus* (1940), *Baranco de Cegos* (1963).
- **Ferreira de Castro:** *A Selva* (1930), *Terra Fria* (1934), *A Lã e a Neve* (1947), *A Curva da Estrada* (1950).
- **José Saramago:** *Terra do Pecado* (1947), *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), *Memorial do Convento* (1982), *A Jangada de Pedra* (1986), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), *Todos os Nomes* (1997), *A Caverna* (2000).

## A Narrativa do Pós-Guerra

A cultura sofreu uma revolução após 1940. Encontramos, então, a literatura comercial dos best-sellers, opondo-se às narrativas pós 2ª Guerra Mundial.

Destacam-se José Saramago com *Memorial do Convento*, José Cardoso Pires com *Hóspede de Jô* e Adolfo Correia da Rocha com *A Criação do Mundo*.

### José Saramago (1922 – )

José Saramago nasceu em Azinhalga, no ano de 1922. Trabalhou como jornalista em vários jornais, entre eles o *Diário de Lisboa*, de que foi diretor, até partir e fixar-se definitivamente na ilha de Lanzarote, arquipélago das Canárias. A partir de 1975 passou a dedicar-se integralmente à literatura, mas foi após a publicação de *Levantado do Chão* (1980) que passou a ser considerado um grande nome da literatura em língua portuguesa contemporânea.

Declaradamente comunista e ateu, suas convicções fizeram-no deixar Portugal.

É considerado um dos escritores portugueses mais lidos e traduzidos no estrangeiro. Em 1991, ganhou o Grande Prêmio APE, com o romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*; o Prêmio Camões em 1996 por toda sua obra; e

em 1998 ganhou o Prêmio Nobel de Literatura.

De Saramago destacamos as seguintes obras: *Terra do Pecado*, *Os Poemas Possíveis*, *Provavelmente Alegria*, *Deste Mundo e do Outro*, *A Bagagem do Viajante*, *As Opiniões que o DL teve*, *O Ano de 1993*, *Os Apontamentos*, *Manual de Pintura e Caligrafia*, *Objecto Quase*, *Poética dos Cinco Sentidos*, *A Noite*, *Levantado do Chão*; *Que Farei dom este Livro?*, *Viagem a Portugal*, *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *A Jangada de Pedra*, *A Segunda Vida de Francisco de Assis*, *História do Cerco de Lisboa*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *In Nomine Dei*, *Cadernos de Lanzarote*, *Ensaio sobre a Cegueira*, *Todos os Nomes*, e *A Caverna*.

### **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**

(comentários)

Publicado pela primeira vez em novembro de 1991, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* causou muita polêmica. Saramago foi acusado de investir contra o cristianismo, de pretender des-sacralizar Jesus Cristo, e, principalmente, de interpretar o Novo Testamento de forma abusiva.

A opinião da crítica, que não levou em conta essa pretensa tentativa de Saramago de desvirtuar os Evangelhos,

é que, ao ler-se essa obra, devemos considerar que tudo não passa de artifício literário, de invenção.

O Vaticano criticou duramente a obra, que não foi inscrita pelo governo português em um importante prêmio literário europeu, fato que precipitou a saída de Saramago do país, passando a residir nas Ilhas Canárias.

### ***O ano da morte de Ricardo Reis***

A obra *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, tem como característica marcante a intertextualidade. No título do livro, que resume o conteúdo básico e conduz o fio narrativo, podemos perceber a retomada de um dos heterônimos de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, que, na obra, revela-se como narrador onisciente, presente em todas as situações, revendo o passado, prevendo o futuro e, principalmente, tomando conhecimento dos pensamentos e sentimentos passados no “eu” de cada personagem.

Na retomada de sua personalidade por Saramago, o personagem perde algumas características básicas, motivo de cobrança para Fernando Pessoa, que ressurgiu do mundo dos mortos: “você afinal desilude-me, amador de criadas, cortejador de donzelas, estimava-o mais quando você via a vida à distância que está” (p. 183).

“gestos que parecem querer recompor umas feições, restituí-las aos seus lugares de nascença, refazer o desenho, mas o artista tomou a borracha em vez do lápis, onde passou apagou, um lado da cara perdeu o contorno, é natural, vai para seis meses que Fernando Pessoa morreu.” (p. 330)

Podemos observar que, assim como o poeta Fernando Pessoa (na perspectiva fictícia) tem os seus contornos físicos dissipados ao longo do romance pelo decorrer dos nove meses de falecimento, tecendo um paralelo com o embrião humano que leva nove meses para ser gerado, o seu heterônimo retomado vai também dissipando a sua personalidade ao longo desse período: “Alguns latinagem clássica de que já não fazia leitura regular” (p. 22) “formara, de enfiada, três versos de sete sílabas, redondilha maior, ele, Ricardo Reis, autor de odes ditas sáficas ou arcaicas, afinal saiu-nos poeta popular.” (p. 47).

O Reis de Saramago deixa-se contagiar pelas coisas mundanas, já não é tão coerente e objetivo. Surge Lídia, camareira do Hotel Bragança com quem ele mantém relações. Sua musa se corporifica e ele deixa de “fruir o momento que passa” como espectador, para realizá-lo carnalmente. Aparece também a personagem Marcenda, por quem Ricardo Reis se apaixona, passando a espectador - aguarda a sua presença de todos os meses, as cartas, e por fim uma decisão de unir-se a ele, o que não se concretiza.

Ao final do romance, Reis se deixa contagiar totalmente pelos acontecimentos do mundo, quando chora a morte de Daniel, irmão de Lídia: “E entra em casa, atira-se para cima da cama desfeita, escondeu os olhos com o antebraço para poder chorar à vontade, lágrimas absurdas que esta revolta não foi sua, sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo.” (p. 411).

### **Memorial do Convento**

Um dos romances mais conhecidos de José Saramago é *Memorial do Convento* (1982), classificado como narrativa histórica, pois retrata aproximadamente 30 anos da História de Portugal (época da Inquisição). Nesta obra podemos encontrar um cenário rico, registrando não só o fato histórico, mas reconstituindo a vivência popular, numa viagem a diferentes povoados ao redor de Lisboa. A narrativa segue linear, sem interrupções, vigorosa e rica. Saramago procura dar à linguagem o tom das crônicas históricas, reveste o vocabulário de termos raros e realiza malabarismos sintáticos.

(resumo)

O rei D. João V necessitava de herdeiros, mas o ventre de D. Maria Ana não os concebia. Fez ele, então, uma promessa de construir um convento em Mafra se a concepção ocorresse. Em paralelo, segue-se o registro da vida do povo, primeiro enfocando o soldado que perdeu a mão esquerda na guerra contra os espanhóis: Baltasar Sete-Sóis, que em um espetáculo da Inquisição, conheceu Blimunda, mulher de poderes mágicos, que enxergava o interior das pessoas e cuja mãe, por ter poderes semelhantes, havia sido desterrada para Angola. Desafiando os rigores da religião, ambos se “casam” através de um ritual de sangue. Baltasar torna-se ajudante do Padre Bartolomeu Lourenço, que, sob a proteção do rei, construiu uma máquina de voar, a passarola. Sob o signo da máquina de voar, unem-se ideais: os cultos, representados pelo

padre Bartolomeu de Gusmão e pelo músico Scarlatti, e os populares, ancorados em Blimunda e Baltasar. Padre Bartolomeu viaja, enlouquece e morre. Blimunda, após o sumiço de Baltasar, passa a procurá-lo, encontrando-o nove anos depois em situação trágica.

(fragmento)

Levar este pão à boca é gesto fácil, excelente de fazer se a fome o reclama, portanto alimento do corpo, benefício do lavrador, provavelmente maior benefício de alguns que entre a foice e os dentes souberam meter mãos de levar e trazer e bolsas de guardar, e esta é a regra. Não há em Portugal trigo que baste ao perpétuo apetite que os portugueses têm de pão, parece que não sabem comer outra coisa, por isso os estrangeiros que cá moram, doridos das nossas necessidades, que em maior volume frutificam que sementes de abóbora, mandam vir, das suas próprias e outras terras, frotas de cem navios carregados de cereal, como estes que entraram agora Tejo adentro, salvando à torre de Belém e mostrando ao governador dela os papéis do uso, e desta vez são mais de trinta mil moios de pão que vêm da Irlanda, e é a abundância tal, fome que finalmente deu em fartura, enquanto em fome se não tornar, que, achando-se cheias as tercenas e também já os armazéns particulares, andam por aí a alugar depósitos por todo o dinheiro, e põem escritos nas portas da cidade para que conste às pessoas que os tiverem para alugá-los, com que desta vez se vão arrepear os que mandaram vir o trigo, obrigados pelo excesso a baixar-lhe o preço, tanto mais que se

fala em próxima chegada de uma frota da Holanda carregada do mesmo gênero, mas desta virá a saber-se que a assaltou uma esquadra francesa quase na entrada da barra, e assim o preço, que ia baixar, não baixa, se for preciso deita-se fogo a um celeiro ou dois, mandando em seguida apregoar a falta que o trigo ardido já está fazendo, quando julgávamos que havia tanto e de sobra. São mistérios mercantis que os de fora ensinam e os de dentro vão aprendendo, embora estes sejam ordinariamente tão estúpidos, de mercadores falamos, que nunca mandam vir eles próprios as mercadorias das outras nações, antes se contentam com comprá-las aqui aos estrangeiros que se forram da nossa simplicidade e forram com ela os cofres, comprando a preços que nem sabemos e vendendo a outros que sabemos bem de mais, porque os pagamos com língua de palmo e a vida palmo a palmo.

### ***O Evangelho segundo Jesus Cristo***

(fragmentos)

Passados meses, numa chuvosa e fria noite de inverno, um anjo entrou em casa de Maria de Nazaré, e foi o mesmo que se não tivesse entrado ninguém, pois a família assim como estava assim se deixou ficar, só Maria deu pela chegada do visitante, que nem teria podido ela dar-se por desentendida, uma vez que o anjo lhe dirigiu directamente a palavra, e foi assim, Deves saber, ó Maria, que o Senhor pôs a sua semente de mistura com a semente de José na madrugada em que concebeste pela primeira vez, e que, por conseguinte e con-

sequência, dela, da do Senhor, e não da do teu marido, ainda que legítimo, é que foi engendrado o teu filho Jesus. Ficou Maria muito assombrada com a notícia, cuja substância, felizmente, não se perdeu na elocução confusa do anjo, e perguntou, Então Jesus é filho de mim e do Senhor, Mulher, que falta de educação, deves ter cuidado com as hierarquias, com as precedências, do Senhor e de mim é que deverias dizer, Do Senhor e de ti, Não, do Senhor e de ti, Não me baralhes a cabeça, responde-me ao que te perguntei, se Jesus é filho, Filho, o que se chama filho, é só do Senhor, tu, para o caso, não passaste de ser uma mãe portadora, Então, o Senhor não me escolheu, Qual quê, o Senhor ia só a passar, quem estivesse a olhar tê-lo-ia percebido pela cor do céu, mas reparou que tu e José eram gente robusta e saudável, e então, se ainda te lembras de como estas necessidades se manifestavam, apeteceu-lhe, o resultado foi, nove meses depois, Jesus, E há a certeza, o que se chame certeza, de que tenha sido mesmo a semente do Senhor que engendrou o meu primeiro filho, Bom, a questão é melindrosa, o que tu estás a pretender de mim é, sem tirar nem pôr, uma investigação de paternidade, quando a verdade é que, nestes conúbios mistos, por muitas análises, por muitos testes, por muitas contagens de glóbulos que se façam, certezas nunca as podemos ter absolutas, Pobrezinha de mim, que cheguei a imaginar, ouvindo-te, que o Senhor me havia escolhido para ser a sua esposa naquela madrugada, e afinal foi tudo obra de um acaso, tanto poderá ser que sim como poderá ser que não, digo-te até que melhor seria não

teres descido aqui na Nazaré para vires deixar-me nesta dúvida, aliás, se queres que te fale com franqueza, um filho do Senhor, mesmo tendo-me a mim como mãe, dávamos por ele logo ao nascer, e quando crescesse teria, do mesmo Senhor, o porte, a figura e a palavra, ora, ainda que se diga que o amor de mãe é cego, o meu filho Jesus não satisfaz as condições, Maria, o teu primeiro grande engano é julgares que eu vim cá apenas para te falar desse antigo episódio da vida sexual do Senhor, o teu segundo grande engano é pensares que a beleza e a facúndia dos homens existem à imagem e semelhança do Senhor, quando o sistema do Senhor, digo-to eu que sou da casa, é ele ser sempre o contrário de como os homens o imaginam, e, aqui muito em confiança, eu até acho que o Senhor não saberia viver doutra maneira, a palavra que mais vezes lhe sai da boca não é o sim, mas o não, Sempre ouvi eu dizer que o Diabo é que é o espírito que nega, se no teu coração não deres pela diferença, nunca saberás a quem pertences, Pertenço ao Senhor, Pois é, dizes que pertences ao Senhor e caíste no terceiro e maior dos enganados, que foi o de não teres acreditado no teu filho, Em Jesus, Sim, em Jesus, nenhum dos outros viu Deus, ou alguma vez o verás, Diz-me, anjo do Senhor, é mesmo verdade que meu filho Jesus viu Deus, Sim, e, como uma criança que encontrou o seu primeiro ninho, veio a correr mostrar-to, e tu, céptica, e tu, desconfiada, disseste que não podia ser verdade, que se ninho havia estava vazio, que se ovos tinha, eram goros, e que se os não tinha, comera-os a serpente, Perdoa-me, meu anjo, por ter du-

vidado, Agora não sei se estás a falar comigo, ou com o teu filho, Com ele, contigo, com ambos, que posso eu fazer para emendar o mal feito, Que é que te aconselharia o teu coração de mãe, Que fosse procurá-lo, dizer-lhe que creio nele, pedir que me perdoe e volte para casa, aonde o Senhor o virá chamar, em chegando a hora, Francamente, não sei se vais a tempo, não há nada mais sensível do que um adolescente, arriscaste a ouvir más palavras e a levar com a porta na cara, Se tal acontecer, a culpa tem-na aquele demónio que o embruxou e perdeu, nem sei como o Senhor, sendo pai, lhe consentiu tais liberdades, tanta rédea solta, De que demónio falas, Do pastor com quem o meu filho andou durante quatro anos, a governar um rebanho que ninguém sabe para que serve, Ah, o pastor, Conhece-lo, Andámos na mesma escola, E o Senhor permite que um demónio como ele perdue e prospere, Assim o exige a boa ordem do mundo, mas a última palavra será sempre a do Senhor, só não sabemos é quando a proferirá, mas vais ver que uma manhã destas acordamos e descobrimos que não há mal no mundo, e agora devo ir-me, se tens mais algumas perguntas a fazer, aproveita, Só uma, Ótimo, Para que quer o Senhor o meu filho, Teu filho é uma maneira de dizer, Aos olhos do mundo Jesus é meu filho, Para que o quer, perguntas tu, pois olha que é uma boa pergunta, sim senhor, o pior é que não sei responder-te, a questão no estado actual, é toda entre eles dois, e Jesus não creio que saiba mais do que a ti te terá dito, Disse-me que terá poder e glória depois de morrer, Dessa parte também estou informado, Mas que irá

ele ter de fazer em vida para merecer as maravilhas que o Senhor lhe prometeu, Ora, ora, tu crês, ignorante mulher, que essa palavra exista aos olhos do Senhor, que possa ter algum valor e significado o que presunçosamente chamais merecimentos, em verdade não sei que é que vos julgais, quando não passais de míseros escravos da vontade absoluta de Deus, Nada mais direi, sou realmente a escrava do Senhor, cumpra-se em sim segundo a sua palavra, diz-me só, depois de todos estes meses passados, onde poderei encontrar o meu filho, Procura-o, que é a tua obrigação, ele também foi à procura da ovelha perdida, Para matá-la, Sossega, que a ti não te matará, mas tu, sim, o matarás a ele, não estando presente na hora da sua morte, Como sabes que não morrirei eu primeiro, Estou bastante próximo dos centros de decisão para sabê-lo, e agora adeus, fizeste as perguntas que querias, talvez não tenhas feito alguma que devias, mas isso é assunto que já não me diz respeito, Explica-me, Explica-te tu a ti própria. Com a última palavra, o anjo desapareceu e Maria abriu os olhos. Todos os filhos dormiam, os rapazes em dois grupos de três, Tiago, José e Judas, os mais velhos, a um canto, noutra canto os mais novos, Simão, Justo e Samuel, e com ela, uma de cada lado, como de costume Lísia e Lídia, mas os olhos de Maria, perturbados ainda pelos anúncios do anjo, arregalaram-se-lhe de repente, estarecidos, ao ver que Lísia estava toda descomposta, praticamente nua, a túnica arregaçada por cima dos seios, e dormia profundamente, e suspirava sorrindo, com o brilho de um leve suor na testa e sobre o lábio

superior, que parecia mordido de beijos. Se não fosse a certeza de ter estado ali apenas um anjo conversador, os sinais mostrados por Lísia fariam gritar e clamar que um demónio íncubo, desses que acometem maliciosamente as mulheres adormecidas, andara a fazer das suas no desprevenido corpo da donzela, enquanto a mãe se deixava distrair com a conversa, provavelmente foi sempre assim e nós que não o sabíamos, andarem estes anjos aos pares para onde quer que vão, e enquanto um, para entreter e fazer costas, se põe a contar histórias da Carochinha, o outro, calado, opera o actus nefandus, maneira de dizer, que nefando em rigor não é, tudo indicando que na vez seguinte se trocarão as funções e as posições para que não se perca, nem no sonhador nem no sonhado, o benéfico sentido da dualidade da carne e do espírito. Maria cobriu a filha como pôde, puxando-lhe a túnica até à altura do que é impróprio estando descoberto, e, quando a teve decente, acordou-a e perguntou-lhe em voz baixa, por assim dizer à queimadura, Que estavas a sonhar. Apanhada de surpresa, Lísia não podia mentir, respondeu que sonhara com um anjo, mas que o anjo nada lhe dissera, apenas olhara para ela, e era um olhar tão meigo e tão doce que melhores não poderão ser os olhares no paraíso. Não te tocou, perguntou Maria, e Lísia respondeu, Ó minha mãe, os olhos não servem para isso. Sem bem saber se devia tranquilizar-se ou preocupar-se com o que se passara a seu lado, Maria, em voz ainda mais baixa, disse, Eu também sonhei com um anjo, E o teu, falou, ou também esteve calado, perguntou Lísia, ino-

centemente, Falou para me dizer que teu irmão Jesus dissera a verdade quando nos anunciou que tinha visto Deus, Ai, minha mãe, que mal fizemos então, não acreditamos na palavra de Jesus, e ele tão bom, que, de zangado, até podia ter levado o dinheiro do meu dote, e não o fez, Agora temos de ver como o remediaremos, Não sabemos onde está, notícias não deu, o anjo é que bem podia ter ajudado, sabem tudo, os anjos, Pois não, não ajudou, só me disse que procurássemos o teu irmão, que era esse o nosso dever, Mas, ó minha mãe, se afinal foi verdade que o mano Jesus esteve com o Senhor, então a nossa vida, daqui por diante, vai ser diferente, Diferente, talvez, mas para pior, Porquê, Se nós não acreditámos em Jesus nem na sua palavra, como esperas que os outros acreditem, com certeza não queres que vamos aí pelas ruas e praças de Nazaré a apregoar Jesus viu o Senhor Jesus viu o Senhor, seríamos corridas à pedrada, Mas o Senhor, visto que o escolheu, nos defenderia, que somos a família, Não estejas tão certa disso, quando o Senhor fez a sua esco-

lha, nós não estávamos lá, para o Senhor não há pais nem filhos, lembra-te de Abraão, lembra-te de Isaac, Ai, mãe, que aflição, O mais prudente, filha, é guardarmos estas coisas nos nossos corações e falarmos delas o menos possível, Então, que faremos, Amanhã mandarei Tiago e José a procurar Jesus, Mas onde, se a Galileia é imensa, e a Samaria, se para lá foi, oua Judeia, ou a Idumeia, que essa está no cabo do mundo, O mais provável é teu irmão ter ido para o mar, recorda-te do que ele nos disse quando veio, que tinha andado com uns pescadores, E não teria antes voltado para o rebanho, Esse tempo acabou, Como sabes, Dorme, que a manhã ainda vem longe, Pode ser que tornemos a sonhar com os nossos anjos, Pode ser. Se o anjo de Lísia, acaso tendo fugido à companhia do parceiro, veio habitar-lhe outra vez o sono, não se chegou a perceber, mas o anjo do anúncio, mesmo se se esqueceu de algum pormenor, não pôde voltar, porque Maria esteve sempre de olhos abertos na meia escuridão dacasa, o que sabia sobrava-lhe, o que adivinhava temia".

## A Poesia do Pós-Guerra

---

O período pós-Segunda Guerra Mundial foi de tristeza e desencanto; o continente europeu ficou profundamente marcado pelo conflito mundial. Foi a época da Guerra Fria e da ameaça de Guerra Nuclear. Mediante esses fatos, os poetas

criam uma poesia intimista, mas simultaneamente preocupada com o destino pessoal e coletivo, adotando um tom de protesto contra as injustiças e arbitrariedades do mundo. O número de autores e correntes tornou-se muito grande.